

Anno VIII - Abril, 1923

Vol. XXII - Numero 88

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDATOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

O MOMENTO	P. P.	289
O DIARIO DE PERO LOPES DE SOUZA E O LITTORAL PAULISTA	Gentil Moura	293
O DIABO	Julio Cesar da Silva	296
O TURISMO NO BRASIL	Antenor Nascentes	305
FATIA DE VIDA	Monteiro Lobato	308
PROBLEMAS MILITARES	C. Torres Guimaraes	314
ASSASSINIO — ASSASSINATO	José Patricio de Assis	321
CRÓNICA DE ARTE	Mario de Andrade	324
LIMA BARRETO	Sylvio Rabello	328

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ
CURIOSIDADES — DEBATES E PES-
QUIZAS — AS CARICATURAS
DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÖES, 70 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL — RUA DOS GUSTMÓES, 70 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO Teleph.
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000 NUMERO AVULSO — 1\$800 Cidade.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA 6278

BIOTONICO FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS
E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
— GRESSO MEDICO BRASILEIRO —

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto “Medicamenta”
FONTOURA, SERPE & C. - S. Paulo

Byington & Cia.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIO

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcçao de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA No. 4

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebedas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Atesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tonica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

DOE ? GELOL !!

CURA qualquer DÔR
NEVRALGICA ou
RHEUMATICA
em pouco tempo.
TUBO 2\$500

INFLUENZA
CONSTIPAÇÃO E GRIPPE

Aborta-se e cura-se com o

SALKINOL

Tendo tosse, use o nº 2
Não tendo, use o nº 1

RHEUMATOL
FORMULA DO CLAUDIO SOUZA
Especifico do
RHEUMATISMO,
sob qualquer forma que
se apresente.

SABONETE =PACAEIMBÚ=

Rivalisa com o
melhor de qualquer
procedencia. ~ ~ ~
Acondicionado em
elegantes caixas ~
metallicas de tres
sabonetes. ~

AS SENHORAS

Durante e depois da GRAVI-
DEZ devem usar

GRAVIDINA

FORMULA
D^o ALFREDO ZUQUIM

Previne e evita os acciden-
tes da GRAVIDEZ.

VIDRO 3\$000



Auto Geral



Accessorios em geral
para toda
classe de automoveis.

Attendem-se pedidos do interior com a
: : maxima promptidão : :

A U T O - G E R A L

R. Barão de Itapetininga, 17

CAIXA POSTAL N. 284

TELEPHONE 4906 e 5769 Cidade

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "AUTO - GERAL"

S. PAULO.

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

O MOMENTO

PARA fazer companhia ás estatuas de Garibaldi, de Verdi e do indio milanez do Sr. Brizzolara, S. Paulo deve tambem levantar um monumento a Sarah Bernhardt.

Foi a sua imaginação complicada de mulher, de comica e de judia, que inventou e nos offereceu em adulacão interesseira esse qualificativo, accepto com entusiasmo, de — capital artistica do Brasil. Nelle vinha envolto na lisonja o veneno delicioso — criador de sonhos e illusões — a que um escriptor francez, inventor do termo, chamou bovarysmo.

Bovarysmo é o dom que possue o homem de se imaginar differente do que realmente é. A expressão, que tem corrido mundo, foi sugerida por um dos sentimentos dominantes nos personagens de Flaubert. Como os individuos, as collectividades tambem sof-

frem dessa deformação da personalidade. O Brasil inteiro tem sido vítima desse mal extranho. Foi elle que nos trouxe a imitação infantil do sistema político inglez — o regimen do polichinello eleitoral, dansando nas mãos do imperador, de que nos fallava Tito Franco; foi elle que nos levou ao arremedo do constitucionalismo americano, lembrando a paixão caricatural dos franceses da Revolução pelos aspectos exteriores da vida greco-romana.

Em S. Paulo, nesta sociedade em formação, o bovarysmo é um dos sentimentos preponderantes do nosso carácter. Delle nos vêm os excessos do orgulho e da vaidade, tão sensíveis e desagradáveis para os nossos patrícios de outras terras brasileiras. Dessa enganosa illusão originou-se a velleidade de S. Paulo-nação, desde os rigores do protocollo official até o pequeno exercito em miniatura de que tanto nos orgulhamos. Mas de todas as nossas pretenções megalomanicas, nenhuma sobrepuja a tradicional convicção de que somos — a capital artística do paiz. No fertil terreno da nossa imaginação bovaryca, cresceu e fructificou com incomparável viço a semente que nos lançou, num gesto de esmola agradecida, a mão fina de Frou-Frou.

Nesta capital artística, porém, a Arte vive no mais amargo exílio. Salvo um ou outro grupo ignorado ou aggressivo, exceptuada uma ou outra individualidade que se estiola em mofina indifferença, nesta capital da Arte não ha artistas. O que por ahi se chama Arte é uma grosseira caricatura das Musas divinas.

Em musica estamos em atraso de mais de cincuenta annos; ainda não passamos do periodo balbuciante da menina que toca piano, e gastamos rios de dinheiro para ouvirmos, encasacados e solemnes, as mais bolorentes operas do velhissimo repertorio italiano. Em 1923 ainda se diz, com pretenções a pilheria, que Wagner é musica do futuro...

Em pintura, della só cuidamos para a repugnante exhibição do mau gosto dos novos ricos. A ultima palavra neste genero ainda é o retrato parecido ou a anecdotá tocente, narrada pelo pincel assucarado dos pintores veristas.

Na escultura, caso houvesse moral artistica, seria prohibido á infancia inocente perverter-se na contemplação dos monstros semeados pelas praças e ruas da cidade; nessa hedionda collecção — semelhando o musée des horreurs, de Courteline — só se destacam duas ou tres obras — uma das quaes admiravel — perdidas em meio da indifferença publica.

Arte é, pois, o chromo ou a paizagem lambida dos cavadores da pintura em marcha para a Pinacoteca official; é a opera pretenciosa, atrasada e falsa, ou o hymno Nacional de Gottschalk; é a Venus de Milo para tinteiro, ou o menino travesso que no Anhangabahú amóla o alfange com o qual deveria suicidar-se...

Si por acaso aqui apparecessem o Balzac, de Rodin, os quadros de Cezanne e Matisse, ou no Municipal a Heure espagnole, de Ravel — que homérica gargalhada sa-

cudiria a tristeza do nosso p^úblico conse-
lheiral! Como essas obras primas da verda-
deira Arte assanhariam o odio dos philis-
teos!

E' que, na verdade, ha uma falha la-
mentavel no nosso progresso. Cuidamos de
tudo, mas esquecemos-nos do harmonico
desenvolvimento das nossas for^cas civilisa-
doras. Enriquecemo-nos; levantamos uma
bella cidade moderna nestes campos onde ve-
getava a pequena S. Paulo academica e ro-
mantica; erguemos nas nossas varzeas —
onde havia flores, como na can^coⁿ n^o nacional
— as gigantescas chaminés das fabricas;
conquistamos a terra ignota dos sertões pau-
listas, e — sobretudo — estendemos pelos
largos horizontes do interior o vastissimo
manto verde-escuro dos cafezaes...

Mas neste corpo em plena crise de cres-
cimento, n^o vimos a falha pathologica, que
é nossa profunda anemia intellectual e artis-
tica. Para caso tão grave de desnutrição
idealista, as illusões do bovarysmo são apenas
o opio e a morphina que n^o curam, e só ser-
vem para a rhetorica dos especuladores poli-
ticos.

P. P.



O DIARIO DE PERO LOPES DE SOUZA E O LITTORAL PAULISTA.

E, muito resumido nos informes topographicos, o diario de Pero Lopes na parte em que descreve a viagem de Martim Affonso de Souza, desde o Rio de Janeiro até a ilha de Cananéa. Esse laconismo tem justificativa em varias causas: na morosidade da viagem que durou doze dias, feita sob ceu encoberto e atravez de densa cerração que não permittia observações do sol ou obrigar referencias de terra, num mar agitado por ventos contrarios que forçavam as naus seguir rumos em zig-zag, correndo sempre o risco de serem arremessadas á terra.

Dois unicos pontos foram tocados entre o Rio de Janeiro e a ilha de Cananéa: o que vem referido no dia 9, onde desembarcaram um interprete para orientar-se da situação e a ilha de Alcatrazes.

O desembarque do dia 9 parece ter-se effectuado em praia oriental da ilha de S. Sebastião, possivelmente na bahia hoje chamada dos Castelhanos, conclusão que parece acertada se attender-se aos rumos seguidos nos dias 9 e 10, quarta-feira.

No dia 10 o rumo foi de sulsudeste e nessa direcção foi attingida a ilha dos Alcatrazes o que indica ficar o lugar de desembarque do interprete a nornordeste daquella ilha e corresponde, nos mappas actuaes, á bahia dos Castelhanos.

Com os rumos seguidos nesses dois dias, impossivel seria tocarem pontos do continente, tendo a ilha de S. Sebastião de permeio.

E desde que se falla em interprete, lembremos que na armada viajavam "quatro lingoas da gente da terra": Pedro Capico e Diogo Leite que tinham vindo em companhia de Christovam Jacques, Henrique Montes que acompanhara Cabote e o piloto Pedro Annes que é referido em 12 e 17 de Agosto do diario, quando a expedição estava em Cananéa.

Parece que a armada tinha intenção de tocar no porto de S. Vicente como claramente deixa entender a anotação do dia 8 (terça-feira do diario); mas com o céu fechado ás observações do sol e a terra envolta em densa cerração, não foram possíveis os reconhecimentos indispensaveis. Ella passou por S. Vicente sem perceber seu porto.

Somente no decimo dia é que apareceu o sol e dissipou-se a cerração quando as naus estavam fronteiras á ilha de Cananéa, porto em que demoraram 46 dias e donde prosseguiram para o rio S. Maria.

A entrada em S. Vicente e o seu consequente povoamento teve lugar no regresso do sul, em 20 de janeiro de 1532, cerca de seis mezes depois que a armada por ahi passou.

Acompanhando-se o diario, no regresso do sul, vê-se que no dia 8 de janeiro, no quarto d'alva, passaram por Cananéa com intenção de alcançar S. Vicente que ficava a 15 leguas, distancia aliás apreciada com erro, porque esses dois portos estão distantes, em recta, duzentos kilometros ou cerca de 33 leguas.

A corrente marítima sendo forte e o vento impetuoso, tiveram de abrigar-se nessa ilha até o dia 16.

No dia 17 continuaram a derrota e fizeram 10 leguas, passando no dia 18 pela latitude de $24^{\circ}35'$ que corresponde ao paralelo da barra do Ribeira do Iguape.

O dia 19 é omittido no dario e no dia 20, domingo, pela manhã, viram a distancia de 4 leguas a abra ou bahia de S. Vicente que lhes ficava a a N. N. O. e para onde seguiram com o vento L. N. E. indo ancorar a meia legua de terra em fundo de 15 braças.

A' tarde soprou forte vento N. O. com chuva e trovoada. O mar agitado chegava a cobrir o portaló e se não fora ter-se quebrado a unha da ancora, uma das naus teria sossobrado.

Tendo o vento mudado para oeste deram á vela e foram ancorar, á noite, dentro da abra, em fundo de 6 braças e areia grossa.

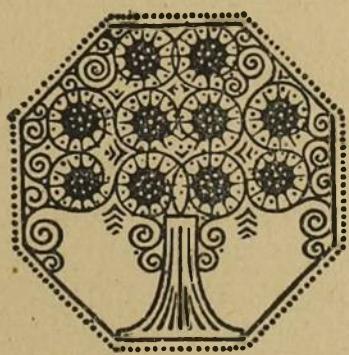
No dia 22 pela manhã foi o anotador do diario em um batel para a banda "dal oeste" (oeste) da bahia onde achou um rio estreito em que as naus podiam ser reparadas e á tarde, com vento sul, metteram todas as naus nesse porto, varando uma delas em terra.

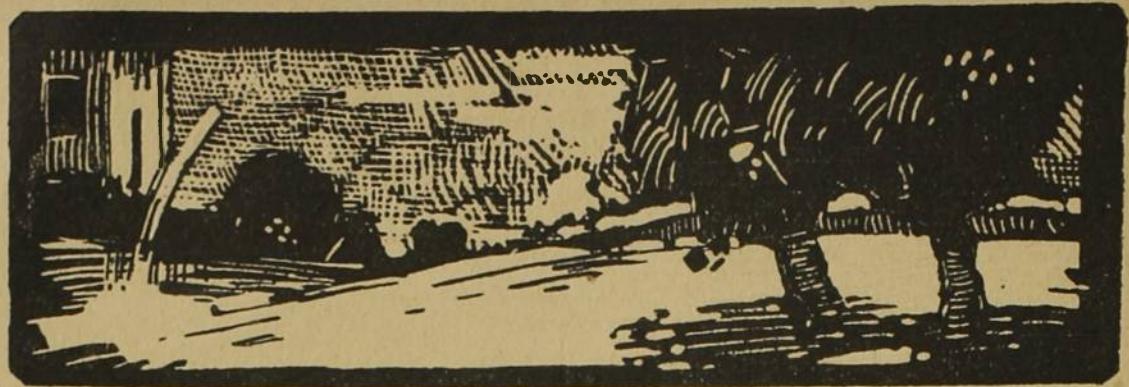
Identificando-se os pontos percorridos nos dias 20 e 21 com os nomes modernos, temos que na tarde de 21 a nau ancorou a meia legua da barra de Santos, em ponto fronteiro á barra do Embaré ou do Zé Menino. Com o temporal de oessudeste, seguiu para o canal da ponta da Praia, indo ancorar dentro da abra que fica entre aquella ponta e o Outeirinho.

Desse porto voltaram no dia 21 proseguindo até a ilha do Sol, que é a actual do Frade ou do Barbosa, na pequena bahia de S. Vicente em terreno onde lançaram os fundamentos da primeira villa no paiz.

Desse ancoradouro é que partiu o batel dia 22 e encontrou o rio estreito que foi o seguro ancoradouro das naus, o porto de Tumiárú ou das Naus como inda hoje é conhecido.

GENTIL MOURA.





O DIABO

— Aquelle não é o Juquinha?

— E', sim, mas não é preciso olhal-o desse geito. Finja que não o vê.

— Oh! isso não. Quero-lhe muito bem. Você é ingrato, Affonso! E a piedosa senhora, agarrando o braço do marido, obrigou-o a parar.

— Lembre-se, Affonso, que se não fosse elle, não estariamos hoje casados. Foi elle quem nos approximou um do outro, quem teceu as primeiras intrigas do nosso namoro, quem me entregou a primeira carta que você me escreveu. Não, devo-lhe muito, devo-lhe toda a minha felicidade. Não quero que você o despreze, sim?

Affonso sentia-se commovido com as palavras da mulher. Vinham do cinema. A garôa era espessa áquelle hora da noite. Ella estava envolvida num amplo "manteau" e além disso tinha o pescoço abrigado numa boá de pelle de raposa. Elle trazia levantada a gola do sobretudo e as mãos enterradas nos bolsos.

Juquinha, encostado á porta de uma cervejaria, permanecia immovel, com os olhos pregados no chão. Póde ser que estivesse distrahido, mas póde ser tambem que fosse proposito. O pudor dos seus frangalhos deu-lhe o habito de desviar os olhos toda vez que encontrava antigas relações de sociedade. Mais que o fato ensebado e morrinhento e os sapatos encorreados, que pouco conservavam da forma primitiva, a barba crescida de muitos dias, onde se viam fios brancos, imprimia-lhe um aspecto de resignada indigencia.

Foi d. Laura quem se adeantou:

— Juquinha...

O pobre moço deu alguns passos para dentro da cervejaria. Talvez não tivesse ouvido o appello ou talvez tentasse evitar aquelle encontro que o embaraçava. Isso sensibilisou ainda mais a linda senhora, que o alcançou e o fez parar, collocando a mão enluvada sobre o seu hombro numa pressão affectuosa. Por um instante receou que elle estivesse embriagado. Mas a piedade sobrepôs o receio, e sem retirar a mão do hombro do moço, guiou-o para fóra, onde Affonso os esperava, vagamente apprehensivo.

— Venha comnosco, Juquinha! Estou com muita saudade de você e temos muita coisa que conversar, falou d. Laura com uma inflexão muito enternecedora na voz.

— Que grande desajuizado que me sahiste! exclamou Affonso, passando para outro lado, de modo a ficar Juquinha flanqueado entre os dois. Ha muito tempo que não te vemos e não temos notícias de ti. Acompanha-nos até a casa, e em caminho vae nos contando que diabo de vida tens levado.

— Você vae contar-nos tudo, Juquinha, tudo o que lhe tem acontecido. Eu mereço uma confidencia sua, bem franca, bem sincera porque você bem sabe quanto o estimo, não é verdade?

— Sei, murmurou por fim o rapaz, confirmando com um gesto lento de cabeça aquella amorável certeza.

— Porque então não nos procurou mais? Isso até parece ingratidão. Sei que tem soffrido muito, muitas necessidades; pois por isso mesmo é que deveria procurar-nos, a nós, que somos os seus melhores amigos. Se você não fugisse de nós, acredite que não teria soffrido tanto.

— Pois decerto, confirmou o marido. Eu, por minha parte, não consentiria que tivesses desandado nessa miseria. Havia de guiar-te na vida, dar-te um emprego, fazer por ti qualquer coisa.

Tinham chegado a uma pequena praça arborisada. A garôa tornara-se tão densa que nem se viam os mais proximos combustores de gaz, e o halo que circumdava cada foco de luz parecia limitar a sua irradiação.

— Vocês ainda moram aqui? indagou o rapaz, erguendo a gola do paletot, transido de frio.

— Não. A nossa casa fica no segundo quarteirão depois da praça. Vamos até lá. Quero oferecer-te uns grogs quentes.

— E enquanto caminhamos, vae nos contando a sua história. Explique-nos primeiro que phénomeno é esse que transformou o moço elegante que você era, tão elegante e brilhante, no bohemio que é hoje. Custa-me até a crer!

— Contarei tudo, porque não? Não é segredo. Mas contarei quando chegarmos a casa e o Affonso me encorajar com uma dóse de cognac.

Em poucos minutos chegaram a casa. Era um lindo bungalow acabado de fresco. Entrava-se por um largo portão de ferro. A areia da aléa estalava sob os pés. De lado a lado extendiam-se renques de arbustos, que pareciam, envoltos no nevoeiro, tapumes alvacentos.

O bohemio não poude disfarçar o seu embaraço quando entrou na sala de jantar. Aquella illuminação excessiva, o luxo daquelle interior e a elegancia apurada dos seus amigos punham mais em evidencia a sua miseria, e a tornavam quasi theatrical.

D. Laura fel-o sentar junto á mesa, foi ella mesma buscar uma garrafa de whisky e dois calices. E despejando o liquido de alto, muita risonha:

— O cognac acabou-se. Contente-se com isso. Não conte a sua historia enquanto eu não voltar. Vou libertar-me do "mantau" e do chapéo.

Depois que ella voltou e se sentou ao lado do marido, abrindo-o pelo pescoço com seu braço nú, é que Juquinha começou a contar as suas aventuras, depois de encher novamente o calix.

— Vocês nunca ouviram falar que a gente quando vê o diabo nunca mais tem sorte?

— Engraçado... commentou a moça. Nunca ouvi falar nisso.

— Meu pae, continuou o bohemio, era muito lido em coisas satanicas. Sabia invocações, exorcismos, toda a thaumaturgia medieval. Fazia collecção de pentaclos de magia negra. E elle me dizia sempre que quem se encontra uma vez com o diabo será sempre infeliz. Foi o que me aconteceu...

— Ein? fez Affonso, arregalando os olhos. Viste então o diabo?

— Vi e privei com elle durante algumas horas.

Juquinha que tinha os olhos pregados nos dois amigos, desviou-os sob pretexto de apalpar as algibeiras a ver onde estavam os cigarros. Não trazia cigarros. Foi um jogo para dar tempo ao casal de trocar entre si um sorriso, que é o unico comentario que merecem os disparates. Erguendo depois os olhos e fixando-os de novo nos dois:

— Vocês estão a cuidar que perdi o senso, que o soffrimento, as privações e tambem o alcool me avariaram o juizo. Nada disso. Intellectualmente sou o mesmo homem de outros tempos. Estou de posse de todas as minhas faculdades. Verdade é que ninguem se conhece. Se se perguntar a um bobo se elle é bobo, responderá sem pestanejar: "Bobo, nada!" Mas o meu caso é diffe-

rente. Sou dotado de um grande senso critico e de analyse e posso garantir a integridade da minha razão.

— Creio, creio, mas explica-nos lá como foi que viu o diabo.

— Foi logo depois que vocês se casaram. O vicio do jogo me havia empolgado inteiramente. Ao cabo de alguns meses tinha perdido tudo e só me restavam titulos de dividas. Perdido o credito, entrei a viver a custa dos meus amigos, que me forneciam, a principio de boa sombra e depois á má cara, ceias, charutos e algum dinheiro meúdo. Então, ainda era elegante, conservava alguma linha de distincção e, embora raramente, ainda aparecia na sociedade, onde, como vocês se lembram, me impunha pelo meu brilho pessoal. Uma vez, no club, cançado de farejar como mirone as mesas de jogo, cocando as grandes paradas felizes, a ver se me davam algumas fichas, o que era raro porque todo mundo já me olhava com desconfiança, sentei-me a uma mesa, sózinho, e comecei a divertir-me com um baralho velho. Figurei um pocker a dois, entre mim e o diabo. Coisa de travessura. Ora eu dava as cartas, ora o diabo as dava. Como me habituara a perder sempre, mesmo nesse jogo caprichava em perder. Como os namorados sem ventura, eu inventava novas angustias para aumentar o meu desconsolo. Assim, por exemplo, dadas as cinco cartas, eu olhava as do diabo para fazer as pedidas, de uma, de duas ou tres cartas, conforme a combinação que queria obter. As minhas, porém, eu não olhava. Eu jogava sempre "no escuro". Sabes o que isso quer dizer?

— Tu o dirás.

— No pocker, como em outros jogos mais, quando o parceiro "vae" sem ver as suas cartas, diz-se que "vae no escuro". E' sempre arriscado isso e é o que eu fazia. Eu comprava duas ou tres cartas sem ver as minhas, ou não comprava nenhuma e apostava sem ver. Pois, meus amigos, quando eu ia verificar o meu jogo, era certo que tinha pelo menos uma quadra e, ás vezes, combinações que só se acertam uma vez na vida. Eu estava assombrado. Numa dessas ocasiões chamei um rapaz que passava para lhe contar a coisa estranha. Ele fez que não me ouviu, e seguiu adeante. Comprehendi. Era um jogador que se retirava contando os lucros...

— Como você decaiu, Juquinha! ciciou d. Laura, meneando a cabeça com lastima.

— Muito mais do que pensa, minha amiga. Eu estava então no primeiro degráo da minha decadencia.

Disse isso de uma fórmula que poderia parecer cynismo se não fosse proposito de sinceridade.

Depois, mudando de tom:

— Continuei nas minhas experiencias. E caprichando sempre na combinação das cartas quando fazia o jogo para o diabo, e fazendo o meu ás cegas, vinham-me ás mãos os jogos mais extraordinarios. Ao levantar-me para sahir, disse quasi em voz alta: "Vale a pena ter o diabo como parceiro!"

Antes de me dirigir ao vestiario para tomar o meu chapéo e sobretudo, fui até ao salão a ver se havia algum conhecido. Lá estava um individuo a ler um jornal. Era um typo estranho, exótico. Usava umas polainas de tecido espesso, que julguei a principio que fosse astrakan, e que lhe davam um aspecto de frango calcudo. Era provavelmente um nobre russo. Todo elle, afóra os pés, desapparecia envolto num sobretudo inverosimil, de desenho escossez de varias cores. Coisa de dar na vista. O perfil, de nariz proeminente e de curva em bico d'aguia, tinha uma expressão durissima. Quando terminei o meu exame, o homem levantou-se. Era alto e magro. Altura e magreza excessivas. A cara escanhoadada era de um tom violaceo na zona ocupada pela barba. Encaminhou-se para o meu lado com uma lentidão que me pareceu propositada, como se quizesse dar-me tempo para examinal-o melhor.

— Cavalheiro, falou, estava aqui a espera de alguem que me conduzisse á sala de jogos. Não conheço ninguem... Quererá o senhor fazer-me companhia?

— De boa vontade! respondi com uma alegria transbordante, com essa alegria e solicitude que revelam, no "piaba", a esperança das propinas.

— Eu não sei jogar, nunca joguei, disse. O senhor jogará por mim.

— Que jogo?

— Não sei. Qualquer. Roleta, baccarat, campista. E quanto será preciso de capital?

— Para começar bastam duzentos mil réis, informei.

— E' pouco.

E enfiando a mão nas profundidades do sobretudo, tirou uma carteira de couro.

— Aqui está um conto de réis.

Ao guial-o á sala de jogo, onde todas as mesas estavam funcionando, puz-me de espreita a ver a impressão que o meu exótico companheiro havia de causar. Ao contrario do que pensava ninguem o notou. O proprio "garçon" que passava com a bandeja e veiu offerecer-nos café, olhou-o tão naturalmente como se olhasse uma pessoa normal. Eu então para forçar-lhe a curiosidade, pisquei-lhe um olho e apontei o meu companheiro

com um soslaio significativo. O "garçon" não me comprehendeu. Sorriu apenas, por deferencia. O "chasseur" que me trouxe as fichas, os mirones ociosos, todos o olhavam sem dar mos- tras de extranhal-o. Isso intrigou-me.

— Vamos começar pelo baccarat? propuz.

— Como quizer.

E mostrando, num sorriso malicioso, os dentes grandes como tremoços:

— Vae ver o senhor que vale a pena ter o diabo como parceiro.

— Que! fiz eu com espanto. Que quer dizer com isso?

— Nada, uma simples phrase.

Na verdade era uma simples phrase que nada significava. Quanto ao ser ella a reprodução de um pensamento que eu formulara minutos antes, devia ser isso levado á conta de coincidencia. Ao passarmos pela mesa de baccarat, o "croupier" anunciou um "bancô" de um conto de réis.

— Faça o "bancô", insinuou o meu companheiro.

Fiz. Ganhei. Recolhidas as fichas, dividi-as em dois montes sobre cada "tableau", por ordem do meu companheiro. Lá as deixei "dormindo". Quando o banqueiro se confessou vencido e deixou de bancar, tinhamos ganho precisamente dezeseis contos. Passámos á roleta. Distribui algumas fichas pelas casas da primeira duzia. Coisa de umas centenas de mil réis. Quando, porém, a bolinha ia cahir na baia, puz á pressa uma ficha de duzentos no zero, sempre em obediencia ao homem. Deu o zero. Ganhámos sete contos. Como sempre, ia-me elle indicando os numeros sobre que devia jogar, e assim acertamos, sem errar uma unica vez, no 4, no 11, no 36, no duplo zero, e mais tres vezes, a seguir, no zero. Eu ia diminuindo as paradas com pena do banqueiro, que, por fim, assombrado, anunciou a ultima bola. Na campista, a mesma sorte. Elle dizia-me ao ouvido a combinação, e a combinação dava invariavelmente. Eu estava positivamente cançado de ganhar.

— Quanto ganhaste ao todo? interrompeu Affonso, a quem aquelles pormenores de jogo não interessavam.

— Cem contos, sem contar uns tres ou quatro que distri-
bui em propinas entre os empregados do club.

Eram cinco horas da madrugada. Suspenderam-se os jogos porque eu tinha "arrebentado" todas as bancas. Já não havia quasi ninguem. Propuz ao homem trocar as fichas em dinheiro. Elle concordou com um gesto de cabeça. O empregado do ca-
cifo entregou-me pelo guichet cem contos. Eu estava radiante e

antegosava o prazer das propinas que me estariam reservadas. Recebido o dinheiro, contado e recontado, voltei-me para lh' o entregar. Elle tinha desapparecido. Procurei-o por toda parte. Nada. Indaguei dos empregados. Ninguem o viu, ninguem se lembrava delle. O "garçon" que nos servira o café informou, sem muita segurança, que o vira sahir em companhia de outros. Como podia tratar-se de outra pessoa, descrevi o typo:

— Um homem muito alto, muito magro, de polainas pelludas...

O "garçon" não se lembrava de ter visto ninguem desse feitio.

Desanimado de o encontrar, sahi. A rua Quinze estava inteiramente deserta. Fui andando á espera de um bonde, mas apprehensivo com o incidente. Aquelle dinheiro incommodava-me. Ao chegar á praça da Cathedral, senti no ombro a pressão de uma mão. Voltei-me, suprehendido. Era o meu homem. Dir-seia que elle surgira do chão naquelle momento.

— Onde estava o senhor? perguntei com espanto e de uma forma que o fez rir.

— Tinha apressado o passo para alcançá-lo.

E' possivel que fosse assim, apezar de eu não ter presentido ninguem atraç de mim. Levei, pois, o caso á conta de distração.

— Aqui está o seu dinheiro, disse-lhe, fazendo o gesto de sacal-o do bolso.

Elle tolheu o meu gesto.

— Guarde-o para o senhor. Restitua-me apenas o capital inicial. Os lucros são seus.

— Mas...

— E' como digo. Tenho repulsão por dinheiro de jogo. E' uma questão de principios.

A esportula sahia-me mais gorda do que eu pensava. Murmurei um "obrigado". Nunca tive uma noçao tão nitida da felicidade como naquelle momento.

— O ar está tão fresco! falou. Vamos andando a pé? Onde mora o senhor?

— Na rua Vergueiro, na ultima casa.

— Na penultima, quer dizer...

— Não, na ultima.

— Na ultima moro eu, affirmou num tom secco. Estou bem certo disso porque além da minha casa ha apenas um campo abandonado. Conheço a sua casa. Tenho-o visto ás vezes á janella.

A minha casa era a ultima da rua. Mas não discuti. Demais, ia ter a prova quando lá chegassemos.

— Não seria melhor irmos de taxi? propuz. Olhe que a distancia é grande!

— Não digo que não. Sem embargo, vamos andando para desemperrar as pernas. Está tão agradavel a temperatura...

Desde esse momento áquelle em que avistei a minha casa, no extremo da rua, não me lembra mais o que sucedeiu. Tive a impressão que todo aquelle longo trajecto foi feito em fracções de segundos. Entretanto, não poderíamos ter vencido a distancia em menos de uma hora. Durante esse espaço de tempo o meu pensamento esteve suspenso. Tratei de invocar tudo que pudesse trazer-me á realidade, a ponte, o quartel de policia, certos aspectos familiares da rua, mas tudo me passara despercebido e por tudo passei como se estivesse dormindo.

— Esta é a nossa casa, falei, parando deante do portão. Vamos entrar?

— Oh! não!

Acompanhei-o mais alguns passos. De facto, depois da minha casa havia outra. O meu companheiro tinha pois razão. Em tanto eu era capaz de jurar que depois da minha casa não havia mais nenhuma. E não se diga que eu não conhecia o bairro. Havia dez annos que eu morava alli.

A casa delle, que ficava logo adeante da minha e que eu via pela primeira vez, era um casarão soturno de estylo colonial. Elle tirou a chave do bolso, abriu a porta.

— Quer entrar um bocado?

— Não, fica para outra vez.

Elle extendeu-me a mão, uma mão de dedos longos e fortes.

— Devo-lhe um immenso obsequio, meu caro senhor, e ainda não sei o seu nome.

— Pedro Botelho.

Sorriu de um geito especialissimo, quasi com uma careta de escarneo, e entrou.

Dei alguns passos e ouvi o rumor da porta que se fechou atraz de mim. Nesse instante lembrei-me de combinar com elle um ponto de encontro á noite para irmos ao club. Voltei imediatamente. Onde estava a casa? Não existia. Em lugar della, lá estava o velho muro de taipa, muito meu conhecido. Dei alguns passos para traz afim de examinar melhor o sitio. Além do muro só havia o campo. Meus cabellos arrepiaram-se. Entrei em casa e recostei-me na cama para esperar o dia. Não ha como o sol para afugentar essas abusões. Eu estava convencido de que fora victima de uma allucinação. Mas veiu o dia e com elle todos os rumores da rua. As pessoas da casa levantaram-se. Levantei-me tambem. O meu primeiro cuidado foi sahir para examinar o ve-

lho muro. Lá estava elle, esboroado em parte, todo coifado de vegetação brava, tal como o via todos os dias havia dez annos. Que estranha allucinação a minha! Receei um desequilibrio mental. Eu precisava provar a mim mesmo que tudo aquillo não passava de um sonho de allucinado. Foi quando me lembrei do dinheiro. Com um gesto subito apalpei o bolso interior do sobretudo. Senti-lhe o volume e o peso. Expul-o á luz do dia, olhei-o bem, examinei a estampa de algumas cedulas... Não era portanto um sonho, mas realidade.

— E que fizeste dos cem contos? perguntou Affonso.

— Duraram alguns dias. Perdi-os ao jogo.

E emborcando o calix de whisky:

— A datar dessa aventura, tudo em minha vida é uma sucessão de desastres e decepções. Tudo me sae torto.

Levantara-se. D. Laura, que estava impressionada, perguntou:

— Não será um phenomeno de espiritismo, Juquinha?

— Não faço idéa. Não creio no espiritismo. Demais, fui sempre um sceptico. Nem em Deus acredito.

— Mas acredita no diabo...

— Isso é outro caso...

JULIO CESAR DA SILVA.



O TURISMO NO BRASIL

Como tantas coisas nos paizes novos, o turismo não está adiantado no Brasil. Se de um lado nos faltam aqueductos romanos, castelos medievais, ruinas prehistóricas, por outro sobejam-nos as belezas naturaes em todos os Estados.

Muitas coisas concorrem para o nosso atraso em matéria de turismo.

Faltam-nos, antes de tudo, meios cômodos de transporte. Tirando a Central, a Inglesa e a Paulista, que já teem bons serviços de *sleeping car* e *dining-car*, as demais companhias de estradas de ferro sujeitam os passageiros a refeições apressadas em maus restaurantes do caminho, a más dormidas em apertados e sacolejados leitos em carros dormitórios sem banheiro nem outros confortos que suavizem as agruras da viagem.

Poucas agências existem que se encarreguem do transporte, para hoteis e gares, das bagagens dos viajantes. O viajante ao chegar a qualquer estação é sitiado por uma multidão de ganhadores a apregoar seus serviços, pagos a peso de ouro. E' verdade que no Rio já existem agências, em Santos também, mas a ignorância da existência delas e a pouca propaganda muitas vezes as tornam quasi inuteis. Desembarcava eu em Santos em Dezembro passado e, entre dezenas de carregadores que acenavam para o navio, apenas vi dois de uma agência, a quem confiei minhas bagagens. Indiquei para onde ia, em que hora lá estaria, fui almoçar, passeei pela cidade e, á hora aprazada, tudo o que era meu estava pronto para seguir viagem para S. Paulo sem que eu tivesse outro trabalho além de pagar a módica taxa de 2\$500. Meus companheiros de viagem que entregaram suas bagagens a carregadores avulsos, tiveram aborrecimentos e ainda se sujeitaram a pagar o que êles exigiram.

As agências precisam, por meio de anúncios nos navios, trens, guias, hoteis, tornar-se mais conhecidas do público para benefício recíproco. Quem uma vez se livra da praga dos carregadores, não quer mais saber senão da agência.

No Uruguai há uma, *La Uruguaya*, que por preços muito módicos se encarrega de despachar na alfândega e levar ao ponto indicado as bagagens dos viajantes; na Argentina há duas, *La Confianza* e o *Expresso Villalonga*, que mandam representantes aos pontos de embarque e desembarque.

Porque não fazermos outro tanto?

Outro problema difícil: os hóteis. Bons hóteis, embora caros, há nas grandes cidades. Mas nem todos os viajantes são milionários. Em viagem é sempre bom, por causa dos imprevistos, poupar algum dinheiro; daí procurar hóteis confortaveis que não obriguem a desvaziar a bolsa e desses hóteis há falta. Pequenas comodidades, como nos aparelhos sanitários e banheiros, não dispendiosos, não fazem parte das cogitações dos hoteleiros. No hotel X o banheiro e o *water-closet* ficam no meio de uma área e não teem luz, o que obriga um viajante a dirigir-se áqueles compartimentos através da chuva e a tomar banho no escuro! Que custava fazer uma pequena passagem coberta e pôr uma lâmpada no banheiro? O proprietário ganha da mesma forma, por isso não se incomoda.

No hotel Y, a simples abertura de uma porta numa parede dispensaria o hóspede de, para ir ao banheiro, dar de pijama uma volta enorme por uma varanda que dá para o jardim da frente da rua. Porque não se abre essa porta?

Felizmente há excepções honrosas. Em Sant'Anna do Livramento tive uma verdadeira surpresa quando me hospedei no hotel existente na praça principal. Um pequeno, mas asseiado *hall*, quartos bem caiados, com móveis novos, água encanada, muitos e bons banheiros, bela sala de jantar com mesas pequenas, tudo isso aliado a uma gentileza francesa no modo de tratar e à modicidade dos preços.

Oxalá todos os nossos pequenos hóteis se comparassem a este!

Problema importante para quem viaja é a provisão de dinheiro em casos imprevistos de roubo, perda, excesso de despesa.

Felizmente este problema já está em parte resolvido com as agências que o Banco do Brasil tem espalhado por toda parte. Tive há pouco oportunidade de verificar. Munido de um saque á minha ordem, com a simples apresentação dos meus papéis de identidade, levantei facilmente um dinheiro de que inesperadamente precisei.

No Rio Grande do Sul o Banco da Província tem filiais em todas as cidades importantes, de modo que fica fácil assim levantar dinheiro por intermédio deste banco.

Poucas cidades temos nós que representem um labirinto onde o viajante se perca, de modo que, a não ser para o Rio de Janeiro, e S. Paulo, quase não há necessidade de um guia.

Entretanto, um guia não é absolutamente desnecessário.

O guia é quem antes da viagem nos indica o que há que ver em cada cidade, poupando-nos assim tempo e trabalho.

Não temos, nem para o Rio de Janeiro, guias dignos deste nome. Quando vemos os belos guias europeus, os Bedaecker (do qual já existe um volume para a República Argentina, o qual dá ligeiras notícias sobre o Uruguai e sobre o Brasil), é que sentimos a falta que nos faz um bom indicador.

Retrogradámos neste particular. O sr. Valle Cabral, em 1882, publicou um guia do Rio de Janeiro que até hoje, que ele está atrasado, é o melhor que conheço. Já não falo nas magníficas descrições de monumentos, edifícios, belezas naturais, etc. A parte prática, chegada, locomoção, hospedagem, alimentação, asseio, informações, comunicações, divertimentos, programas de passeios, partida, linhas ferro-viárias e marítimas, tudo está tão bem explicado que valia a pena pôr em dia o trabalho de Valle Cabral.

Além deste conhecemos os de Paula Pessoa, da Casa Moura, da *Etoile du Sud* e outros, que entretanto com ele não se compararam.

E pensar que no Centenário numerosos estrangeiros nos visitaram e não souberam como orientar-se!

Mesmo nas cidades pequenas, onde ninguém se perde, um guia com planta não é inútil. Há sempre uma casa histórica, um monumento interes-

sante, uma inscrição, etc., cujo passado não podemos adivinhar e é o guia que nos vai ensinar. Não é mais interessante contemplar a bela catedral de Curitiba sabendo que ela é cópia da de Barcelona? Não é belo contemplar a coluna da praça mais importante de Rio Grande, sabendo que ela é um dos poucos, senão o único monumento levantado no Brasil á abolição?

Além da falta dos guias lutamos com a penúria de albuns e postais.

Como é agradável trazer fotografias de um lugar que visitámos com prazer!

Se é verdade que para o Rio de Janeiro já temos albuns incomparáveis, para o resto do Brasil nada temos. Bati S. Paulo um dia inteiro a procura de um album e não achei. Com dificuldades inauditas comprei postais em Joinville e outros pontos, chegando até apanhar medonhas soalheiras em certos sitios para encontrar o único logar onde talvez houvesse uma meia dúzia de cartões.

Guias ferro-viários temos mais de um até, mensalmente publicados, mas tolo será quem se fiar inteiramente neles. Merecem apenas uma confiança relativa; não convém prescindir das informações verbais na fonte limpa, do contrário paga-se preço maior do que o que está marcado, não há refeição na estação que está indicada, a hora da partida já não é a mesma e uma série de pequenos contratemplos nos amargurará a viagem de recreio.

Com todos êstes obstáculos como pode estar adiantado o turismo no Brasil?

Déssem bons trens, hoteis bons e baratos, guias bem explicativos e bem informados e o gosto pelas viagens se desenvolveria. Há muito que ver em todos os Estados: Paulo Afonso, o Iguassú, Ouro Preto com suas ruinas, S. Paulo com seus arrabaldes, a serra de Curitiba e Paranaguá, a Vencza do Norte.

Se com viação rápida e cômoda, há no Rio de Janeiro muita gente que não conhece as tres cidades de verão, Petrópolis, Teresópolis e Friburgo, como esperar que esta gente vá arriscar-se em penosas viagens por êsses Brasis afora?

A Agência Cook inaugurou em 1907 as excursões para o Brasil, mas este belo movimento não teve continuação.

Existe agora, com sucursais pelos Estados, uma empresa que faz inteligente propaganda das nossas estações de aguas e praias de banho, mas parece que o grande público ainda não se interessa por estas coisas. Falta-nos ainda o hábito das férias anuais, de quinze dias que sejam, aos que labutam o ano inteiro nas diversas profissões. Quando todos tiverem anualmente dias de folga e se convencerem de que o melhor emprego deles é viajando, conhecendo o paiz, neste dia começará promissora época para o nosso turismo.

ANTENOR NASCENTES.



FATIA DE VIDA

NAO era homem querido, o doutor Bonifacio Torres. Não era querido pela razão ponderosa de pensar de sua cabeça. Para ser querido, força é pensar como toda a gente.

“Toda-a-gente”!

Moloch social, cujos mandamentos havemos de seguir, cabecinha baixa, sob pena de engenhosos castigos. Um delles: indicir em o anathema da exquisitice.

— E’ um exquisitão!

Inutil dizer mais. O marcado vê-se logo posto de través e á margem, como o leproso. E’ um indesejavel. E’ um suspeito. Haja meios, e eliminam-no do gremio, como a corpo estranho, de malsão convivio.

Assombramo-nos hoje recordando os crimes collectivos que enchem a historia — santo-officio, guerras, matanças religiosas. Transportados á epoca, vemos que os instigou “Toda-a-gente”, o monstro incoercivel. Como vemos ainda que progredir não passa de consolidar as victorias obtidas contra elle pelo exquisitão.

“Toda - a - gente” não tolerava duvidas sobre a fixidez da terra. Veiu um exquisitão e disse: a terra move-se em redor do sol. “Toda - a - gente”, por intermedio de seus representantes legaes, agarrou o velho pelo gasnete e forçou-o a retratar-se.

— Renega a heresia, infame, ou asso-te já na fogueira!

Galileu baixou a cabeça encanecida e abjurou. E a terra, que começara a gyrar em torno ao sol, teve que mudar de politica e immobilizar-se por muito tempo ainda. Hoje, roda livremente. O monstro deu-lhe essa liberdade...

Como se vê, apesar da guerra que "Toda - a - gente" move aos exquisitões, as idéas destes influenciam e aos poucos transformam a mentalidade do Moloch. A principio o monstro encarca, esquarteja, empala, suffoca. Depois, repêso, medita e murmurá: elle tinha razão! E adhère, cynicamente.

"Toda - a - gente" tem hoje a caridade como dogma infalível, e por esse motivo encarou com assombro o dr. Bonifacio quando o exquisitão sorriu á phrase rochonchuda do conego Eusebio. O conego Eusebio, conspicuo representante legal do Moloch, dissera no tom solemne dos que monopolizam a verdade sobre o orbe:

— Não ha virtude mais sublime. Só ella tem forças para resolver a questão social. Aquelle movimento bellissimo durante a epidemia — que replica de escachar ao espirito que nega! Todos, á uma, governos, matronas, meninas, associações, todos empenhados em lenir os soffrimentos dos pobres, como a derramar Deus nos corações!...

Bonifacio sorriu e o padre olhara-o de revés, com saudades, quem sabe, do bemaventurado tempo em que sorrisos taes recebiam a replica do fogo pio.

— Sorri-se, o hereje? Nega *até* a caridade?

— Não nego, respondeu o philosopho, porque não nego nem affirmo coisa nenhuma. Negam e affirmam os actores, os que se agitam no palco da vida. Eu tenho meu lugarzinho na platéa e, como não represento, observo. E como observo, sorrio — sorrio para não chorar...

— Seja mais claro.

— Serei. Quando o reverendo se abriu em louvores á caridade, não desfiz nessa christianissima virtude. Lembrei-me apenas de certo drama a que assisti e que a ter um nome seria: *Ne, charitas...* E sorri — sorri-me, repito, para não chorar...

Houve uma breve pausa de interrogativa expectação e o dr. Bonifacio principiou.

— Minha lavadeira...

As anecdotas tem força de iman. Varios curiosos se approximaram do contador.

— Minha lavadeira, como todas, era uma pobre mulher de incomparavel heroismo, desse que os epicos não cantam, o Estado não recompensa e ninguem, siquer, observa. Para mim, entretanto, é a forma nobre por excellencia do heroismo, a lucta silenciosa contra a miseria.

— Que exquisitice!

— Porque é heroismo ininterrupto, sem tregoadas, sem momento de repouso, só obstado quando a valla commum dá o "basta". Alem disso, sem esperança de paga.

— Vamos ao caso!

— Viuva com quatro filhos, a heroica Izaura matava-se no trabalho incessante. Aquellas mãos vermelhas, curtidas... Aquelles braços requeimados... Que machinas! Era do movimento delles que vinha o sustento da casa. Parassem, repousassem — e a Fome, esqualida megera que ronda os bairros pobres, metter-se-ia portas a dentro.

— Deixemos isso, deixemos isso...

— Izaura, minha pontualissima lavadeira, não me appareceu, como de costume, com a sua bandeja de roupa lavada, no primeiro sabbado da gripe. Em lugar della veiu uma vizinha.

— A Izaura? perguntei-lhe.

— A's voltas com os filhos. Deu lá a hespanhola e a pobre anda numa roda viva.

— Hei de ir vel-a, coitada!

— E' caridade que o senhor faz. A pobre é bem capaz de endoidecer...

Não fui. Impediu-m'o a doença, cujos primeiros symptomas nesse mesmo dia comecei a sentir. Duas semanas passei de mólho. Quando me levantei e me preparava para visital-a, eis que me reapparece a pobre mulher.

Em que estado! Envelhecoera vinte annos, tinha os cabellos brancos, os olhos no fundo, ar de vencida, de esmagada pelo destino. E tossia...

— Sente-se e conte-me tudo.

Sentou-se e sem derramar uma só lagrima — ja as chorava todas — narrou-me sua tragedia.

Tinha em casa uma filha de dezoito annos, que trabalhava na costura; outra, de dezeseis, que ajudava na lavagem; um filho de quinze, entregador de roupa e mais uma netinha de seis annos, orphã.

A gripe apanhou-os a todos e a ella tambem. Mas a pobre creatura não soube disso, não o notou. Como perceber que estava doente se suas faculdades eram poucas para attentar nos filhos? E lá sarou, de pé, sem um remedio. E como ella sarariam os filhos todos se...

O dr. Bonifacio voltou-se para o conejo.

— ... se a caridade não interviesse...

— Já sei onde quer bater, exclamou o conejo. Mas cumpre notar que quando falo de caridade não me refiro á assistencia publica, nem se quer á philanthropia. Falo da caridade-sentimento, da caridade virtude christã — concluiu baforando o cigarro, alegre, convencido de ter cortado as vasas ao contendor.

O dr. Bonifacio proseguiu.

— ... se a caridade-sentimento não interviesse por intermedio do coração bondoso de uma visinha. Esta visinha, compadecida daquelle angustioso transe, telephonou a um posto medico, narrando o caso e pedindo assistencia. A ambulancia veiu, justamente durante a ausencia da mulher, sahida a compras, e levou-os todos para o Hospital da Immigração.

Corriam boatos apavorantes a respeito deste hospital improvisado, onde — murmuravam — só se recebiam os pobres bem pobres e o tratamento era o que devia ser, porque pobre bem pobre não é bem gente. De modo que ir para lá apavorava o po-vinho miudo.

Assim, ao voltar e ao saber do acontecido, Izaura estarreceu. Foi como se o proprio inferno houvesse aberto as guelas e engulido os adorados doentes. Quem zelaria por elles? Sózinhos, em meio de desconhecidos, de enfermeiros mercenarios, que seria das pobres creanças?

Correu para lá, inquirindo ás tontas: "A Immigração? Onde fica a Immigração?" "E' por aqui." "Dobre a direita". "E' lá, naquella casa grande", informavam-na pelo caminho.

Chegou. Bateu. Esperou tempo enorme implorando á porta. Entravam e sahiam pessoas apressadas, medicos, ajudantes, homens de avental. "Não é commigo", diziam. "Espere." "Bata outra vez".

Afinal, uma alma caridosa...

— Ca-ri-do-sa, repetiu o conejo, sorrindo.

— ... uma alma caridosa appareceu e deu-lhe a informação pedida. Os filhos estavam lá, mais a netinha. A de dezeseis annos, porem, com typho.

— "Typho?!"

A alma caridosa enterrou mais fundo o punhal: ·

— "Sim, typho, e do bravo.

A mulher já não ouvia. De olhos esbogalhados, como fóra de si, repetia a palavra tremenda: "Typho!" Conhecia-o. Fóra o morbus terrivel que lhe arrebatara o marido.

— "Quero vel-a.

— "Impossivel!

Luctou, insistiu.

Inutil.

A porta fechou-se á chave e a pobre mulher se viu despejada na rua. Andou á tóa, como ebria, sem destino. "Olha a louca!" diziam garotos.

Subito, resolveu-se. Havia de ver os filhos. Era mãe. Com que direito lh'os roubavam assim? "São meus, o mundo nada tem que ver com elles. Eu os tive, eu os criei, só eu os quero no mundo.

São tudo para mim. Como gentes estranhas m'as roubam e me impedem que os veja? Nem ver, ver, ver? Havia de vel-os.

Galvanizada pela resolução correu a implorar socorro de um rico, cuja roupa lavava.

O rico deu-lhe carta. "Vá com isto que as portas se abrem".

Nova corrida ao hospital. Nova espera angustiosa. Por fim a alma caridosa...

O dr. Bonifacio entreparou, olhando para o padre. Como este silenciasse, prosseguiu:

Por fim a alma caridosa reappeceu.

— "Posso dar noticias; deixar entrar, não!"

— "E a carta?"

— "Inutil. Expressamente prohibido".

— "Pois dê-me noticias, então".

A alma caridosa entrou e a triste mãe, embrulhada em seu chale humilde, ficou a um canto esperando. Minutos depois reapareceu a alma caridosa.

— "Olhe, sua filha morreu."

— "Mór..."

E os olhos da miseranda mãe exorbitaram, e seus dedos se crisparam...

— "Morreu, mas qual dellas,"

— "Uma dellas".

— "Mas qual? qual?..."

Já eram gritos lancinantes que lhe sahiam da bocca. A alma caridosa fechou a porta e sumiu-se...

Seu infinito desespero em casa, a revolver-se na cama, a remorder o travesseiro. "Qual? Qual? Qual?"

A dor requintava-se ante a incerteza. "A Ignezinha? A Mariantinha?"

E o cerebro lhe estalava na ancia de adivinhar. "Qual dellas? Qual dellas, meu Deus?"

São dores que a palavra não diz. Imagina-os a imaginação de cada um. Adeante!

No outro dia, a mulher surgiu lá de novo. Repete-se a scena — a ansiosa espera de sempre, os pedidos com lagrimas a debulharem-se dos olhos. O ambiente é o mesmo, de indifferença geral. Só não ha indifferença na alma caridosa, que reappece e pergunta:

— "Que quer?

— "Meus filhos... saber..."

— "Não estão mais aqui. Foram removidos para o Isolamento, os dois.

— "Os dois?!"

— "Sim, porque a pequena morreu .

— “A minha netinha morreu?!”

— “Coragem, a vida é isto mesmo”

E a porta fechou-se pela ultima vez.

Os ouvintes, commovidos, ansiavam pelo final.

— E depois?

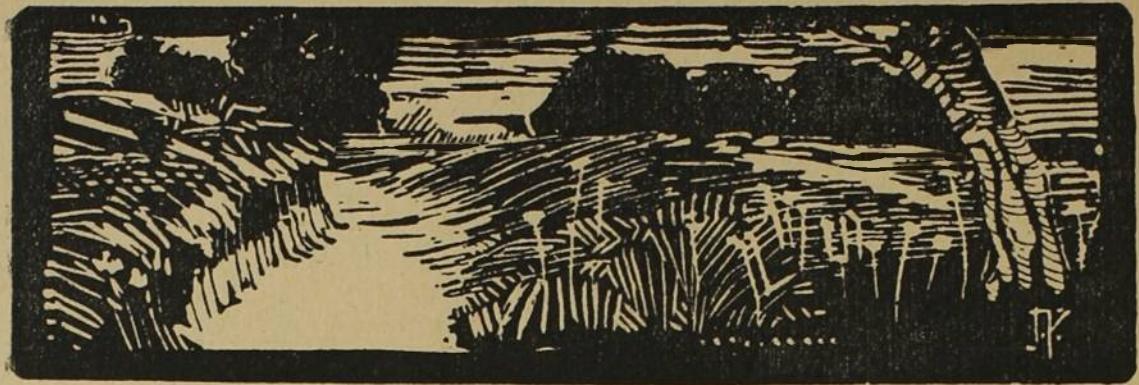
— Depois? Depois a peste declinou, a normalidade foi-se restabelecendo e os dois filhos restantes voltaram á casa materna. Em que estado! O menino, semi-morto, cadaverico e a Ignez — só ao vel-a chegar soube Izaura qual morrera — e a Ignez, tuberculosa. E alli ficaram, destroços de horrivel naufragio, aquelles tres miseraveis mulambos de vida, sob a assistencia da negra enfermeira — a Fome. E continuaram a viver, sem saber como, de instincto — num desvario, numa allucinação...

Da ultima vez que a vi, disse-me entre dois accessos de tosse:

— Tudo porque me levaram os filhos de casa. Se ficassem, nada teria acontecido. Os da vizinha não foram e sararam todos...

O dr. Bonifacio calou-se. O conego não teve animo de comentar. E a roda silenciosamente dissolveu-se.

MONTEIRO LOBATO.



PROBLEMAS MILITARES

A ARMA DA CAVALLARIA NO PASSADO E NO FUTURO

Este assumpto é arduo e complexo e fonte de innumeras discussões entre as muitas levantadas pela guerra européa. O papel provavel da cavallaria no futuro tem sido estudado com afincos pelos mais abalizados technicos das grandes nações militares.

Podemos dizer hoje que todos chegaram ás mesmissimas conclusões quanto ao fundo, variando sómente os alvitres quanto á proporcionalidade a estabelecer entre esta arma e as demais. Claro é que muitos elementos têm de influir n'esta ultima consideração, como sejam a topographia, a extensão do paiz e a densidade da populaçao, os recursos em forragem, o maior ou menor desenvolvimento das redes de transportes, etc. Dahí o não poder haver nesta questão uma regra geral e uniforme.

Não se dá o mesmo no que diz respeito ao emprego tactico da arma e da sua adaptação para a guerra moderna, em razão da potencia esmagadora do armamento automatico e semi-automatico, hoje commummente empregado no campo de batalha.

O acordo para a solução d'este problema nas suas grandes linhas é, por assim dizer, unanime.

A guerra de 1914 provou sobejamente mais uma vez que o papel da cavallaria empregada com discernimento é primordial, quer empregada como arma de choque propriamente dita, quer combatendo a pé auxiliada por suas armas automaticas e de apoio, podendo n'este caso aproveitar a velocidade das suas montadas para executar as manobras prescriptas pelo commando — como seja, por exemplo, a occupação rapida de uma posição para fins offensivos ou defensivos.

Nada nos permite affirmar, muito pelo contrario, que, mesmo na Europa do futuro, os flancos dos adversarios se apoiarão sempre em estados neutros ou em obstaculos intransponiveis. Falhando essas premissas, a cavallaria encontrar-se-á, sem duvida, nas suas condições de emprego normal, podendo ella então operar contra os flancos, a retaguarda e mesmo as comunicações do inimigo.

Como não escrevemos para technicos, apontemos agora ao leitor, de modo conciso, as missões essenciaes que incumbem á cavallaria, objectivando-as em seguida com alguns exemplos notaveis tirados das ultimas guerras.

Formar o "rideau" protector, estabelecer e manter as *ligações*, executar serviços de *segurança* e de *observação* nos flancos e na frente, fazer *reconhecimentos* e *raids* de destruição e de intimidação contra as retaguardas, *intervir* no combate sobre os flancos, finalmente *perseguir* sem treguas o inimigo, quando batido: eis, resumidamente, as variadas e multiplas missões que competem á cavallaria e exigem d'ella não só esforços de todos os instantes, como tambem um prepero e um treinamento sem par, aliados a qualidades de decisão e energia, de tenacidade e iniciativa que façam della a arma em tudo efficiente que deve ser.

Os fastos da cavallaria passada e moderna comprovam todos o que affirmamos. Folheando de relance a historia gloriosa da cavallaria contemporanea, nos deteremos primeiro na guerra da Seccessão, cujas lições em muitas cousas são ainda aproveitaveis hoje. A cavallaria confederada em particular desempenhou um papel admiravel militarmente falando, e executou operações até hoje classicas. Desde o inicio da campanha dá provas de uma profunda comprehensão da sua missão. Conforme as situações e as circumstancias, age as vezes a pé, ás vezes a cavallo, demonstrando em todas as circumstancias um treinamento perfeito, adaptaveis a qualquer situação para d'ella haurir a maior somma de vantagens para o resultado em vista. Uma cavallaria assim comprehendida e manejada, completada com as armas de apoio, hoje indispensaveis, parece ser ainda a arma ideal para vastos campos de operações, escassamente povoados, de parcos recursos e ocupados por exercitos de effectivos relativamente modestos.

Em 1861, ao iniciar-se a campanha, os regimentos do extraordinario general Stuart constituem o "rideau" que dissimula e protege os movimentos do exercito Johnston. Pouco depois executam brilhantes raids de reconhecimento e de destruição nas linhas de communicação do exercito McClellan, que os tornam celebres no mundo inteiro. Pelos combates a pé travados em Crampton Gap esses regimentos dão a Lee o tempo necessário para concentrar os elementos esparsos do seu exercito e flanqueia vitoriosamente o Corpo Jackson em Frericksburg.

A série das façanhas da cavallaria de Stuart não pára ahi. Continua a salientar-se durante toda a guerra sendo igualada na segunda phase da campanha pela cavallaria federal do general Sheridan.

Pouco depois, no Paraguay, chega a vez da cavallaria brasileira colher louros imperecíveis no decurso da campanha emprehendida n'aquellas longínquas regiões pelo Exercito Imperial em pról da liberdade e em desafronta da honra nacional aggravada.

Limitar-nos-emos a recordar hoje a série de reconhecimentos offensivos executados de Agosto a principios de Novembro de 1867, por serem estas operaões typicas no genero. A primeira, dirigida pelo general D. H. Castro, é executada por uma columna de tres mil homens e tem por objectivo S. Solano e Sanga Honda. As resistencias encontradas são completamente dominadas, perdendo o inimigo perto de 150 homens na refrega: a cavallaria brasileira completa o seu desenvolvimento destruindo a linha telegraphica que liga Humaytá a Assumpção. A segunda expedição em direcção a S. Solano sob o commando do general J. L. Menna Barreto tem lugar pouco depois, alcançando ella seu objectivo quasi sem oposição do inimigo, que se limita a observar com numerosas patrulhas. E' a epocha em que o Duque de Caxias executa a sua famosa marcha de flanco sobre Tuyu-Cuê para contornar Humaytá. Setembro e Outubro salientam-se por mais dois

importantissimos reconhecimentos na barranca do Tayi. O primeiro é levado a cabo pela divisão de cavallaria Triumpho que, depois de encontrar o inimigo em Potreiro Ovelha, o desbarata proximo da villa de Pilar. Inutilisa outra vez, ao regressar, a nova linha telegraphica paraguaya. O segundo por uma columna de 4.000 homens ás ordens do general J. M. Menna Barreto que sustenta um duro combate em Potreiro Ovelha, perto de Tayi. Organisada a posição, interrompe as communicações de Potreiro Ovelha com Humaytá; depois de effectivamente ocupado Tayi, faz o mesmo em relação ás communicações fluviaes entre aquella praça de guerra e Assumpção.

Não deixemos de mencionar, ao terminar este succinto esboço, o lenario raid de Corrêa da Camara em demanda de Cerro-Corá que poz ponto final á guerra, com a morte de Lopez.

Prestada esta devida homenagem á cavallaria brasileira, lancemos um rapido olhar para a guerra russo-japoneza antes de estudar um pouco mais meudamente, certas phases das operações de 1914 e dos annos subsequentes.

Na guerra de 1904 a unica cavallaria verdadeiramente activa foi a russa. A japoneza, por seu pequeno numero e má remonta, limitou-se, em geral, a fornecer um excellente serviço de segurança e ligação. Em principios de Maio de 1904 assistimos a uma operação notavel, uma das mas brilhantes, aliás da campanha. E' o raid do Coronel Mayritow com 500 cosacos destacados do exercito russo de Leste ou exercito Keller. Percorreu 240 milhas visando as communicações do 1.º Exercito japonez, verificando que este, depois de victorioso no Jalu, adoptara uma nova linha de communicações partindo da foz do rio, encurtando assim a primitiva.

Posteriormente, em Junho e no decorrer do verão, os grandes reconhecimentos de exploração dos corpos cosacos de Rennenkampf causam admiração geral pelo brilho da concepção e o brilho na execução. Assim é que o raid do general Mitshenko, na retaguarda do general Oyama, determina a extensão da frente japoneza para Oeste em direcção a Hunho, logo depois da batalha do Shaho. A operação intimidou por conseguinte o inimigo obrigando-o a lançar mão de parte das suas reservas e alcançou assim o fim em vista.

A cavallaria russa d'aquella epocha demonstra igualmente bellas qualidades de efficiencia nos serviços de segurança e observação. Um exemplo: em Fevereiro de 1905 o exercito Nogi se acha escalonado a retaguarda do exercito Oku e inicia as marchas preparatorias, para envolver a direita russa. Os reconhecimentos e patrulhas cosacas observavam e notavam sem um desfalecimento tudo quanto succedia. No entanto, Kuropatine, preocupado com o general Kuroki e outros, não deu a devida attenção aos avisos que lhe vinham da direita e desguarneceu-a de suas reservas normaes, para reforçar a esquerda que dellas não precisava e não as utilizou, permitindo tão grande falta de discernimento a esmagadora victoria japoneza.

Em 1914, no inicio da tremenda lucta, as cavallarias das potencias beligerantes constituem logo massas de cobertura e formam os "rideaux" praticamente intransponíveis atraz dos quaes os exercitos se concentram e executam as manobras preparatorias. Levada a cabo esta primeira missão de protecção, rivalisam em coragem, procurando os emprehendimentos mais arriscados e levando-os a cabo com o maior denodo e sacrificio. Deixando de lado as importantissimas operações de cavallaria que tiveram por theatro a Europa oriental, como sejam as manobras e combates dos russos na Prussia oriental, dos alemães na Russia e na Rumania, nos contentaremos em traçar aqui um rapido esboço dos feitos das cavallarias aliadas e alemã no sector norte do "front" occidental. O campo é vastissimo e por poucos que sejam os exemplos trazidos á baila, causarão, provavelmente, ainda assim, muitas surpresas aos curiosos de assumptos militares.

Durante a guerra de movimento, é bom insistir n'isto, desempenharam sempre brilhantemente as missões que lhes eram confiadas, por mais ingratas que fossem. E' a cavallaria ingleza, que durante a retirada de Mons em 1914 cobre a retaguarda e protege os flancos do seu exercito. A bravura e o espirito de oportunidade, de que dão sobejas provas, difficultam em extremo os ataques renhidos da cavallaria allemã, que, orgulhosa com os successos de Mons e Solesmes, pretende levar de roldão a infantaria britannica. Salienta-se ainda em 1917 nas operações de Cambrai. Ahi presta relevantissimos serviços executando ataques de surpresa em apoio da infantaria, depois dos duros combates travados por ella. Em Março de 1918 encontramola cobrindo a frente do V Exercito inglez, salvando a situação que parecia perdida, trasladando-se velozmente para os pontos criticos e ahi combatendo a pé, hombro a hombro, com os infantes dizimados e exaustos. O mesmo faz o 1.º C. C. francez que coopera com 5.º C. E. na região de Noyon. As façanhas da cavallaria britannica de Março a Novembro são inumeras; lembaremos sómente que no dia 11 de Novembro, ao clarear o dia, duas divisões de cavallaria já estavam progredindo a Leste do Escalda, em perseguição ao inimigo batido e em plena retirada. Occupavam, quando tiveram noticia da conclusão do armisticio, uma linha avançada situada a cerca de 20 kilometros a Leste das primeiras vanguardas do exercito inglez.

A cavallaria belga, posto que diminuta, não fica atras e mantem tambem bem alto as gloriosas tradições da arma. Basta recordar o papel desempenhado pela divisão de Witte (lanceiros e guias) no dia 14 de Agosto de 1914 em Hoelen. Collocada em flanco e á esquerda do exercito belga que occupa uma posição defensiva na margem norte do rio Gette, recebe ordem de defender a todo transe o mesmo rio na frente Budingen-Haelen. E' apoiada por um grupo divisionario de artilharia a cavallo. No dia 14 vê-se atacada com impetuosidade por forças bastante superiores de cavallaria inimiga. Resiste com galhardia e depois de um renhido combate, a divisão de Witte, dizimada, occupa a posição de apoio Liebrak-Velpen, que defende com resolução inabalavel e ao preço de pesados sacrifícios. Os ataques da cavallaria inimiga, apoiada por infantaria, artilharia e cyclistas, multiplicam-se sem treguas, porém, sem resultado.

Afinal é rendida ao terminar o dia, depois de ter occasionado pesadissimas baixas aos aggressores por uma brigada de infantaria belga.

O exposto demonstra bem quanto o papel da cavallaria moderna differe do que muitos imaginam.

Completaremos agora a nossa rapida digressão na historia da cavallaria com um ligeiro estudo das operações levadas a effeito por dois Corpos de Cavallaria hoje celebres; o 1.º C. C. francez ou Corpo Sordet, depois Conneau e o 2.º C. C. allemão ou Corpo von der Marwitz. Desde 16 de Agosto até 13 de Outubro de 1914 pode-se dizer que estes dois Corpos não deixaram de se enfrentar um só dia, tendo finalmente a cavallaria franceza, por sua magistral e prodigiosa "course à la mer" conseguido salvar o exercito aliado da manobra envolvente tentada pelos allemães ao Norte. Foi o que deu aos conhecidos encontros de cavallaria que não cessaram entre 6 e 13 de Outubro, prefaciando soberbamente a terrivel batalha do Yser.

Foi em Dinant s/Meuse, em 16 de Agosto de 1914 que se travou um dos primeiros encontros entre as cavallarias allemã e franceza no tentar aquella a passagem da Meuse com a divisão da Guarda e a 5.ª D. C. apoiadas por Caçadores e grupos de metralhadoras. Contra-atacadas pela cavallaria franceza foram repellidas em desordem e perseguidas por uma brigada de Caçadores a cavallo.

Bruxellas é ocupada pela cavallaria allemã a 21 de Agosto, continuando as divisões que constituem os Corpos Independentes a formar o

"rideau" atraç do qual manobram as massas teutonicas para tomar o dispositivo inicial da marcha para Oeste. De 20 de Agosto em diante o 1.º Exercito (V. Kluck) é flanqueado a direita pelo 2.º Corpo de Cavallaria (V. der Marwitz); no dia 24 á noite, recebe ordem de tomar posição ao Sul de Denain para atropelar os inglezes pela retaguarda e lhes vedar a retirada a Oeste.

Com esta manobra o exercito britannico viu-se ameaçado de ser envolvido pela esquerda, pelo C. C. Marwitz e o 2.º Corpo de Exercito (V. Linsingen) em escalão avançado, caso tentasse fazer frente e agarrar-se ao terreno. Os inglezes proseguem no dia 25 na retirada a S. O. em rumo de Le Cateau, mas o general V. Marwitz os ataca, como lhe fora ordenado, nas cercanias de Denain, determinando, assim, a mudança de direcção das columnas adversas que obliquam francamente para o S. E. E' sómente graças a intervenção da cavallaria britannica, como já foi dito, que esta operação arriscadissima poude ser coroada de exito.

Do seu lado o 1.º C. C. francez (Sordet), que pouco antes executara um admiravel raid na Belgica, chegando proximo a Liége e cobrindo de patrulhas toda a zona avançada, intervem, depois de tomar folego, nos dias 27 e 28, em socorro dos seus aliados, conseguindo repellir parcialmente o adversario em direcção a Cambrai.

Nos dias subsequentes as cavallarias adversas continuam empenhadas n'uma lucta sem treguas entre a Somme e o Aisne, preenchendo sem um desfalecimento as suas missões de segurança, de flanqueamento e de ligação. Assim é que no dia 1.º de Setembro o C. C. Marwitz tenta apoderar-se de Verberie e St. Sauveur, pontos de passagem do Oise, e destroça no dia 2 uma D. C. britannica a Leste de Senlis e já proximo á floresta de Compiègne.

Poucos dias depois varios esquadrões do C. C. Sordet atravessam as linhas inimigas e operam reconhecimentos nas proximidades de Nanteuil le Haudouin e Baron. Finalmente a 4.º D. C. (von Garnier) descobre no dia 5 de Setembro movimentos insolitos de columnas francezas ao N. E. de Pariz, em direcção de Dammartin, e que eram o primeiro indicio da offensiva Maunoury.

No dia 8, ao cahir da tarde, esquadrões do 2.º C. C. francez que tinham conseguido passar o Marne proximo a Jaulgonne executam um raid de destruição contra campos de aviação allemã installados ao Sul e nas proximidades de La Ferté Milon. Por pouco teriam aprisionado todo o Estado-Maior do Commandante do Exercito e o general von Kluck em pessoa, que inspeccionava o sector n'aquella occasião.

O exercito Von Kluck está em plena retirada no dia 11 e ao C. C. Marwitz incumbe a tarefa de protegel-o á esquerda na linha Acy-Sorches, enquanto a 4.º D. C. cobria o flanco direito em direcção de Compiègne. A sua missão é de se oppôr ás incursões da cavallaria inimiga, na retaguarda e comunicações do 1.º Exercito.

O dispositivo adoptado tem por fim proteger a operação da passagem do Aisne, realisada no dia 12 pelo exercito Von Kluck.

Finda a batalha do Aisne e estabilisado aquelle sector, o C. C. Marwitz é dirigido de novo para o Norte. Suas columnas encetam a marcha em rumo de Chauny enquanto o C. C. Sordet avança ao Norte do Oise.

E' iniciada assim a famosa "course á la mer", coroada pela batalha do Yser, na qual os allemães arremessam dois Exercitos com um total de 15 C. E., para realizar a todo custo o seu intento de forçar uma passagem ao N. das linhas francezas.

A zona inscripta entre o rio Yser e o mar fôra a escolhida para a tentativa, sendo Dunkerque e Ypres os primeiros objectivos. O plano era con-

tornar a esquerda franceza e esmagar o inimigo por um movimento envolvente, o que permittiria fazer frente á Russia, logo em seguida, com todas as forças reunidas.

O preludio d'este colossal esforço foi assinalado pelo embate das massas de cavallaria adversas. Pelejaram dia e noite em innumeros encontros de 6 a 13 de Outubro, estendendo pouco a pouco seu campo de acção, da região de Lille ás regiões de Lens, La Bassé, Armentières, Aires sur la Lys e Bailleul, Estaires, Hazebrouck, Béthune e de lá até o mar. Finalmente a 19 de Outubro um grupo de divisões de infantaria anglo-franceza occupa Ypres e no dia 16 a acção dos alliados já abrange a totalidade da região que se estende entre Ypres e o mar, celebre hoje sob o nome de sector do Yser.

Para não alongar em demasia o nosso esboço, limitaremos a estes os exemplos destinados a definir a acção da cavallaria na guerra moderna. São sufficientes ao nosso ver para podermos concluir.

Qual será o papel da cavallaria no futuro, quaes os seus novos aspetos no emprego tactico da arma e qual o armamento de que deverá dispor para satisfazer a sua missão?

E' evidente que n'uma guerra de estabilisação lhe incumbem os mesmos papeis que a seus camaradas infantes, servindo mais de reserva móvel e de elemento importante da ligação. Nesta situação, a exploração compete naturalmente á aviação. Inutil é accrescentar quanto esta hypothese de operações estabilisadas, já bem difficilmente realisavel na Europa, é inverosimil entre nós.

A guerra de movimento, unica fecunda em resultados, exige da arma da cavallaria uma cooperação sem treguas e esforços de todos os instantes, quer se traduza por operações de protecção quer por intervenções no combate sobre os flancos, ou para aproveitar uma ruptura da linha inimiga.

Os reconhecimentos para manter o contacto, assim como o serviço de segurança darão lugar a innumeros encontros de patrulhas, esquadrões, e quiçá regimentos, conforme as circumstancias.

Dahi decorre que o "cavallariano" deve ser perfeitamente adestrado no emprego de suas armas especiaes, mas deve ser tambem um exímio tratador e ter amor á sua montada porque sem ella nada vale na guerra de movimento.

Mas a cavallaria deve tambem estar preparada para combater a pé. Haja vista a soberba resistencia da divisão de Couraceiros nos combates do Plémont em 1918. A sua aptidão especial deve ser aproveitada para a execução de movimentos de grande envergadura de amplitude estrategica em operações de flanco, em raids contra retaguardas e linhas de comunicações, em obstar a chegada das reservas inimigas ao campo de acção, em reconhecimentos a grande distancia, em ligação intima com esquadrilhas de aviação especialisadas, etc. Em regra geral, porém, qualquer que seja a situação que determine o emprego da arma em massa, quer seja por divisão ou por grupo de divisões, a forma corrente do encontro será o combate a pé.

Do exposto podemos concluir que o "cavallariano" deve dispor do armamento apropriado a esta fórmula de peleja sem prejuizo das armas que lhe são proprias. A baioneta, as granadas de mão e de fuzil V. B., o fuzil metralhadora, assim como as metralhadoras leves e pesadas, as máscaras contra gazes asfixiantes para homens e montadas, fazem hoje parte ao mesmo título que a espada e a clavina do armamento da cavallaria. A consequencia de tantas e tamanhas innovações é uma profunda transformação na constituição do esquadrão, cuja organisação, para ser efficiente, deve approximar-se o mais possivel da que foi dada á Companhia de Infantaria — fraccionamento em grupos de combate, 1/2 secções, etc.... Essa remo-

delação deverá fazer-se sentir igualmente nos methodos de instrucão e de treinamento, sendo indispensavel que o "cavallariano", ao par da sua instrucção propria, aprenda a combater a pé com a mesma perfeição que o infante, executando progressões debaixo de fogo com bom aproveitamento dos obstaculos naturaes, reduzindo os centros de resistencia sómente com os meios de que dispõe, pela combinação judicosa das armas de trajectoria rasa e de trajectoria curva e, finalmente, organisando rapidamente uma posição pela construcão de abrigos ou parallelas apropriadas, etc.

As exigencias aqui influirão provavelmente na organisação do regimento e unidades superiores como tambem no armamento de apoio. Assim é que a dotação de artilharia das divisões terá de ser modificada sobre-tudo em relação ao calibre para corresponder ás novas necessidades: parallelamente a brigada ganhará muito em potencia se fôr reforçada com um grupo de metralhadoras pesadas a cavallo enquanto que a adopção de esquadrilhas nas divisões ou Corpos de Cavallaria, só depende de uma questão de tempo e de dinheiro.

E' incontestavel que uma cavallaria assim preparada e apparelhada constitue uma arma formidavel, caracterisada pelas suas qualidades fundamentaes de velocidade e de decisão. Entre nós, como, de resto, em todos os paizes de vastas extensões, a sua importancia continua primordial. Haja vista a reorganisação do exercito revolucionario russo. Cada Divisão de Infantaria é completada por um regimento de C. D. e o numero de D. C. em relação ás D. I. está na razão de 1 para 4.

As operações de cavallaria de grande envergadura não pertencem sómente ao passado. Continuarão no futuro pela força das coisas, com as modificações e adaptações que aqui ficam ligeiramente expostas.

Lembremo-nos de que a sorte da batalha de St. Quentin em Março de 1918 talvez fosse bem diversa se os allemães tivessem podido dispor então, naquelle sector, de algumas divisões montadas para arremessal-as na abertura praticada na frente do exercito Gough, entre Noyon e Montdidier; o mesmo não se deu com os aliados, que salvaram a situação com a intervenção rapida da sua cavallaria. Os allemães foram os primeiros a reconhecer e a lamentar o erro por elles praticado.

Resta-nos, ao terminar, fazer votos para que jamais o mesmo nos suceda e que a cavallaria brasileira, tantas vezes conduzida á victoria pelos Pinto Bandeiras, Menna Barretos, Andrade Neves, Ozorios, Camara e tantos outros, não desmereça dos gloriosos exemplos que lhe foram tão generosamente prodigalizados por esses heroes, que tudo sacrificavam, na hora do perigo, pela grandeza e integridade do Brasil.

C. TORRES GUIMARÃES.



ASSASSINIO - ASSASSINATO

Topa-se, amiude, em jornais, em revistas e até em obras literarias o substantivo *assassinato*, homicidio perpetrado aleivosamente e com premeditação, morte cometida por um assassino. Embora de emprego bastante generalizado no Brasil, principalmente na imprensa, é galicismo escusado, condenado pelos mestres da portuguêsa linguagem. O legitimo português, a verdadeira prata de casa, é *assassinio*, fórmula preferida por Alexandre Herculano, Casteio Branco, Rui Barbosa e outros classicos. Escreve o erudito lexicografo F. Adolfo Coelho em seu *Diccionario Manual Etimologico*: "ASSASSINATO. Vid. *Assassinio*, que é a fórmula preferivel."

Vejamos as provas:

"Turbaste essa imagem com o lodo de um *assassinio*: com a tua primeira covardia." (Herculano, *O Bobo*, pag. 286).

"Portugal converte-se em país de barbaros; o *assassinio* é um desafogo..." (Idem, *Composições Varias*, pag. 178)

"... meditava um *assassinio*, realizado poucas horas depois." (Camillo *Misterios de Lisboa*, vol. III, pag. 44, *apud* Mario Barreto).

"Para que o duplo *assassinio*?" (Said Ali, *Dificuldades*, pag. 272.)

"E' a Esfinge, a gloria, o reino, o *assassinio* de Iao,
E o amor sinistro..."

"No *assassinio* dos dominicanos, foram tão ferozes, que censuravam os homens de não saberem matar bem". (C. de Figueiredo, *Fisiologia da Mulher*, traduc., 3.^a ed., pag. 298).

"Foi descoberto o crime e punido o *assassinio*". (João Ribeiro, *Revista de Lingua Portugueza*, tomo III, pag. 95).

"... que outra não pôde ser senão a moral proscriptora do *assassinio*". (Carlos de Laet, *O País* de 29 de julho de 1914, *apud*. M. Barreto).

"... no dia seguinte ao do *assassinio*..." (Basilio de Magalhães, *pela Republica Civil*, 1910, pag. 29).

"Porque *assassinios* tais e atrocidades". (Odorico Mendes, *Virgilio Brasileiro*, pag. 553).

"Acusado de mandante do *assassinio* de Francisco Cardoso..." (Fidelino de Figueiredo, *Revista de Ling. Portuguesa*, vol. VIII, pag. 66).

Conseguintemente, *assassinio* é que é a fórmula portuguesa legitima e escoreita; *assassinato* é escusado galicismo, não obstante os exemplos de jornalistas galiciparlas e sem amor á patria lingua.

CONFECCIONAR.

Viro ao acaso uma folha do *Correio da Manhã* e leio: "Ao sr. Ministro da Viação o sr. F..., director da Repartição de..., entregou seu ultimo relatorio, referente ao exercicio p. passado. E' trabalho *confeccionado* com *intelligencia...*" Topam-se, amiúde, nos reclamos e taboletas das alfaiatarias frases como as seguintes: *confeccionam-se ternos sob medida*; *confeccionam-se sobretudos baratos*, etc. E nas repartições publicas, durante os derradeiros dias do mês, os servidores ou parasitas do Estado perguntam, de vez em quando:

E' Beltrano! Já *confeccionaram a folha?*...

Entretanto, *confeccionar*, quando empregado no sentido de *organizar, elaborar, redigir, formular, escrever*, etc. é galicismo escusado. Of. o francês *confectionner*. "Confeccionar, ou antes *confeçoar*, em bom português, é *fazer confeições*, que são as preparações medicinais que se manipulam nas boticas; é, por analogia, certas misturas, adubos, etc., com que se temperam ou *destemperam* os vinhos", ensina Silva Túlio.

Escreve o dr. Castro Lopes: "CONFECCIONAR: E' galicismo; deve dizer-se — *fazer, fabricar, compôr, preparar, formar, organizar*". (*Neologismos Indispensaveis e Barbarismos Dispensaveis*, 2.ª ed., pag. 210).

Cfr. Carlos Góis, *Dicionario de Galicismos*; C. de Figueiredo, *Lições Práticas da Lingua Portuguesa*, 6.ª ed., pag. 264; Laudelino Freire, *Revista de Lingua Portuguesa*, vol. III, pag. 210.

Não se deve dizer, conseguintemente, *confeccionar o relatorio, confeccionar o trabalho, confeccionar o vestido, confeccionar a folha de pagamento*, etc.; são frases vernaculas: *elaborar o relatorio, organizar o trabalho, fazer o vestido, organizar a folha de pagamento*, etc.

Confeçoar ou *confeccionar* são vocabulos de uso exclusivo dos boticarios e confeiteiros.

Confeiçoam-se *pilulas, capsulas, amendoas*, etc.; organizam-se os *relatorios, projetos, folhas de pagamento*, etc.

Bem disse algures o Filinto Elísio:

*Sacudamos das falas, dos escritos,
Toda a frase estrangeira e fraudulagem
E essa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.*

REPROCHAR.

Reprochar, embora pouco empregado entre nós, é vocabulo *irreprochavelmente português*; significa *exprobrar, lançar em rosto, censurar*. Não é galicismo, como acreditam varios escritores da atualidade.

Tem a palavra o reverendissimo filologo frei Francisco de S. Luís:

"REPROCHAR: (*réprocher*). Quer dizer *exprobrar, improperar, lançar em rosto* algum vicio ou defeito. E' usado por Gomes Eanes, *Cron. do Cond. D. Pedro C. 15*; e já traz Duarte Nunes, *Orig. da Ling. Portug. c. 11* entre os vocabulos, que tomamos dos franceses, posto que Bluteau o supõe derivado da lingua castelhana Pelo que não o podemos tachar de galicismo moderno, como alguns pretendem". (J. Norberto de Soisa e Silva, *Galicismos*, 1877, pag. 371).

Ensina o illustrado professor do Ginasio Mineiro, dr. Carlos Góis:

"REPROCHAR — Galicismo suposto por força da similitude com o francês *reprocher*. E' antes castelhanismo, bem como o seu cognato *reproche*,

que ambos procedem do espanhol *reprochar* e *reproche*. (Cf. o provençal *repropçhar*)". (*Dicionario de Galicismos*, pag. 191).

Diz o erudito diretor da *Revista de Lingua Portuguesa*, dr. Laudelino Freire:

"Quanto ao verbo *reprochar* e ao substantivo *reproche*, parecem galicismos, mas não o são, e eram da predileção do corretíssimo e primoroso Machado de Assis, que tinha, dizia ele, horror a *exprobrar* e *exprobração*. O nosso Mario Barreto, que é pontífice da filologia, com indiscutida autoridade, não sómente usa o verbo e o substantivo, como o adjetivo *irreprochavel*". (*Rev. de Ling. Port.*, vol. VIII, pag. 154).

Registo abaixo um exemplo do ilustrado prof. do Colegio Militar do Rio de Janeiro, Daltro Santos, outro do principe dos romancistas nacionais, Machado de Assis, um terceiro do principe dos poetas patricios, Olavo Bilac, e alguns do principe dos filologos brasileiros, Mario Barreto:

"... o que, espero, não me *reprochareis*, magnanimos que sois". (Daltro Santos, *Rev. de Ling. Port.*, tomo II, pag. 75).

"Virgilia sacudia-me, *reprochava-me* o silencio". (Machado de Assis, *Brás Cubas*, pag. 251).

"... a frase com que um certo avaro respondeu a alguem que lhe *reprochava* a torpeza do seu vicio". (Olavo Bilac, *Conferencias Literarias*, pag. 255).

"O critico encapuzado *reprocha-me* o emprego de inversões". (Mario Barreto, *Fatos da Lingua Portuguesa*, pag. 26).

"Veja-se nos exemplos seguintes a boa sintaxe, sã, correta, *irreprochavel*". (Id., *ibid.*, pag. 308).

"O Camilo lá escrever, e *irreprochavelmente...*" (Id., *Novissimos Estudos da Lingua Portuguesa*, pag. 325).

De hoje em diante, não *reprochemos* nunca o emprego do verbo *reprochar*, que é vocabulo *irreprochavelmente* português.

PÓRTUGUES - PORTUGUEZ

Portucale (*Portus Cale*), fórmula antiga, produziu *Portugale*, *Portugal*, pelo abrandamento normal do *c* em *g* entre vogais; *português*, porém, deriva-se de *Portucale*, com o sufixo latino *ensis*, obedecendo a seguinte declinação: *portucalensis*, *portucalense*, *portugalense*, *portugalês*, *portugaês*, *português*. *Portuguez*, com *z*, é grafia errónea, que se justifica exclusivamente pela carencia de sinais diacríticos nos caixotins das tipografias. *Português* é que é a fórmula correta, preferida por inumeras autoridades, como A. Herculano, Rui Barbosa, Julio Moreira, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Mario Barreto, J. Leite de Vasconcelos, Lindolfo Gomes, Basílio de Magalhães, José Feliciano de Castilho, Melo Carvalho, Silva Ramos, Assis Cintra, etc.

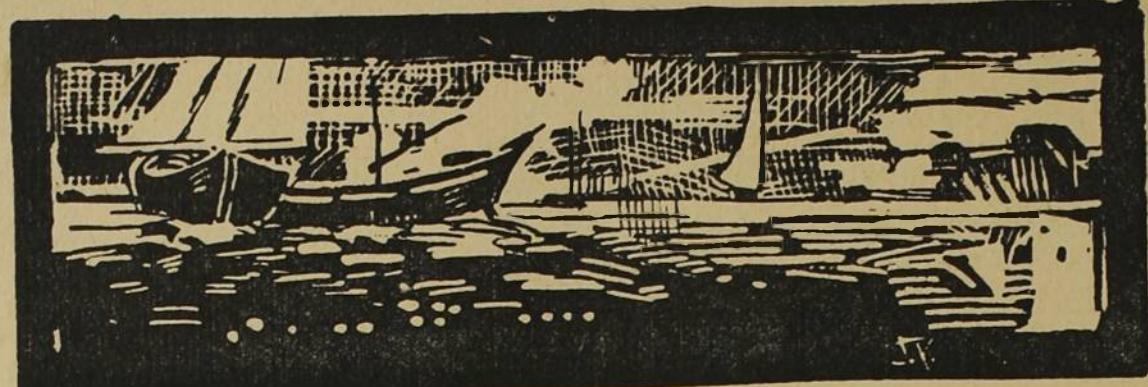
No feminino *portuguesa* e no plural *portugueses* é perfeitamente dispensável o acento circunflexo.

Ensina e eminent romancista dr. José Leite de Vasconcelos:

"Ha uma regra geral de pronuncia que diz que o *e* atono final, quando está antes de *s*, se pronuncia surdo; por isso acentúo o *e* de *português*. No feminino *portuguesa* e no plural *portugueses* não é preciso acentuar o *e*, pois que não tem aqui aplicação aquela regra, nem as palavras podem pronunciar-se de outro modo: os que, escrevendo *português* com *ê*, escrevem também *portuguêsa* e *portuguêses* com *ê*, procedem por tanto menos logicamente". (*Estudos de Filologia Mirandesa*, vol. I, pag. 35).

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.



CRÓNICA DE ARTE

OS JACARÉS INFENSIVOS

“Si podes agir, age conforme teu poder”
Kuang-Dzu. “Tratado Das Influencias Errantes”.

No momento em que escrevo (4 de Abril) vai acesa a luta entre a arte moderna e a tradicional, em S. Paulo. Curiosa esta briga pela modernidade! Passam as guerras de cem anos. Mesmo os ódios entre raças terminam. Mas a guerra do novo contra o velho, ou, principalmente do velho contra o novo perdura sempre. Creio que começou entre os filhos de Adão e o pai pecaminoso. Vejo, mais perto de nós, Confúcio, estacionário, passadista e brigão. E os egípcios, no seu desesperado esforço por eternizar o passageiro. Mais nítida, ilumina-me a visão, a figura de Timóteo, conseguindo vencer nos concursos de ditirambo e afirmado altivamente: “Não canto o já cantado; o novo é preferível! Hoje reina o jovem Zeus. Antigamente Kronos era o Senhor. Longe a velha Musa! “Depois Platão, querendo eternizar as melodias rituais, no seu Estado perfeito. Lembro depois os Padres da Igreja, Santo Efrem irritados contra os hinógrafos inovadores. Lembro... Lembro a história dos séculos e a luta que não cessa e o homem que não aprende; até que em dias do ano de 1923 lembro esta dourada falange de confúciões paulistanos em objurgatórias tremebundas contra os que mais uma vez abandonaram Kronos pelo jovem Zeus.

Cronista de arte que sou, não deixarei de comentar este novo período da luta. Não defendo nem ataco ninguém? Sorrio apenas, dentro de meu espírito imparcial de cronista.

Nessa tarde, encontrando o mais perfeito de quantos metrificadores possuía a língua portuguesa, com gesto de enfado, muito próprio de quem vive na companhia perfumosa de Scherazada e Salomé eu escuto sonhadoramente os sátiros, em ritmadas sikinnis, entoar canções gregas, disse-me êle, erguendo para os ares as unhas mais bem tratadas do país: — Estava há pouco fazendo massagens em casa de Madame X. quando meus olhos baixaram para um jornal. E vi, sob um anúncio tratando de Pyorrhea, certo artigo contra os modernistas. Vale a pena!

Procurei o jornal. Era somente um artigo-periscópio, Anunciava apenas, tão temeroso vinha e carregado, a possante nau de guerra, ainda submersa.

Arrebentaram em seguida as bombas — interminável série de artigos, escritos por críticos ilustrados. Havia em cada artigo uma ou duas ilustrações. Tenho seguido, com a veneração e paciência que tal falange me merece, a trajectória mortífera do alude. Sinto por ela um entusiasmo, si é possível, displicente e necessário. Permitir-me-ão no entanto os nobres críticos, lhes faça algumas objecções? São estas, pálidas e humildes:

1.^a Objecção: Seria este o momento asado para tal campanha? Vejamos. Os modernistas são ainda poucos na realidade. E apenas 3, em S. Paulo, militante na crítica e na discussão: os snrs. Menotti del Picchia, Oswaldo de Andrade e Mario de Andrade. Ora o snr. Menotti del Picchia, de alguns meses para cá deixou aquela feição exclusivista que lhe permitiria... ripostar com balaços de igual calibre aos tiros da nova polícia. Faz agora, o indiscutivelmente célebre autor de "Juca Mulato", obra inteligente de congraçamento; pois pensa, e talvez com razão, que a época dos exageros já passou. O snr. Oswaldo de Andrade acha-se em Paris, onde compartilha do ágape de Brecheret, Romains, Valery Larbaud, Vildrac, Duhamel, Picasso e Cacteau, camaradas ou já amigos. O snr. Mario de Andrade, meu aluno e muito íntimo, asseverou, por sua vez, no derradeiro número de KLAXON, não querer mais se preocupar com farautos. Por outro lado, o brilhante mensário modernista ha muito tempo que não sai, parecendo mesmo que morreu. Ora. ele é, na verdade, o único meio de defesa e resposta dêsses moços. Quer-me parecer pois que a tão bem ilustrada falange não veio em minuto propício acender a luta. Ou antes: parecerá que os valorosos sargentos escolheram propositadamente o minuto em que os inimigos estavam enfraquecidos no número e inespertos no dormir. Assim a obra de tão util policiamento dentário a que se lançaram os valorosos policiais tomou este brilho vidrente de covardia e egoísmo literários que, embora não seja a expressão da realidade, a muitos se lhes antojará. E, num dos apitos da magistral série se confessa o vultuoso número de aspeçadas, reunidos para prender os chamados futuristas. Mon Dieu! Mas nem são êstes tantos para que escritores tamanhos e em tal cópia invistam com êles! (Permitir-me-eis usar agora estilo de revista-de-lingua-portuguesa, pois de tal espécie, measureira e amaneirada, se me parece a luta, que a ela não imponho minha inútil pessoa, sinão com donaires de donzel e floreios de espadim). E, estais vendo? por dizer de vosso farto número, cá estão a lembrar os eruditos que me lerem aquele outro passo da literatura taoista, que está no "Livro da Puresa e da Calma Constantes", do filósofo Ko-Kiuen (4 século). Dirão os psicoanalistas que a reminiscência dêsse trecho da literatura mística chinesa, veio por associação, pois que citei no início desta crónica o admirável Kuang-Dzu... Maldigo os psicoanalistas! Crede: unicamente por causa de vosso gordo número é que sobreveio á memória dos letrados o versículo do Shang-Tsing King: "Nada multiplicado por nada é ainda nada. Nada e nada são sempre nada".

2.^a Objecção: Coisa de dois anos atrás um dos secretas da policial falange veio por um diário da tarde afirmar que se lançava então "uma pouca de terra fria" na "campa fresca do futurismo paulista". (Platea, 3 de Junho de 1921). Agora o mesmo soldado, com anunciar o novo ataque, ensina aos povos que "é propositadamente, com um acto de revelha e piedosa tradição, que se quer assinalar a descida macabra para o fundo dos sete palmos (que linda imagem!) de um corpo.. etc. "Esse morto futurismo ia receber agora a "última pá de cal". (Folha da Noite, 20 de Março de 1923). Que estranha e arraigada propensão para coveiros a dêstes senhores da falange! Pois ha dois anos êsses fúnebres trabalhadores estão a lançar pás e mais pás de cal ardente sobre a cova do futurismo paulista, e êste ainda não morreu!!! Quem sabe si êsse futurismo não terá condições de vitalidade que a êles, aos necrófilos da guarda-nocturna, lhes escapará? ou ainda, quem sabe si alguma feiticeira contraditória lhes anda a mudar a cal esterilizante

— secreção difícil de espíritos sapientíssimos — em adubo mais eficiente que o Polisú? O certo é que o futurismo pompeia, viridente, como um bosque outonal cheio de frutos... maduros. Que frutos? Brecheret, cujo 'Monumento aos Bandeirantes' entusiasmou Romains, trabalha no "Grupo das Amazonas"; Anita Malfatti pinta um "Cigano" de admirável energia; Di Cavalcanti ilustra presentemente o "Festim" de Guilherme de Almeida; ainda dêste as "Canções Gregas" sairão breves; John Gras decora varias moradias paulistanas, e nos lazares faz as ilustrações para o "Tunel" de Carlos Alberto de Araujo; Aranha tem prontos três poemas que reunirá num livro: "Drogaria de Eter e de Sombra", "Poema Giratorio", e "Poema Pitágoras"; Oswaldo de Andrade, cujos "Condenados" vão ser traduzidos para o francês, termina o 2.º livro da Trilogia do Exílio; Menotti del Picchia escreve a "Rainha de Sabá"... E Ribeiro Couto não vai publicar breve um livro de poesias? E não vai escrever novo livro de contos? Morrer assim? num dia assim? Antes não significará tudo isto que o futurismo paulista vive de perfeita saúde e gosa a delícia da vida?...

3.ª Objecção: Eis que na série de artigos contra os futuristas rasga brecha de três metros uma catilinária contra o "Senhor Dom Torres". Geral espanto. Que vem fazer um livro calmo, escrito nas sãs orientações antigas, em meio á tresloucada messe das obras modernizantes? Espanta-se o leitor e pensa que treslê. Mas como é cioso de seu talento põe a culpa no crítico. — Este é que tresleu! diz o leitor. Dobra o jornal e não o compra mais ás terças, quintas e sábados. O autor do "Senhor Dom Torres" (obra já em segunda edição) contraria mesmo, em grandíssima parte a nova orientação; e si emprestou seu apôlo á deliciosa e mais que interessante Semana de Arte Moderna, por curiosidade amiga e inteligente, não escravou por isso sua maneira de ser e de pensar.

4.ª Objecção: Segundo meu juizo frio de cronista creio inútil a nova campanha da polícia. A celebridade dos modernistas é hoje definitiva e indiscutível. Seus nomes penetraram as aldeias do país e as capitais europeias. São traduzidos na França e na Bélgica. Marinetti e Busi enviam-lhes livros, retratos, cartas de Itália. Da Espanha pedem-se informações sobre êles. "Fanfare", a revista inglesa, eternizou aos olhos dos saxões o nome de Guilherme de Almeida. Malfatti deixou quadros nas colecções dos Estados Unidos e da Alemanha. Brecheret é visto pelos visitantes dum museu Holandês. Porquê insistir? E' alastrar inda mais essa notoriedade. E disso deriva a quinta objecção: Atacar os modernistas, insultá-los (pois apesar da adverténcia do primeiro artigo, mesmo nêste e em todos os seguintes, se multiplicam os insultos) como actualmente pratica a severa falange, não é repetir o que êsses mesmos modernistas fizeram aos mestres, do passado? E êsses modernistas poderão ao menos alegar que escreveram numa época de efervescência e de luta franca, em que os insultos brotavam de ambas as partes. E si confessarem o desvario terão a justiça e o perdão. Os insultos de agora surgem num período de armistício. França no Rhur!... Muita gente julgará abandonado pelos futuristas, unicamente, para chamar a atenção dos leitores sobre si. Outrora, quando aparecia um ataque contra Vicente de Carvalho ou Amadeu Amaral (o autor do 1.º artigo deve recordar-se disso) toda gente lia. Não por causa do atacante, mas por causa do atacado. Hoje, em se tratando dum ataque aos futuristas, toda gente lê; pois em arte, a única coisa de realmente interessante que ha no Brasil é êsse famanado futurismo. Assim parecerá que a falange walkírica (ninguem negará a necrofilia dêsses semi-deuses que vivem a catar nos campos de batalha da arte os corpos mortos) alem de roubar o processo dos proprios futuristas, ainda quer roubar uma pouca da celebridade irradiante que dêles promana.

E não faço mais objecções a que os apitos da polícia literária continuem inalteráveis por todos os séculos. Si terminarem, no entanto, é possível que

— si coisa de discussão mais propriamente crítica apareça — pela régia hospitalidade que a Revista do Brasil nos concede, eu, cronista de arte, ceda meu lugar a Mario de Andrade, futurista consciente e cretino, conforme o douto e medicalmente exacto diagnóstico do Licurgo do verso. Tão grande Licurgo, quão pequeno Hipócrates! E então o já hoje conhecidíssimo (graças unicamente aos seus adversários constantes e clangorantes) autor de "Paulicea Desvairada" responderá com sua linguagem alegre, de rua, muito humana — que é justamente o mais insuportável martírio de seus austeros e beneditinos antagonistas. E embora procure manter-se bem alto no terreno da discussão, que o simpático poeta não nos prive daquela sua blague espertíssima — ele, que a sabe manejar com tanta agilidade e fulgor.

Um dia perguntei-lhe mesmo quando começara a gostar da blague. Contou-me então a seguinte história. Em criança, passava anualmente minhas férias na fazenda dum tio. Havia lá um tanque, em quadra, minúsculo, fechado por 12 paus de cerca de cada lado. Cada grupo de 12 paus ligava-se, de seis para seis, por uma trança de arame farpado. O último de cada série de 12 paus era ricamente colorido; correspondendo-se assim os quatro cantos, dois a dois, na cor: vermelhos e amarelos. Ora nesse tanque estava presa uma porção de enormes jacarés, que nem se podiam mover. Explicou-me o fazendeiro que os bichos tinham vindo para ali pequeninos. Agitavam-se à vontade. Mas cresceram, e como a cerca não crescia com eles, lá estavam agora imóveis, ridiculos, inofensivos. Ora eu passava meus dias com uma varinha de bambú na mão, mechendo nos bichos. Quando, mais irritado, um deles dava um bote, eu suspendia a varinha... E o anfíbio abocanhava o espaço. Tenho ás vezes saudades de meus jacarés inofensivos!... Tenho saudades da varinha de condão!...

MARIO DE ANDRADE.





LIMA BARRETO

AINDA ha pouco Affonso Henrique Lima Barreto desceu á terra e talvez ninguem mais fale no seu nome. Por certo, elle passou toda a sua vida sem ser comprehendido. Lima Barreto só podia ter vivido assim, elle que, com tanta clareza, com tanta sensibilidade viu a vida em todos os seus aspectos, burlesca e dolorosa, sorrindo, para consôlo da miseria indizivel dos homens, do immenso e monotonio arrastar da vida.

Sempre em contacto com o meio dos seus typos, com elles soffrendo os mesmos embates do destino, Lima Barreto realizou uma grande obra. Porque elle não era como certos individuos que passam pela vida sem ver, sem sentir a propria vida. Era enigma indecifravel para os seus companheiros, como tinha elle tempo para escrever, para meditar, andando numa bohemia quotidiana, numa vagabundagem irremediavel.

Mas Lima Barreto soube erguer dentre o tumulto da sua existencia, a propria individualidade. A agitação, os desenganos, a pobreza serviram de fonte inspiradora para a sua obra. Possuia uma alma delicada, sensivel aos males alheios. Por isso é que a sua obra reçuma aquella piedade santa que confortava a si mesmo, ou fazia esquecer a propria miseria, vivendo e sentindo a miseria alheia.

Vencido, impossibilitado de bemfazer, de tudo purificar, empolgou-o uma commiseração profundissima pelos homens, uma attitude resignada, sómente entrevista no seu *"humour"*, no seu sorriso, que era um balsamo consolador.

Bergson delineou com precisão o *"humour"*: o *"humorista"* vê a vida como ella é, e por saber o irremediavel della, affecta crer

que assim é que ella deveria ser. Como Machado de Assis, Léo Vaz e Monteiro Lobato, Lima Barreto foi um dos nossos raros "humouristas".

O "humour" não é proprio do Brasil. A tristeza, a saudade, a chalaça grosseira das raças formadoras, sommaram-se no typo brasileiro. Raramente apparece um "humourista" verdadeiro.

Constancio Alves lamenta não termos o "humour", "tanto quanto pôde ser um homem da nossa raça, vivendo sob este nosso céu, tão franco, tão incompativel com o luar doentio de Heine, os corvos philosophicos de Pöe, a pesada nevoa britannica de Sterne".

Não ha duvida que o nosso grande mestre do "humourismo" é Machado de Assis. Elle assimilou com admiravel intelligencia o processo de Lawrence Sterne. Nunca, porém, chegou a imital-o. E' o proprio Machado de Assis quem confessa na primeira edição das "Memorias Posthumas de Braz Cubas" que adoptou a forma livre, a dispersão de Sterne e de Xavier de Maistre. Bem diverso é Machado dos "humouristas" que lhe serviram de mestres. Na terceira edição das "Memorias Posthumas" elle escreveu do proprio romance: "é taça que pode ter lavores de igual escola, mas leva outro vinho."

O "humourismo" transplantado da fria Inglaterra para aqui, transformou-se, soffreu o influxo do novo meio. Já aqui não ha o mesmo céu sempre cinzento, sombrio, a pesar sobre as cabeças. Nem o mesmo céu, nem a mesma frieza impassivel da raça. Tudo mudou. Vê-se, pois, quanto foi difficult a adaptação. Machado de Assis excepcionalmente introduziu o "humourismo" no Brasil. E realizou a sua obra com perfeição.

Léo Vaz, com o seu ingenuo Professor Jeremias, a conversar, desilludido, com um cachorro metaphysico, é bem um discípulo de Machado de Assis.

E Monteiro Lobato, profundo conhedor das nossas coisas, expondo, á luz, as lazeiras que roem os sertanejos, ansiando por um futuro mais alto e mais luminoso, tem produzido paginas de verdadeiro "humour".

Como todo "humourista" sincero, Lima Barreto cobria a sua sensibilidade com um tenuissimo véu, como se receiasse parecer ridiculo. Elle revoltava-se, mas não era um enraivecido, não aggredia, não esbravejava, não demolia. A sua revolta era serena, pungida de mansidão, tocada de um abandono incurável, fatal.

Lima Barreto é bem o que Alcides Maya diz do "humourista": — "um forte bom, vencido, mas sobranceiro á derrota, e na attitude que assume, não de orgulho puro, e sim de altivez dolorosa, ha, annullando o despeito pessoal, uma certeza superior das contingencias terrenas."

Lima Barreto chegou quase á crueldade nos "Bruzundangas", livro em que elle caricatura a nossa terra, os nossos homens, os nossos costumes. Adivinha-se, porém, nelle, um forte desejo de corrigir, de emendar. Atrás do seu pessimismo vê-se uma tendência para o perdão, um sentimento de ingenua bondade. Os tristes, os falhados, os infelizes acham no scepticismo inocente, na indulgência dos seus livros, um consolo para a sua desgraça, para a sua agonia.

Pereira da Silva assim diz: "o egoismo, o interesse, a vaidade, o orgulho, o vicio, que predominam nos moveis humanos, não figuram em sua obra sem as consequencias a que quase sempre arrastam suas victimas. Ha, pois, uma finalidade na obra literaria de Lima Barreto."

Sobretudo, elle foi um bom. A sociedade, elle a criticava por um processo de observação, verdadeiro e doloroso. Os typos e os scenarios são sempre desenhados com justeza, com vivacidade. Apresenta-nos, commovido, mas sorrindo sempre, os seus typos — figuras animadas que dansam e cabriolam com todo o grotesco dos seus esgares. Copia com exactidão as falhas da nossa sociedadezinha pretenciosa: os ridiculos, a miseria, a dôr, e, por vezes, velando tudo com piedade, compadecido, porque, como todos os homens, tambem é desgraçado e soffredor.

Ha uma certa affinidade entre os typos de Lima Barreto e os de Machado de Assis. M. J. Gonzaga de Sá é uma figura bem feita de falhado. Dá o que pensar este homem esquisito, que se comprazia em passear pelas ruas solitarias, abordado a uma bengala, parando aqui e além, para ver um velho casarão, uma curiosidade qualquer, como a apanhar farrapos da vida passada. Era assim Gonzaga de Sá: — "um dia faltou á repartição para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castello, visto cincuenta e tantes annos atrás, em hora igual, por occasião de uma *"gazeta da aula primaria*. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dôr!"

Nunca se apressava, ia tardamente, como ensina o sabio do Ecclesiastes: — "a estrada da vida era má; areenta, aqui; enxarcada, alli; e mais alem, ingreme e empedrouçada..."

Gonzaga de Sá sabia viver despreoccupado da monotonia da vida: seguia, com vagar, calmamente fumando; parava, a colher lembranças, a reconstituir, voluptuoso, o passado; "olhava e olhava e continuava."

Ha qualquer cousa de Brás Cubas naquelle Machado — amigo de Gonzaga de Sá — aquelle que velou, uma noite, o corpo do compadre Romualdo, fumando e philosophando, "pensando muito, — é verdade; mas sem ter concluido coisa alguma." "Só a Morte! a Morte! Era o que restava da longa meditação."

Mas, perto, estava uma moça, recostada ao espaldar da cadeira, olhando um pedacinho de céu, pela janella. Então Machado, considerando a postura da moça, o busto e "o pescoço, longo e roliço, que saía todo do corpete", "nasceram-lhe coisas obscenas; vagos e indefinidos desejos cresceram em tumulto, de roldão; borbulhavam, subiam e desciam, encontravam-se, faziam-se outros a exigir satisfações, carícias, estados enervados e deliciosos..."

E o corpo do compadre continuava, alumiado pela luz incerta dos cirios. E como se estivesse num saráu, Machado segredou-lhe:

— "A vida é cruel. Tudo acaba na Morte."

Lima Barreto tinha prazer com estes contrastes, com esta volupia feita de Vida e Morte, flôr e verme.

Possuia elle o que falta a muitos dos nossos literatos: bom senso. Tinha grande aversão pela velha Grecia, por essa Grecia tão falada, tão discutida pelos nossos homens de letras. Dizia o autor do "Triste Fim de Polycarpo Quaresma" a um seu correspondente anonymo: — "a nossa Grecia varia muito e o que nos resta della são ossos descarnados, insuficientes, talvez, para recompô-la como foi em vida, e totalmente incapazes para nos mostrar viva, a sua alma, as idéas que a animavam..."

Por isso foi que fugiu o autor das "Recordações do Escrivão Isaias Caminha" de falar na belleza hellenica, nessa belleza que certos maniacos citam a cada passo, inteiramente de outiva, para mostrar erudição. Porque, ha realmente quem passe a vida a sonhar com a Athenas classica, e até a se imaginar dentro della, com os seus marmores e os seus deuses.

Nem sempre o amor serviu de thema para os seus livros, porque, como elle mesmo dizia, o amor não é motivo principal do romance. As intrigas de familia, os episodios amorosos não eram buscados por Lima Barreto. Sempre mostrou desprezo, ou ao menos indifferença por esses velhos themas, velhos e perfeitamente exgotados, tão preferidos pelas donas sentimentaes. Na sua obra não se encontra uma Sophia, ou uma Capitú, uma Maria Eduarda, ou uma Luisa, senhoras mais ou menos deshonestas, a fingirem, nas maneiras e nas physionomias, uma virtude incerta, de requintada falsidade.

Não. Lima Barreto não se occupava com os dramas intimos, de alcova, não se comprazia em mexer amores mascarados. Porque era integralmente sincero, causavam-lhe repugnancia certos assumptos.

Entendia o creador de M. J. Gonzaga de Sá que a literatura de agora não deve animar velhas concepções, themes batidos, "Não mais a tal belleza perfeita da fallecida Grecia, que já foi realizada, não mais a exaltação do amor que nunca esteve a pere-

cer, mas a communhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam sob o açoite da vida, para maior gloria e perfeição da humanidade."

Apezar do seu pessimismo, vê-se bem no fundo da sua alma sombria, "o ideal, fonte de justiça, de amôr, de sympathia."

Entre Machado de Assis e Lima Barreto ha uma grande diferença. O mestre de "Brás Cubas" caíra em abstrações continuas, ficava quieto, a espiar, com curiosidade infantil, para dentro de si mesmo, na intenção de ver o mecanismo do cerebro. Por isso que, vivendo interiormente para si, não lhe ficou tempo sobejo para olhar a natureza. A paizagem não mereceu a attenção e o carinho do mestre.

Ante um scenario qualquer da nossa natureza, Machado de Assis ficava impassivel, indiferente, meditando no absurdo da vida.

Para Lima Barreto a paizagem não é um *estado de alma*, como o é para Coelho Netto. Mas, aqui e alli, elle nos pinta pequenas telas, de côres claras, com muita luz, traços largos, espontaneos, que dão mais vigor á sua obra.

Lima Barreto diz no seu livro "Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá" que: "para se compreender bem um homem não se procure saber como officialmente viveu. E' saber como elle morreu; como elle teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ella o abraçou."

Não investiguemos, portanto, como o autor das "Historias e Sonhos" officialmente viveu. Não importa que elle tivesse tido uma vida desregrada, de bohemio inveterado; nem que andasse pelos bairros pobres a observar a miseria; muito menos que tivesse sido funcionario publico e engenheiro geographo.

O que vale assignalar é que, ao morrer, pobre como viveu, deixou uma obra honesta, de vulto, sentida com verdadeira emoção.

Lima Barreto fez uma obra humana, onde os desgraçados vão encontrar sempre repouso para os seus tormentos, consôlo para os seus infortunios.

Recife, 23 — I — 1923.

SYLVIO RABELLO.

BIBLIOGRAPHIA

Da Universidade Nacional do Mexico recebemos nove volumes da colleccão de autores classicos por ella editados, Dante, Platão, Homero, Eurípedes e Eschilo. Edições primorosas, tanto na parte material como no apuro com que as obras foram trasladadas para castelhano, vem elles revelar ao mundo a solidez dos fundamentos em que o Mexico está baseando a sua cultura. Poucos, talvez nenhum outro paiz da America Latina pôde orgulhar-se de ler os autores classicos em edições nacionaes. Nós, aqui no Brasil, por exemplo, vivemos ainda na dependencia dos editores europeus, franceses na maioria e um ou outro portuguez. Nenhum dos autores acima nomeados foi traduzido e editado no Brasil!

Dá-nos, pois, o Mexico mais esta licção. Mais esta, visto como nos tem dado toda uma serie. O seu pavilhão na Exposição Nacional foi a ultima, e de altissimo alcance, pois vale pela mais esplendida affirmação de personalidade, cousa de que havemos mister e de que não temos a minima coragem.

Gastão Cruls — AO EMBALO DA REDE — Annuario do Brasil — Rio 1923.

O autor de *Coivaras* habituou-nos a ver em seus contos não simples phantasias de habil arranjo, mas solidas composições com base no real. Em regra apanha os contos já feitos pela vida, a grande mestra, e os ordena e os veste de seu estylo apurado onde não raro se trahe o medico amigo de casos curiosos. Assim é que o publico intelligente já tem como marca de primeira qualidade o nome de Gastão Cruls e avidamente lê tudo quanto esse nome assigna. Nesta ultima collecção é do Norte, onde esteve em viagem de estudos, que o autor traz os novos themas, desenvolvidos com a proficiencia habitual. E — cousa digna de nota — o Norte, sob todos os seus aspectos, o ethnico, o mental, o geographico, revela-se-nos com muito maior nitidez quando tratado por uma visão do sul, do que quando visto por olhos de lá. O autor, por exemplo, prima por segurissimo criterio de escolha, tanto na paisagem como na psychologia ou nos costumes e dess'arte consegue fixar o essencial, que é o caracter peculiarissimo das creaturas e das cousas. Isso torna sua literatura preciosa, como reflexo exacto do ambiente e estudo no qual a sciencia em todo o rigor de suas observações disfarça seus processos expositivos sob as roupagens seductoras da arte. Recommendamos, pois, vivamente, aos nossos leitores, este e os outros livros de Gastão Cruls como fazendo parte da literatura que a todos é indispensavel ler.

*COMO SE APRENDE A LINGUA, curso elementar, 3.ª edição,
A. de Sampaio Doria. Obra approvada pela Directoria Geral*

de Instrucção Publica de S. Paulo. Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

O exito desta obra, cuja primeira edição veiu á luz ha muito pouco tempo, foi tal, que os editores, no interesse de satisfazer aos numerosos pedidos que lhes eram de toda parte dirigidos, resolveram tirar segunda edição, que se exgottou em seguida, a despeito da avultada tiragem, e agora offerecem ao publico esta terceira edição, elegantemente cartonada e constante de trezentas paginas nitidamente impressas. E' que a obra do sr. Sampaio Doria, cuja autoridade, como mestre da lingua, é coisa sobejamente conhecida, corresponde a uma necessidade, pela maneira por que estão expostas as questões, e, sobretudo, pelo methodo, que é o que nos parece o melhor e mais ao alcance da intelligencia dos jovens estudantes. "Como se aprende a lingua" é uma obra inteiramente diferente das que se conhecem no mesmo genero, as quaes, por complicadas e fastidiosas, são pouco acceptas dos estudantes, que geralmente as repellem ou apenas por obrigaçao é que se lhes submettem; esta é uma obra muito acceptavel a qualquer intelligencia, escripta com o proposito de vulgarisar o aprendizado da lingua, e em que o seu autor revela excepcionaes qualidades de didacta.

Era de esperar, pois, o seu exito. Esta edição alcança até o decimo segundo milheiro.

TROVAS DE HESPAÑA, por Affonso Celso. Nova edição.

Em Hespanha, raro é o amador de poesias que não possua em sua estante os "Cantares Populares y Literarios", collecionados por D. Melchor Palau. E' uma farta collecção de poesias populares, muitas dellaes anonymas, que andam de bocca em bocca. Como é de ver, em se tratando de genero popular, o collecionador, para não tirar ás composições o seu sabor ingenuo, não se deu ao trabalho de lhes apurar a forma, transcrevendo-as taes como são, corrigindo apenas as imperfeições muito grosseiras. E' um livro encantador.

As "Trovas de Hespanha", do sr. Affonso Celso, que os editores Monteiro Lobato & Comp. offereceram ao publico em edição elegantissima, é uma versão, para o portuguez, de grande parte da anthologia hespanhola. Não é precisamente versão, mas paraphrase. E nem podia deixar de ser assim, porque não havendo em portuguez rimas toantes, como em castelhano, e não sendo admittido em portuguez o verso solto, isto é, sem rima, o sr. Affonso Celso, no esforço de engastar rimas onde não as havia, foi obrigado a recorrer á paraphrase. E desempenhou-se dessa tarefa galhardamente.

O sr. Affonso Celso é tambem poeta, e dos nossos bons poetas, e ao pôr em portuguez as trovas hespanholas, fel-o com esse carinho affectuoso que sempre mostrou quando se pôe a poetar.

Vejam que encanto que ha nestas quadrinhas:

Maldito amor que tem sido
Do meu viver dura lei!
Havendo eu livre nascido,
Por elle me captivei.

O crime com a pimenta
Bem se pôde comparar:
Pouquinho, o sabor aumenta;
Muito, queima e faz chorar.

Meu coração imprudente,
Quem é que tinha razão?
Eu te dizendo: "Ella mente!"
Ou tu contestando: "Não!"

Maldito o triste tributo
Desse teu negro vestido!
Sinto que estejas de luto
Sem que eu haja succumbido!

Em "Trovas de Hespanha" não ha o que escolher, porque tudo é leve, gracioso, cheio de enlevo e encantador.

PEDRAS DE ARMAS, contos de Pedro Calmon. — Monteiro Lobato & Comp., editores. — S. Paulo, 1923.

E' um livro de estréa este. Mas ninguem o diria, porque o seu autor revela nelle qualidades que só podem ser adquiridas ao longo de um velho tirocinio. O autor é um apaixonado dos estudos historicos, e foi na Historia, sobretudo na edade média, que mergulhou para buscar assumptos para os seus contos. Ao narrar um episodio de tragedia ou de farça, cuja acção se desenvolve ha alguns seculos passados, tem elle a habilidade de transportar o leitor para essa época, evocando-a por meio dos recursos da cor local e da linguagem apropriada. E consegue os seus effeitos sem pedantismo e sem eruditismo superfluo, mas naturalmente, como se a narração não lhe custasse outro esforço mais que recorrer ora á imaginação, ora á memoria. São deliciosos porisso os seus contos. Movimento, vivacidade, surprezas, nada falta aos seus contos para prender a attenção dos leitores e leval-a por deante. Junta-se a isto o estylo, que é claro, fluente e de bom gosto.

"Pedras de armas" é um livro que está destinado a ter grande exito e a grangear para o seu autor uma reputação em nossas letras.

O REINO DE KIATO (No paiz da verdade), novella de Rodolpho Theophilo. Monteiro Lobato e Comp., editores — S. Paulo, 1922.

Tudo, nesta novella, concorre para atrahir a curiosidade dos ledores de bons livros: o titulo, o nome do autor e a edição, que é elegante e bem cuidada. Rodolpho Theophilo, um dos fundadores da "Padaria Espiritual" do Ceará, unica egremiação literaria séria que se tentou em nosso paiz e da qual estavam excluidas as mediocridades, é um novellista de brilhante imaginação, e o seu nome já pertence, desde muitos annos, á galeria dos nossos melhores escriptores. "O reino de Kiato" é um reino imaginario, ou melhor, é um reino que ainda não existe, mas que logicamente ha de existir mais tarde, d'aqui a um seculo ou mais, quando a humanidade tiver conquistado mais alguns progressos moraes e se tiverem tornado realidade algumas utopias que ocupam hoje o espirito dos pensadores e theoricos. O autor, dando o salto de alguns seculos para o futuro, transporta-se ao "paiz da verdade", e lá observa mil coisas interessantes, que, hoje, ainda são do dominio do sonho. E' uma novella empolgante, cheia de originalidades imprevistas, de surprezas, e que se lê quasi de um folego, com prazer e enlevo.

DANÇA DOS PYRILAMPOS, versos por Oswaldo Orico. — Monteiro Lobato & Comp., editores — S. Paulo, 1923.

Está muito em voga, na hora corrente, o verso livre de rythmo livre. Esses versos, como é de ver, são de mais facil manejo, porque não escravisam

o poeta a um mesmo metro, á symetria das rimas, ás cesuras e ás estrophes. Quasi que se pôde dizer que esse genero não custa ao poeta esforço mais que pôr em prosa as suas idéas, e, depois disto, dividir os periodos em linhas de diversa extensão, dar-lhes um certo rythmo e collocar as rimas ao acaso, pouco importando a riqueza ou banalidade dellas e as homophonias occorrentes. Como se vê, é o que ha de mais facil; entretanto, a despeito disso, o artista de genio logra fazer prodigios com o verso livre.

Esse genero, que é o mesmo, parece, adoptado pelos futuristas, só exige uma coisa: que o poeta não faça "enjambement", que nunca procure esse recurso. Isso é lei immutavel, só desobedecida pelos que a ignoram. De facto, se o verso é livre, se o rythmo é livre, se as rimas são facultativas, se tudo, nesse genero, é liberdade, porque buscar recurso no "enjambement"? E' o que faz a cada passo o poeta da "Dansa dos pyrilampos". Mas o critico é obrigado a perdoar-lhe essa fraqueza, essa e outras mais, porque ao lado dellas sobresaem qualidades e virtudes. Ha poesias muito lindas no livro, inspiradas e expressas com calor.

A edição, feita a duas cores, é uma das mais elegantes e caprichosas que têm sahido dos prelos nacionaes, e superiormente recommenda o fino gosto dos editores.

VINHA RESEQUIDA, versos de Djalma Andrade. — Monteiro Lobato & Comp., editores. — S. Paulo, 1922.

O verso, no Brasil, é uma arte corrente, ao alcance de todos. A sua fórmula, a sua technica, os seus segredos vulgarisaram-se de tal maneira, que os poetas mais minguados de talento e os mais detestaveis versificam, não raro, com inteira correcção. Já lá se vae o tempo em que se dizia que o conselheiro Octaviano e o grande Castro Alves não conheciam o "segredo" da sexta syllaba do alexandrino. Esse segredo como outros mais são hoje coisas soalheiras. Os tempos mudaram. O que é extranhavel é que, no bons tempos d'antanho, quando os melhores poetas incorriam a cada passo em erros de construcção e de syntaxe e mal sabiam versificar, havia mais talento que hoje, e os poetas de hoje, com excepção de pouquissimos, não fazem outra coisa mais que rimar bem, com rigorosa syntaxe e fórmula apurada, logares communs sem elevação ou desvarios sem nexo.

O sr. Djalma Andrade, pelas imperfeições da lingua e da fórmula, pertence á pleiade antiga, mas avantaja-se aos modernos por uma certa finura, por uma graça que se torna cada vez mais rara. No dia em que apurar a fórmula do seu verso e tratar a syntaxe com mais cuidado, será um poeta digno de hombrear com os nossos melhores. Porque o que lhe falta é exactamente o que pôde adquirir.

Encontram-se em "Vinha resequida" decassyllabos imperfeitos, como este do soneto "Cabellos brancos":

"Hontem, querida, hontem arrancaste";

ou como este, do soneto "Fumando":

"Este cigarro, que, abstracto, fumo",

ou ainda como este, do soneto "Vai":

"Contra o absurdo das desuniões".

Imperfeições desta natureza, e outras, como homophonias, má construcção das estrophes, encontram-se com abundancia. Ha incorrecções deste jaez:

“Que o meu orgulho torne-se humildade”

Entretanto, a despeito de tudo isso, quanta graça, quanta originalidade, quanta fagulha ha na “Vinha resequida”! A parte intitulada “Anacreonticos” é a melhor. Della extrahimos este soneto que offerecemos ao paladar dos sensualistas e em que ha, sem duvida, algo novo:

“Encho a taça de vinho espumejante,
E a taça levo aos labios com deleite:
Mandam todos que o vinho estonteante
E a taça e tudo, para longe, eu deite.

O’ taça, minha irmã, justo é que eu cante
O vinho e taes conselhos não acceite:
Agua régia da Dor! inebriante
Vinho! tu és o meu segundo leite.

Quando minha alma é um temporal desfeito,
E quando a dor a sua garra adunca
Vem enterrar nas fibras do meu peito,

Taça, tu és o meu seguro arnez.
Os meus momentos de ventura nunca
Duraram mais que a minha embriaguez”.

VISCONDE DE TAUNAY, paginas escolhidas dos melhores escriptores, por Alberto de Oliveira e Jorge Jubim. Livraria Garnier, Rio, 1922.

Um livro precioso este. Mesmo para os que conhecem o visconde de Taunay, o artista de “Innocencia”, é elle precioso porque nelle estão enfeixados os melhores contos e os trechos mais interessantes dos romances deste escriptor. No prefacio traça Jorge Jubim, com um grande senso critico, a figura moral e intellectual de Taunay, que tanta influencia exerceu em nossas letras e que ainda hoje é avidamente lido, o que bem evidencia esse cunho de perpetuidade que ha em suas obras.

O trabalho dos collectionadores é um trabalho consciencioso, feito com muito escrupulo e rigor de critica. Os que não conhecem Taunay poderão conhecê-lo perfeitamente atravez dessa collectanea, que, além do valor que representa como obra d’arte, é uma digna homenagem tributada ao grande escriptor.

*AS OPINIÕES E AS CREANÇAS, pelo Dr. Gustavo Le Bon.
— Livraria Garnier, Rio.*

Bem avisada andou esta casa editora em offerecer ao nosso publico, em portuguez, e o que mais é, em portuguez claro e correcto, esta popular obra de Le Bon. Le Bon é um grande philosopho, é um dos espiritos mais esclarecidos e mais observadores da moderna corrente francesa do pensamento, e, além disso, é um notabilissimo artista que consegue tornar-se interessante a qualquer leitor e mesmo quando trata dos assumptos mais aridos. As theses desenvolvidas neste volume, origens irracionaes das crenças, os elementos da personalidade, a vontade inconsciente, os conflictos das logicas affectiva, mystica, collectiva e racional e outras mais, são de uma grande oportunidade, e têm a virtude de abrir novos horizontes á imaginação, mesmo áquelles a quem sejam familiares estes assumptos.

HISTORIA DA INDEPENDENCIA DO BRASIL, por Carlos Maul, nova edição, Gubão & Cia., editores. — Rio, 1922.

O sr. Carlos Maul tem explorado todos os generos literarios. A sua obra já alcançou uma vintena de volumes. O verso, o conto, o romance, a critica d'arte, o theatro, tudo isto são coisas que trata com igual prazer e sobre que escreve com abundancia sempre e não raro com brilho. A "Historia da Independencia do Brasil" não é um trabalho em que elle revela todas as suas qualidades, como em outros trabalhos de ficção; mas é um trabalho util, indispensavel aos estudiosos da nossa Hitoria e aos que se interessam pelos grandes vultos do nosso passado. A nossa Historia, apesar de ser curta porque as suas origens são de hontem, está muito mesclada de phantasia, e só ultimamente é que têm surgido os contraditores, que se impuzeram a tarefa de perquirir a verdade. O sr. Carlos Maul não pertence a esta classe. Elle concebeu o seu trabalho e levou-o a cabo sem outra directriz que a de guiar-se pela documentação e pelos factos que se têm como verídicos, e realizou o seu proposito integralmente. Sobre a maior parte das obras escriptas sobre este assumpto, a do sr. Maul leva, além de tudo, a vantagem do estylo, que é elegante, e da linguagem, que é clara e correcta. Um bom livro, em summa.

RECEBEMOS MAIS:

Uma interessante e farta collecção de publicações de indole economico-social, editadas pela Associação do Trabalho, com séde em Buenos Aires.

Dentre os primeiros volumes publicados ha alguns firmados pelo dr. Dell'Oro Maini, que, na Republica Argentina, gosa de um justo prestigio pelo valor que representa, e são os seguintes:

Conferencia Internacional de Génova (sobre el Trabajo Marítimo), por Atilio Dell'Oro Maini;

Memoria y balance de la Asociación del Trabajo, correspondiente el ejercicio de 1920-21;

Memoria y balance de la Asociación del Trabajo, correspondiente al ejercicio de 1921-22;

Organización Internacional de los Patronos Industriales, por Atilio Dell'Oro Maini;

Memoria y balance de la Asociación del Trabajo, correspondiente al ejercicio de 1919-1920;

La Oficialización de los trabajos portuarios; ..

Consejos industriales mixtos;

La immigracion en la República Argentina y la situación social del agricultor, pelo dr. Atilio Dell'Oro Maini;

Organización Internacional del Comercio, por Atilio Dell'Oro Maini;

Normas de acción;

Boletin de servicio de la Asociación del Trabajo.

Boletim da Agricultura, Commercio e Industria, da Secretaria da Agricultura, Industria, Commercio, Viação e Obras Publicas do Estado da Bahia. Numeros 10 a 12, referentes a Outubro e Dezembro de 1921.

Revista de la Facultad de Derecho y Ciencias sociales, magnifica publicação trimestral dirigida por Clodomiro Zavalia. Buenos Aires, 1923.

RESENHA DO MEZ



A REACÇÃO MODERNA

Depois do delírio do espírito, em que se procurou construir a realidade segundo os variáveis pendores de cada temperamento exaltado, havíamos de ter a reacção, que cresce e se agiganta em uma tortura insana pela forma, tentando cada artista aos mais ingentes sacrifícios. A época contemporânea, o minuto trágico em que vivemos, se caracteriza, por esse esforço doloroso, ancia desejo, o conflito de cada alma para se revelar, dominando a matéria. A descrença lírica dos românticos findou no realismo que, na philosophia, na arte e na ciência, teve a solução materialista e grosseira, que só ajuntou à vida um pouco mais de melancolia. Tudo decepção para os que negavam! Nem aqueles que buscaram o precioso, nem a medida formal, nem o vago abstracto encontraram a chave para a existência dos inquietos filhos do século, construído sobre a chimera de Rousseau e o scepticismo de Kant. A negação volvia e repontava em cada doutrina nova. No fim, permaneciam a ilusão insatisfita e o tédio aniquilante.

Aos herdeiros desta melancolia, foi preciso uma vontade inflexível para se não perderem em uma onda de desengano e desconsolo. A reacção violenta e forte, multiplicando energias vibrantes e heroicas, surgiu, e a palavra fé brotou de novo nas bocas incredulas e vasias. Um fremito exaltou o espírito contemporâneo, retemperado na grande fornalha da guerra, e por toda parte o esforço para

nova obra se afirmou vitorioso. Enquanto o espiritualismo abria às almas essa fonte de crença, sem a qual feneceem as creações feitas sobre a terra ingrata; enquanto a ciência certifica seus postulados absolutos e preciosos, na arte principiou a tortura pela expressão, fóra das repetições constantes e gastas. O artista sentiu que o segredo de seu estro não mais podia ser transmittido segundo as regras inflexíveis e consagradas, e buscou, quebrando os moldes, uma forma maravilhosa inédita, que correspondesse ao seu exacto poder emotivo.

O espectáculo admirável dessa luta por um rythmo novo é a tragédia deste momento de arte. Por toda parte, essa inquietação se comunica aos espíritos, como uma scentedha mágica, que os inflamma no mesmo fervor e no mesmo entusiasmo. Fórmulas, muitas surgem e passam, há excessos e desvarios, uma loucura colectiva pelo desejo ardente e superexcitado, marcando o surto moderno que se affirma. Futuristas, dadaistas, cubistas, expressionistas e tantos outros procuram encontrar esse prémio encantado e inatingível, que será o resultado do tumulto contemporâneo, quando o gênio individual ou colectivo plasmar nesse material a obra prima. Mas, então, o gosto humano já variou tanto que outros desejos o moverão a novas conquistas. Afinal, as coisas voltam sempre e nós vamos acreditando em mudal-as...

A ancia da arte moderna não pode ser observada ainda senão pelo aspecto de cada artista, e nunca pelas escolas,

onde o preconceito tira a originalidade imprescindivel a essa fascinante e infinita procura. Cada qual se esforça por uma trilha nova, e os que acompanham as pegadas alheias são destituidos de interesse nesse movimento, em que o por-menor ainda é desprezivel. Portanto, o artista deve ser uma personalidade empolgante. O seu *eu* deve surgir inconfundivel, regendo a sua obra e sendo della a mais exacta medida. Este é o caso do Sr. Mario de Andrade. Antes de tudo, devo dizer que, no autor da *Paulicéa Desvairada*, o que mais me interessa é a sua intelligencia. Foi ella que lhe despertou essa ancia por uma expressão nova e pessoal e fel-o abandonar os *versos metrificados*, bem feitos, bem arredondados e bem polidos, como publicam tantos outros e elle mesmo os rimou. A historia de seu espirito está nessa reacção intelligente, de um homem que se procura, persiste e vence. A sua descoberta não foi um feliz acaso, por desvio das correntes, mas a solução de um problema que propoz e resolveu. Sua poesia é uma esthetic differente, que foi buscar e encontrou. Portanto, o Sr. Mario de Andrade representa entre nós, a tortura de um homem que se recusou sentar em um banquete onde muitos já tinham comido, e foi tirar de uma arvore estranha um fruto novo, de sabor acre e differente. "Por muitos annos procurei a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando á procura da originalidade, porque já descobri onde ella estava, pertence-me, é minha"

Na sua intelligencia, o aspecto critico é talvez o mais impressionante. *Paulicéa Devairada* é uma satyra violenta e audaciosa contra o convencionalismo infecundo e prosaico, as affectações e os preciosismos, que atropelam as letras e os costumes. Gritando ou rindo, com uma perversidade escandalosa, o Sr. Mario de Andrade nos transmite, através de uma zombaria constante, que envolve até suas predilecções, emoção da vida, com um frescor e possivelmente uma barbaridade imprevistos. Neste imprevisto está outra maravilha de sua arte. No *Prefacio Interessantissimo* explica, em uma feliz comparação com a musica, como nossa poetica realização pela justaposição de

palavras soltas, mas com uma suggestão clara, o que a harmonia musical expressa pela combinação de sons simultaneos. D'ahi o inedito constante, que á primeira vista choca, mas depois nos permite esse prazer infinito de sentir além da forma o vago mysterioso, onde o espirito constreia intencionalmente livre. Estes versos como exemplo:

Mornamente em gazolinhas.. Trinta e [cinco contos!
Tens dez mil réis? vamos ao cōrso...
E filar cigarros a quinzena inteira...
Ir ao cōrso é lei. Viste Marilia?
E Filis? Que vestido: pelle só !
Automoveis fechados... Figuras im- [moveis...
O bocejo do luxo... Enterro.
E tambem as familias dominicas por [atacado,
Entre os convenientes perenemente...
—Futilidade, civilização.

A emoção, se reveste uma expressão diversa, personalissima e através de intelligencia subtil, é de um poder intenso e de uma fantasia rara. Que admiravel aquelle *Nocturno*, ou as *Paisagens*, ou ainda aquella *Religião* commovente e profunda, com este principio de exaltação e força:

Deus! creio em Ti! Creio na tua Biblia!
Não me a explicasse eu mesmo.
porque a recebi das mãos dos que viveram [as illuminações.

A sua satyra não é filha de um sentimentalismo gasto e fino, mas golpeada cruentamente por um espirito que sente o dever irremissivel de destruir inutilidades para abrir horizontes, para construir, para crear. Se, por vezes, aponta sómente o ridiculo das coisas, rindo dellas com displicencia, como na *Ode ao Burguês* ou no *Rebanho*, em geral a sua violencia e o seu odio são de um cavalleiro intrepido, radiante de sua crença, pródigo de sua força. As *Enfibraturas do Ipiranga*, ao mesmo tempo de uma grande revolta, de uma violencia fortissima, têm uma suave poesia, de ternura e de esperança, a tranquillidade de uma fé que se levanta contra a bulha dos mediocres e dos retrogrados, mas ao fim chora o "arrepen-

dimento do transvario". O Sr. Mario de Andrade é um caso singular na nossa poesia, em que no combate não se some a personalidade, antes avulta e se engrandece, pelo prestigio do proprio idéal.

Na renovação moderna, que atravessamos, acompanhando todo o mundo, o Sr. Mario de Andrade permanece isolado. Combatendo a mesma batalha de um grupo admiravel, que o Sr. Graça Aranha, na *Semana de Arte Moderna*, apresentou como transformador da nossa arte e da nossa cultura, o autor de *Paulicéa Desvairada* é unico, de si proprio mestre, guia e senhor. As influencias que sofreu soube dinamizal-as de sorte que completam e não deformam sua physionomia de poeta. Para percebel-o é preciso sentir a vida tumultuosa, e não igualzinha, compassada, regulada. Nada no universo é descontinuo, desigual, diferente. Tudo é energia, é força, é movimento. O subjectivismo, através das apparencias trivias ou sublimes, exige do artista moderno esse poder de synthese e de elevação, que muitas vezes parece extravagancia aos olhares communs. E, na poesia do Sr. Mario de Andrade, a essencia paira acima do verso e se revela ao contacto com a emoção que a presente, na magica evolução da fórmula. Pode haver, ás vezes, excesso de subtilezas, mas o espirito vislumbra o que a fantasia obscureceu. No fim, será a libertação pela arte, o momento de vida mais intenso e mais integral.

"Não se escrevem versos para a leitura de olhos mudos", escreveu o poeta, E' preciso viver toda a vida para ler nos versos muito mais do que nelles está escripto, tudo o que sugerem, tudo que despertam, tudo que delles se evola para o vago. O mysterio é o thema derradeiro da Arte.

Renato Almeida.

("O Paiz")

RECORDAÇÕES DO BARÃO DE COTEGIPE

Este artigo não é meu. Inspirou-m'o o meu fallecido amigo dr. João Ferreira de Araujo Pinho. E', cumpre dizer-l-o, ex-

traido de uma entrevista que elle deu a "A Tarde", da Bahia, e foi publicada na sua edição de 13 de fevereiro de 1914. E ninguem podia falar melhor do barão de Cotegipe do que o dr. Araujo Pinho, seu genro, seu amigo, com quem intimamente conviveu muitos annos.

Conheci o barão de Cotegipe. Adversario, embora, de meu pae — um era liberal, o outro chefe conservador —, entre os dois houve sempre as melhores relações. Ambos bahianos e ambos senadores pela provinça em que nasceram, a politica nunca deu ensejo a que se quebrasse a estima entre os dois. Mas isso era comum no Imperio, maximé no Senado. Recordando que do voltarete ou manilha da casa de Cotegipe era indefectivel parceiro o senador Silveira da Motta, radical ate nos dias em que "mais activo se mostrava na campanha contra o ministerio de que fazia parte Cotegipe", dá o dr. Araujo Pinho a esse caso uma expressão caracteristica e accrescenta: "A linha observada em suas relações reciprocas pelos estadistas do Senado — viveiro de organizadores de ministerios — assignava precisamente os campos de acção politica; mas, em geral, o calor dos debates e a exaltação na defesa dos seus postos não impelliam os adversarios a ultrapassar as conveniencias ou intringir o mutuo respeito. A opulenta collecção de cartas dos mais egregios politicos, amigos e adversarios, dirigidas ao barão, no longo decurso de sua vida accidentada, demonstra a cordialidade que elle sabia manter nas suas relações particulares."

Outro caso é lembrado pelo dr. Araujo Pinho, que dá igualmente idéa não só da nobreza de sentimentos de Cotegipe, como da consideração que reciprocamente se prestaram os grandes politicos do Imperio. Era uma quinta-feira, dia das recepções de Cotegipe, em que affluiam á sua casa muitos amigos e simples visitantes. "Em dado momento, o barão, polidamente, lhes observou que a recepção se restringiria a simples palestra, sem nenhum caracter festivo, porque se achava enlutado o lar do seu collega senador Saraiva, cuja virtuosa esposa tinha falecido. Eram, aliás, ha muitos annos de mero e ceremonioso cumprimento as suas relações com aquelle eminente estadista."

Recordo-me da amenidade graciosa do trato do barão de Cotelipe. As relações entre mim, muito moço, que elle tinha conhecido menino, e elle, digno de todo o meu respeito, não podiam ser de intimidade. Mas, era natural a sua delicadeza, "repassada, — a phrase é do dr. Araujo Pinho — nuns longes aristocraticos". Demais, tinha o barão, como bem assignou o conselheiro Coelho Rodrigues, citado pelo dr. Araujo Pinho, "o segredo de interessar na sua conversação todos aquelles que o ouviam, desde o menino até o ancião, desde o sertanejo até o diplomata, desde o politico até o aspirante até o argentario analphabeto, desde as senhoras mais distintas até as donzellias mais ingenuas".

Ouvi-o na tribuna do Senado, onde brilhava entre os primeiros parlamentares naquelle tempo em que entre nós esteve em plena florescencia a eloquencia parlamentar. Ouvil-o era um encanto. Improvisador incomparavel, a sua palavra de clareza crystalina, sempre muito espirituosa, ás vezes calorosa, corria facilmente; elevava o debate, que elle sabia no entanto suavizar, mesmo nos assumptos mais aridos. Reunia a graça á força, a variedade á elegancia no dizer. Outros mostravam mais leitura, citavam mais, ao passo que elle elucidava com as proprias luzes. A ouvir seus rivaes, que eram uma pleiade illustre, não tinhamos na politica homem mais intelligente. Todos lhe davam a palma, e, se faziam restricções, era quanto ao estudo. "Se estudasse mais..." diziam todos. E, talvez, os criticos ainda estudassem menos.

Esse homem, que diziam não ser estudo, a quem arguiam de perder muito tempo com diversões, foi, entretanto, inexcedivel entre os nossos grandes ministros trabalhadores e mais prompto na solução dos negocios submettidos ao seu exame. Na sua mesa não se amontoavam papeis. Disse-me Balduino Coelho, que foi seu principal auxiliar de gabinete quando ministro do Imperio — e nesse momento o barão geria duas pastas, essa e a de Estrangeiros — que, dos muitos ministros com que servira, nenhum se comparava com Cotelipe na facilidade de apprehender as questões e dar-lhes prom-

pta e justa solução. E despachava todos os dias.

Mas, quem era Balduino Coelho, cujo testemunho invoco? O mais completo dos nossos altos funcionários publicos. Não seria eu que teria agora de dizer-o, mas, se ainda vivessem, os diferentes ministros do Imperio, que o tiveram a seu lado, a que prestou serviços inestimaveis. Além disso, era primorosa sua cultura literaria. Era muito mais que um simples burocrata. Tenho delle a maior saudade, e apraz-me confessar que, no trato com elle, na sua conversa interessantissima, na troca de idéas e impressões de leitura, muito aprendi.

Accumulava Cotelipe as funções de ministro com as de Provedor da Santa Casa de Misericordia, onde prestou serviços consideraveis. E isto ainda com as Camaras abertas, quando aquelles trabalhos accresciam os parlamentares. Deuse o mesmo com outros dos nossos estadistas da monarchia, como Zacarias, cujo nome me acode á memoria. Recebia Cotelipe todos os dias as pessoas que tinham negocios na Santa Casa. Ouvia-as attenciosamente, com quanto, segundo o dr. Araujo Pinho, "obstando cortezmente ás exposições impertinentes". Tambem, diariamente, ao anoitecer, despachava o expediente da Santa Casa, e nesse serviço, que chamava serviço de Deus, o ajudava uma de suas distinctissimas filhas, a mais moça. Esta, de pé, ia tirando da respectiva pasta os papeis, apresentando-os successivamente á assignatura, que fazia seccar com areia metalica.

Com todo esse trabalho, exactissimo no cumprimento dos deveres de cortezia e boa educação, entretinha-se tambem com jogos de sociedade, que dizia salutares a um cerebro sobrecarregado, e ainda lhe restava tempo para ler. Lia os jornaes da terra — era a sua primeira occupação, pela manhã — lia jornaes estrangeiros e revistas, gostava de Memorias, livros de historia, de romances e novellas. Foi quem primeiro me recommendou a leitura do "L'abbé Constantin", do Halevy, quando saiu na "Revue des Deux Mondes". Foi numa palestra com que me honrou na salinha do café do Senado, que eu costumava frequentar, e onde José Bonifa-

cio se comprazia, deleitando-me, em recitar-me sonetos seus e outras poesias.

Meditando é que Cotegipe se preparava para as discussões parlamentares. Depois do almoço, fumando um forte havana, que accendia cuidadosamente, porque dizia que disso dependia o bom charuto; passeando ao longo de uma sala, é que coordenava idéas, fixava factos, para suas occupações diárias e, portanto, para aquellas discussões. Confiava na sua memória, "tão tenaz — affirma o dr. Araujo Pinho — que o guava nas respostas, ponto por ponto, aos discursos mais extensos e complexos, sem tomar uma nota. Estudado o assumpto, formava-lhe o schema e confiava o exito á espontaneidade e lucidez de seu espirito, ás impressões do momento, aos embates da tribuna, socrorrendo-se dos elementos de antemão dispostos no seu conjunto. Gostava das réplicas imediatas onde ostentava o seu vigor e a inesgotável fecundidade de seus recursos. Vexava-ter de espaçar a resposta, porque o intervallo, dizia elle, lhe esfriava os nervos".

Cotegipe era madrugador. Desde muito cedo se entregava aos seus múltiplos affazeres. Após a leitura das folhas do dia, cuidava de sua correspondência assiduamente sustentada. "Nas cartas de somenos importância, traçava a lapis, pelas entrelinhas, com letra fina e firme, as forças para a resposta, ás vezes tão comprehensivas — é sempre o dr. Araujo Pinho que fala — que só restava aos seus auxiliares o trabalho material da cópia. Antepunha aos nomes dos signatários, para evitar omissões no endereço, os títulos honoríficos, científicos ou patentes que elles possuam. Respondia de seu próprio punho a outras cartas. Não as rascunhava e de poucas fazia extrahir cópias."

Cotegipe, se não cortejava a popularidade, e foi sempre inimigo da popularidade, também nunca foi aulico. "Não sou monarchista de coração — disse um dia ao dr. Araujo Pinho — e nada devo aos representantes mais graduados do regimen. Sou sim, monarchista de cabeça. Penso que seria funesta e irrisoriamente prematura uma republica que se implantasse num paiz em formação, como o nosso, onde quasi nove decimos

da população se compõem de analphabetos, esparsa em nucleos distanciados por uma extensão territorial enorme, sem communicação rápida... Não estamos de vez para a republica, mas, monarchistas é que estão, com reformas radicais, despercebidamente servindo os interesses da anarchia e simploriamente concorrendo para a sua victoria final. Eu, como piloto experimentado, zeloso da vida e dos interesses alheios, chamo a postos a tripulação, advertindo-a da iminencia do perigo. Não o querem enxergar, nem os mais directamente ameaçados; e ainda em cima incriminam os meus conselhos de velho e desnaturam os meus sentimentos pessoais. Não tenho olhado a sacrificios no cumprimento do meu dever de patriota, como eu o entendo em minha consciencia. Deus permitta que um proximo futuro não me justifique."

Refere o dr. Araujo Pinho que á primeira vez, depois de 13 de maio, que a Princeza Isabel encontrou o barão de Cotegipe, lhe disse em allusão accintosa ao seu prophetic discurso proferido no Senado: — "Então, sr. Cotegipe, a abolição se fez com festas e flores. Ganhei ou não a partida?" Cotegipe, fitando-a, replicou: — "E' verdade, Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o throno."

Eis ahi, em breves traços, recordações da vida de João Mauricio Wanderley, barão de Cotegipe. São mais da vida intima que da publica. A sua vida publica presta-se para uma grande obra, que está promettida por seu neto, o dr. José Wanderley de Araujo Pinho. Além de inspiral-o o justo orgulho da ascendencia, que lhe é honrosa, é um trabalho patriótico, a que se consagra meu illustre patrício. Em quasi meio seculo de vida publica, que se dilatou por quasi todo o segundo imperio, o barão de Cotegipe distinguiu-se como político, chefe de oposição e chefe de governo, como administrador e como diplomata. Nesta ultima qualidade foi o nosso plenipotenciário da paz, terminada a guerra do Paraguai, e brilhantemente, com felicidade, defendeu os interesses brasileiros em luta com os de seus aliados. A vida do barão de Cotegipe, que será também a historia do partido conservador, de que

elle foi, longos annos, cardeal e pontifice maximo, nos ultimos annos da monarchia, será uma preciosidade para a nossa tão pobre literatura politica. Venga á estampa a obra do illustre neto, da qual muito proveito terão que tirar os contemporaneos. Farta será a messe de lições e exemplos.

Gil Vidal.

(“Correio da Manhã”).

BRODOS

Creio na salvação da patria, apesar das repetidas fatalidades culinarias que perseguem a pratica das instituições nella estabelecidas pelo Exercito e pela Armada em nome da Nação. Confio nos grandiosos destinos do Brasil embora, a datar de 15 de Novembro de 1889, indefectivel e invariavel appareça no programma de todas as suas solemnidades politicas, como numero importante, o cardapio dum banquete.

O porque explicativo desse opiparo, copioso, e, sobretudo, carissimo pheno-meno, ainda ninguem o designou com visos de certeza, de que, todavia, seja elle relativamente novo ha não só testemunhos de vista e de queixo, mas lucidos argumentos oriundos dos nossos respeitaveis archivos. Nem nas refeições collectivas, bastante contestadas, aliás, do indigena sul-americano ao longo do nosso litoral, nem na nossa vasta documentação administrativa, edosa de quatro seculos, é possivel encontrar raias geradoras e determinantes de tão evidente appetite.

Mudos são os annaes lusitanos a respeito de brodios com que houvessem Yannes Pinzon e Alvares Cabral, em Janeiro e Abril de 1500, festejado os respectivos desembarques nas praias da Pindorama. Isso nos primordios de nossa historia.

Correram e decorreram tempos e tempos, veiu a nossa phase economica, e quer da imprensa, quer da tradição, não constam ceias, jantares e almoços a pretexto do famoso brado do Ypiranga, sendo até generalizada a crença de que, em 1822, havia no Brasil muito mais sede

de liberdade que de vinho do Porto. E para atalhar enganos que attribuam a embaraços monetarios tanta temperança, cumpre assinalar que, na época, os apuros financeiros, menores que os esperados e livres da fiscalisadora espionagem de credores externos, quasi se limitaram a emprestimo interno de tres mil contos, a juro baixo, para custeio da Independencia, sendo tal quantia, dezoito meses depois, empilhada em caixa, para liquidação do debito por ministro que nunca foi banqueteado.

Noutro marco significativo de nossa evolução, a Maioridade, attingindo o cambio o par a despeito das agitações que embaraçaram o grave acontecimento, nem um patriota, na tribuna, na imprensa, mesmo nos conciliabulos, se lembrou de inaugurar o segundo reinado com o espetaculo de comesainas publicas. Dos 222 ministros que entraram para os 59 gabinetes do antigo regimen, nem um, ao receber o decreto de nomeação, foi por isso banqueteado; naturalmente porque, durante os nossos primeiros 67 annos de povo livre, mastigar em commum não entava na lista dos deveres partidarios.

Que diferença, agora! Mal se transforma em realidade a suspeita de que um fulano seja mais ou menos ministro, irquietam-se em importunas subscrições as suas amizades parasitarias, e eil-o victimas de um banquete. Eil-o condenado a perder tres dias de vida; um para decorar o discurso do commovido agradecimento; outro para, de casaca e sitiado pela propria admiração, recital-o em replica ao offertante official e ouvir as treplicas de varios oradores extranumerarios que, abrindo a bocca, não a fecham facilmente; e ainda um terceiro dia para a leitura e exame das noticias da festa e rubrica dos pagamentos late-raes. Só isso? Mais: perde tambem a Secretaria do homenageado com a nova demora do já accumulado expediente. Vantagem para o paiz? Zero.

Por que não combinam os chefes da politica nacional extirpar dos nossos habitos, e da risota das legações estrangeiras, esse de comes e bebes a propósito de insignificantes incidentes administrativos? Somos um povo essencialmente

abolicionista. Tivemos a abolição do domínio portuguez, a abolição dos escravos, a do sistema monarchico constitucional, a do voto livre e a da prestação de contas: por que não havemos de ter, também, a abolição dos banquetes governamentaes? Uma propaganda nesse sentido seria de utilissimos effeitos.

Que "o Brasil se acha ás bordas do abysmo" é lemma com aspirações a axioma; mas alguem já viu banquete entupir abyssmos?

Que os nossos orçamentos crescem na despeza e o credito nacional cresce no descredito, atestam, numa monotonia atroz, todas as commissões e todas as arengas parlamentares; e alguem já viu banquete diminuir despezas e aumentar receitas?

Mas para que tanta comida, se o dinheiro é tão pouco! Muita comida desafia a gula, peccado que conduz em linha recta á molestia de dyspepsia, menos incomoda ao enfermo do que aos amigos que o aturam. Quando o brodio é governamental esses amigos chamam-se contribuintes, e, se obtém convites para a mesa do orçamento, tão mal servidos se julgam que nem um se retira satisfeito, tratando todos de voltar com intenção de comer mais.

De resto, é de praxe que as grandes funcções terminem mal. O festim de Balthasar, uma orgia, a orgia classica por excellencia, acabou em desastre como todas as orgias grandes. Interrompeu-a, interessada na cobrança dos gastos, a polícia internacional, então representada pela poderosa Persia, que, como a Inglaterra no moderno Egypto, prendeu os festeiros, despediu os famulos e arrecadou os talheres.

O banquete de Platão, e dos Lapithas de Luciano e o das Bodas de Gamacho, esses, lidos e não comidos, existindo apenas no papel ou no pergaminho successor do papyro, podem e devem ser tolerados pelo povo, que nunca os surpreendeu penetrando os mysterios da verba secreta. Deixem-nos, pois, empoeirados, nas estantes em que se acham; delles jámais partiu ou partirá ensinamento culinario, ou conselho devorador, aos regalados directores dos destinos nacionaes.

Não, não foi nesses profundos e pensadores modelos que os nossos estadistas aprenderam as paparichosas solemnidades que a meudo os reune. Donde lhes chegou a lição, sei eu: que, porém, lhes não aproveita ella para desculpas, melhor do que eu sabem elles.

Na patranha "ultimo banquete dos Gironinos", que James Westfall arrazou em citadissimo estudo, foram os sucessivos proceres do nosso amado Brasil receber idéa e consultar fórmulas dessa mania banqueteadora que fornecedores e fornecidos, entusiasmados por duplicata, gostam de consolidar com o auxilio do Exercito e da Armada em nome da Nação. Producto imaginoso de Charles Narien, anda essa peta, ha já longo prazo, despida dos fósenseta ás legendas de Guilherme Tell e de Pedro Eremita. Só a toma a sério quem não é serio.

Errado, pois, na sua origem o furor alimenticio que actualmente agita a alta administração do paiz, só um excesso de boa fé lhe vaticinará consequencias agradaveis. Não a tenho. Não a tem, na particularidade do temperado assumpto, a opinião que lhe teme a persistencia e já começa a duvidar duma patria onde clero, nobreza e povo, num delirio festeiro, adoptaram a norma de celebrar os homens publicos, não pelo que fizeram, mas pelo que poderão fazer.

A' duvida popular, porém, opponho minhas duvidas. O Brasil não é incurável; seu brodio-abcesso é resolvel. Dum bem dosado tratamento indirecto, creio, confio, resultará a sua convalescência. Duma injecção de pudor, por exemplo. Deem-lh'a assim:

— Em quanto não houver saldo de verdade nas arcas do Thesouro Nacional, o ministro sómente poderá ser banqueteado em sua residencia, á sua propria custa, por sua mulher e seus filhos.

S. Paulo, 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil").

ESPLENDIDO ISOLAMENTO

Poderá parecer um paradoxo ou um desafio o titulo que encima estas linhas,

nas vespertas de um Congresso Pan-American. Não é uma coisa, nem outra.

Sempre fui um partidário ardente da política de approximação de todas as nações do nosso continente. E nesse meu pensar entravam tanto as minhas tendências individuais quanto a essencia do carácter nacional brasileiro. Creio que não erro — porque, além da minha observação pessoal, me firmo em testemunhos estrangeiros, não só europeus, como mesmo americanos — dizendo que somos uma das nações mais sociaveis e hospitaláreas da America. As desgraças de nossos irmãos americanos sempre nos commoveram, suas alegrias sempre nos encantaram.

Houve mesmo época em que fóra e dentro do paiz se procurou pôr em ridículo nossa actuação internacional, classificando-a de quixotesca.

A nossa attitude por occasião do bombardeio de Valparaiso, a nossa guerra a Rosas, a nossa paz com o Paraguay depois de uma traiçoeira, longa e cruentissima guerra, em que acabamos marcando com as nossas baionetas os mesmos limites que sempre havíamos reclamado com as nossas pennas, em uma época em que da Europa e da propria America nos ensinavam a cobrar as despezas de guerra e as vidas perdidas em terra do vencido; as nossas contemporizações com o Uruguay, depois das longas e gravíssimas ofensas á nossa bandeira e á nossa gente pelo governo de Aguirre; e muitos outros episódios menores da nossa historia diplomática quasi que nos mereceram realmente a classificação de quixotesca, dada á nossa actuação internacional no tempo do imperio.

Mais tarde, em Haya, a nossa opção pela defesa dos pequenos, com todos os seus precalços, em vez de nos collocarmos ao lado dos fortes, com todos os proveitos, veiu patentear ainda que nem mesmo a idade nos havia empanado os idéas.

Certo periodo houve mesmo em que os nossos gestos gentis para com americanos illustres, argentinos, chilenos, uruguayos, etc., que passavam por nosso porto, valeram ao Itamaraty o zombeteiro título de restaurante sul-americano...

No tempo do imperio um dos estribilhos da propaganda republicana era a necessidade de integrar o Brasil nas democracias americanas, para acabar com as eternas desconfianças dos nossos vizinhos contra a corôa.

Nas questões internacionaes as mais viataes — as de limites — nunca nos valemos para resolvê-las da nossa indiscutivel superioridade de força no momento; e sempre que as não conseguimos resolver por accordo directo, appellámos leal e nobremente para o arbitramento.

Na questão do Acre a nossa fraternidade continental levou-nos a comprar por milhares de libras um territorio que só os fuzis dos acreanos favorecidos pela situação geographicá teriam sido sufficientes para collocar definitivamente debaixo da bandeira brasileira.

Na celebre questão do telegramma numero 9, o nosso immortal chanceller, para bem da paz americana, teve aquelle grande gesto, unico na historia diplomática, de atirar sobre o tapete da discussão a propria cifra de sua legação!

Não ha muito o mundo inteiro foi surprehendido com aquelle outro gesto ainda mais bello de Rio Branco, reformando espontaneamente um antigo tratado com o Uruguay, para ceder cavalheirescamente áquelle nobre paiz vantagens de que legalmente estavamos de posse havia muitos lustros.

Ainda hontem bastou que a nota leal, cristalina, fraternal do nosso convite para a conferencia preliminar de Valparaiso brilhasse á luz do dia, por cima dos gazes asphixiantes das interpretações tendenciosas de um documento occulto, bastou, dizia eu, que essa nota fosse estampada na imprensa da America para que a tempestade que procuraram soprar sere nasse milagrosamente.

E, entretanto, o Brasil continua sempre suspeitado... Como Christo diante dos judeus, todo esse passado inteirão de garantir a pureza de suas intenções, exige-se sempre uma prova nova...

Sim, não bastou termos voltado de Monte Caseros sem um proveito em relação com os sacrificios feitos e os perigos corridos; do Paraguay sem um millimetro de territorio accrescido, sem um

vintem da divida cobrado; do Uruguay sem os limites naturaes que para bem de ambas as nações deveriam ter sido então traçados; não bastou que tivessemos banido um grande monarca; não bastou que tivessemos tido sempre a mesma linguagem internacional, quer quando fortes, como hontem, quer quando fracos, como hoje; sim, não bastou tudo isso para convencer nossos irmãos americanos de que o criterio unico da nossa politica internacional é a paz americana dentro do direito.

Não somos, pois, nós, que queremos uma politica de isolamento. As nossas iniciativas são mal recebidas; as nossas atitudes mal interpretadas nossos convites recusados e recusados até descortezmente; que manda a dignidade nacional que se faça em tal emergencia? Que nos isolemos.

E' o que penso que devemos fazer depois do Congresso de Santiago.

Felizmente possuimos um territorio onde todos os climas nos podem fornecer todos os productos. E, se algum desses productos necessitarem algum tempo para que appareçam em quantidade sufficiente, são livres os mares que teremos de sulcar para ir buscar o que nos faltar.

Devemos, sim, ir á reunião de Santiago, mas para aproveitar a occasião para fazer uma despedida collectiva de uma sociedade, que não nos quer.

Devemos, sim, lá ir tambem para dizer bem alto o que ao Brasil cumpre fazer em materia de armamentos, sem se importar com vetos nem aplausos alheios, por quanto o seu criterio, é, *exclusivamente*, o de sua *defesa* dentro de seus recursos e de suas necessidades.

Sou um antigo pacifista, mas um pacifista que quer o desarmamento geral, e não um desses utopistas, que prégam o desarmamento de uma nação ou de um grupo de nações no meio de vizinhos armados. Ou desarmemo-nos conjuntamente todos, ou se desarmem isoladamente os loucos.

Quando, em principios de 1915, acreditei, como muita gente, que o phantasma guerreiro do mundo ia ser sem demora esmagado entre o peito de bronze do soldado francez e o colossal *roleau* russo,

já então em movimento, pensei chegada a hora do desarmamento geral.

Os annos que se seguiram de guerra á allemã e de paz á turca, vieram convencer-me, porém, que em quanto houver ferro, coke e homens na Allemanha haverá canhões na terra...

Foi, até certo ponto, vantajoso que succumbisse durante a gestão a conferencia preliminar de Valparaiso. Não é gratuito imaginar-se que não haveria acordo possivel entre os pontos de vista brasileiro e argentino.

O Brasil acha que homens e portos devem ser os elementos principaes para fixar as proporções das forças navaes. A Argentina entende que essa proporção deve ser determinada pelo numero dos pesos e dos bois. Parece-nos, pois, que em tal terreno toda discussão seria inutil se não prejudicial.

E' minha opinião que o Brasil deve cuidar, mesmo com sacrificios, de suas forças armadas, mas sem se desviar do criterio sinceramente defensivo. Dada a nossa situação geographica, essa orientação, fielmente seguida, não poderia produzir desconfianças.

O Brasil não terá um só soldado mais do que o exercito da Argentina, nem uma só tonelada mais de poder naval offensivo do que a sua esquadra, mas, quanto a elementos navaes de poder essencialmente defensivo, como fortes, minas e torpedeiros, hydro-aviões e submarinos de curto raio, o Brasil os terá tantos, escalados nos portos do seu longo litoral, quantos julgar necessarios para sua melhor defesa, seja contra quem for.

Mencionado a Argentina para base dos calculos do nosso poder militar, não o faço absolutamente por achar que haja assumtos ou interesse que possa lançar-nos em conflicto com ella mais facilmente do que com qualquer outra nação. Estou perfeitamente seguro que a phrase lapidar e totalmente verdadeira do grande Saenz Peña, no momento opportuno ecoará sempre aos ouvidos dos eminentes estadistas e verdadeiros jornalistas das margens do Prata e da Guanabara. Se menciono a Argentina como padrão para nosso poder militar é porque o Brasil, por sua população, por sua extensão e por sua

importancia, tem para consigo mesmo o *dever inilludivel* de estar tão bem armado como o mais bem armado dos seus vizinhos.

Cumpramos, pois, com esse dever, e fizemos serenamente em nossa casa.

Já ha um outro grande isolado na America; no nosso isolamento não fiamos, pois, em má... companhia.

DARIO GALVAO.

("O Paiz").

MAGIA NEGRA

Os erros, muitas vezes, escondem verdades que deviam ser conhecidas, para assim nos livrarmos de muitos perigos e males.

O que nos afigura um erro, um sortilégio, dê-se-lhe o nome que quizer é como já disse muitas vezes, uma verdade que já foi reconhecida e praticada com exito.

A feitiçaria, que, no fim de contas, é a propria magia negra, encerra muita cousa que se devia estudar, porque é preciso que o saibam, muitas das molestias que perseguem a humanidade, não têm outra causa. Assim, uma perseguição, feita com criterio a essas casas, onde se a pratica, era um relevante serviço prestado á população do Rio.

Não estou de acordo em que se persiga a torto e a direito para se satisfizerem vinganças, evitando, d'esta arte que certos interesses de classes poderosas, sejam compromettidos, uma vez demonstrados por homens, apparentemente ignorar os certos erros palmares por elles praticados.

A força da magia reside no elemento mesmo que a produz. Os meios de que ella se serve, são os mesmos de que se servem todos os homens, quer no agitar a scintelha de genio para fins literarios ou artisticos, quer para dominar intervenções insolitas no terreno da medicina.

Ha correlações, dependencias, subalternidades que não podem ser alcançadas pelos nossos processos communs de observação e experientia. A vastidão incommensurável da dynamica universal,

a sua complexidade crescente, pelo grande numero de phenomenos que se nos vão apresentando, á medida que subimos na hierarchia dos mundos, impedem-nos de observar certos contactos, de derivar para effeitos conhecidos certas abstracções, oriundas de um meio condicional a manifestações de uma ordem, em que a magia encontrá a sua explicação, senão a sua justificação.

Não ha nada mais tólo do que achar que os manipanços, as caveiras, as herbas, os animaes resequidos pelo tempo, as orações, os punhaes e outros artefatos são productos de cerebros desorganizados ou de superstições grosseiras.

Não ha razão. Cada uma destas até certo ponto, macabras e estupidas manifestações, nas quaes se aprazem os feiticeiros, é uma coordenação empírica de um phemoneno consciente, realizado por provação directa do symbolo.

Que é o symbolo senão a degradação de um estado que se fixará em um ponto, visado pela intelligencia humana, para o fim de trazer ao circulo traçado pelo symbolico certos phenomenos, sem os quaes não seria possível obter o que se deseja." O symbolo é, pois, uma força de attracção; um traço de giz, posto no assoalho pela mão perita de um caboclo ou de um africano, é um perigo. Ai! daquelle que assentar os pés nesse... Conforme a força do elemento, alli condito, assim, a natureza do mal. Em poucos dias pôde ser um cadaver, um louco ou um paralytic.

Para se comprehender bem o meu pensamento, vejamos como se opera a assistencia fatidica e perversa que nos destroe.

Ha um mundo para onde vamos, depois que desapparecemos. E devia ser tanto logico e verdadeiro para os católicos, a transladação, quanto é certo que vemos diariamente convites para missas do setimo e do trigesimo dias. Se a Egreja romana instituiu as missas, foi naturalmente considerando a salvação das almas. Portanto, a concepção da alma, inserta no convite, suppõe alguma cousa mais que um simples fluido, uma simples nevoa a desfazer-se ao menor sopro.

Salvar uma alma é o mesmo que salvar um homem. Rezar por ella, é levar a Deus a supplica que, de alguma forma, attenuará os seus peccados. O ponto de vista sectarista do romanismo religioso, é, de todo ponto, verdadeiro, porque revela a apprehensão nítida de um principio eterno.

Só o que destoa das boas regras do raciocinio é julgar que basta rezar em commun, sem a compuncão e o recolhimento necessarios para que a prece produza os seus maravilhosos effeitos. O pensamento quasi sempre não atinge o alvo: Deus não ouve a supplica. Quando não vem do coração, não tem valor a préce.

Seja como fôr, porém, vê-se que o intuito dos que vão assistir á missa é promover os meios de tornar leve a vida de quem partiu.

Logo, trata-se de um homem, portanto, de um organismo, em tudo igual ao nosso, pois não é possivel que se tenha reunido tanta gente para pedir a Deus que receba na sua santa gloria uma nuvem, um pouco de fumaça, ou cousa equivalente.

Os homens não são eguaes: ha bons e ha máos.

Pretender, com algumas missas, ou, mesmo com préces, feitas, como Jesus quer que se faça, se modifica um organismo corrompido pelas paixões, pelos odios e pelos vicios, é querer um absurdo, contra o qual deve revoltar-se a propria razão dos que vão ás Egrejas para esse fim.

Os bons chegam bons ao outro mundo e os máos, tambem não mudam. Bondade, como maldade, são substancias. Estas, attráem outras, mais corrompidas, até que as primeiras, que eram puras, se sujam, ao contacto com as mais recentes. Ao fim de algum tempo, as que vieram pela hereditariedade, augmentadas pelas adquiridas, transformam os homens, fazendo delles vehiculos do mal.

E' precisamente, nesse mal que se encontra o instrumento manejado pelos feiticeiros ou por todos os individuos que se dedicam á profissão de perturbar os lares dos seus irmãos, os seus negocios, a sua vida, em summa.

De sorte que esses individuos são o que se poderia chamar, o élo de communicação

com os que a maldade tornava emissarios do principio eterno de destruição geral.

Se as missas são verdadeiras invocações aos que se ausentaram e, tanto, assim, que muitos assistem a solemnidade, porque não hão de, tambem, os feiticeiros pôr-se na corrente de outras invocações congeñeres, embora para fins differentes? Por que razão conservam elles aquelles bonecos horrorosos, sapos, serpentes, hervas, etc.? E' que estas cousas têm uma representação symbolica. Servem de nexo entre o elemento invisivel e o visivel.

Cada espirito, que se presta a trabalhar com um desses empreiteiros de maleficios, senão viveu do mesmo officio quando na terra, foi perito na arte de fazer o bem ou o mal, conforme o seu interesse. Ora, existindo, (porque a vida de além tumulo é um facto, e' é, por isso, que se dizem missas para defuntos) não perdem o que sabiam, nem os seus habitos, e, uma vez invocados, põem em practica os seus processos, acompanhados de dansas, cantos, etc., etc.

E' um ritual como outro qualquer. Tome-se a obra de um ethnologista (a Sociologia de Spencer, por exemplo) e ahi encontrareis farto manancial que nos explicará como os indios, os africanos, etc., procedem, sempre que tem de invocar os manes de seus antepassados.

Tudo se faz por meio de dansas, e canticos, expressões de sentimentos e idéas, rudimentares, que importa, mas que estão de acordo com o grão ou estado dos individuos invocados. Portanto, desde que se tiver de fazer uma referencia a esse ritual ou processo invocativo, nunca se deve atribuir á loucura, ou á alguma influencia que inculque desequilibrio mental.

E' um erro: ha, de facto, um motivo occulto nessa manifestação bastarda da verdade.

Todos aquelles trejeitos ou formas de invocação assinalam a presença do élo invisivel, a que me referi, e que serve de surto ao medium, nos momentos em que deve pôr-se em contacto com o meio distante, onde vae desenrolar-se a scena depredatoria de nossa segurança e da nossa integridade physica e moral.

A symbolica é uma manifestação superior do saber. O symbolo? a concretisaçao de factos que precisam de se tornar

patentes, para serem conhecidos. De outro modo, como verifical-os, coordenal-os e applical-os? São idéas que se agitam em outras esferas e que trazemos, por meio de formas, mais ou menos adequadas, ao plano dos efeitos, que é a terra. Ora, querer attribuir á loucura a affirmação de uma lei que, de facto, exprime uma ordem de phenomenos intimamente ligados á nossa existencia, é ser mais louco do que os que são taxados como taes.

Julgamos, em geral, que o dedicar-se a esses estudos implica a confissão de fraqueza mental; quando, ao contrario, os que procuram distinguir no chás em que vivemos, dedicando-se a taes pesquisas, revelam um grande bom senso, pois ninguem viu ainda um feiticeiro, louco, embora em contacto com camadas humanas, de todo ponto infensas ao bem. O veso de se os chamar charlatães, tambem não é razoavel. Ha verdade naquellas praticas e, em geral, conseguem o que querem.

O que pôde haver, muitas vezes, é a pratica de um acto reprovavel, a que a acção policial devia pôr cobro. Não recorrem, porém, a outros meios, que só revelam a maldade humana, a qual, prejudicada nos seus interesses, lança mão de meios reprovaveis para acautelal-os.

O que deviam fazer era estudar esses phenomenos, procurar desvial-os ou, pelo menos, attenual-os, para que taes usanças não se accommodassem mais ao nosso espirito, melhormente orientado por outros processos mentaes proprios de gente culta. Agora, que os feiticeiros curam, não ha a menor duvida: que elles transformam a vida de uma pessoa, e, mesmo de um lar, tambem é verdade. Debalde têm querido tapar o sol com a peneira. A perseguição vem de muito longe, de muitos seculos. Os annaes da psychologia historica estão cheios de exemplos, a infundirem terror aos mais fortes. Emtanto, nunca os submitteram. A magia negra foi sempre irreductivel e insubmissa. Foi, é, e será, porque não é perseguido que se consegue extirpar o mal, mas oppondo-se-lhe o bem, esclarecendo os homens, tornando-lhes a vida mais calma e mais feliz.

Luiz Murat.

("Jornal do Brasil")

O FUTURISMO

São Paulo e seus homens de letras

A tentativa de "futurismo" em São Paulo, depois da ruidosa pateada que lhe serviu de introito, quando foi da "semana carnavalesca", vae receber agora a ultima pá de cal. E', propositadamente, com um acto de revelha e piedosa tradição que se quer assignalar a descida macabra, para o fundo dos sete palmos, de um corpo que, a jactar-se de muito novo, apparecerá entre nós a morrer de senilidade... Era um maltrapilho do bom-senso e da lingua, que menos por isso nos irritava, que pela insania da pretensão, que pelo desrespeito das coisas sérias, que pelo cynismo das affirmações, que pela insinceridade dos argumentos, que pela desfaçatez dos ataques, que pelo vazio dos arrazoados, que pela inconsciencia das arremettidas, que pela ousadia dos reiterados furtos literarios.

Para os que, em nosso meio, se elegem a si mesmos corypheus da nova cruzada, a literatura do futuro (ou a do presente, lá delles), como ao depois verâc os leitores pormenorisadamente, não mais devia ser, como nos tempos de antanho, ou entre a gente equilibrada do momento, um producto da cultura, do esforço e do talento. Porque o no que a habilidade devia requintar-se era, para elles, na gymnastica da copia, no disfarce do plagio, no descaramento da imitação, na insistencia dos assumptos já safados pela exploração de todos em todos os tempos, no agrupamento das nullidades, no elogio mais ridiculo aos gallinaceos, e nos opositos mais revoltantes aos luminares da intelligencia de todos os periodos; ou, fóra disto, na abertura do mais vasto dique das asneiras ideologicas e grammaticaes. Não faltou plumitivo de azas de bacurau, ou fedelho ainda tresandante do liquido excrementicio das fraldas que viesse, em columnas de chronica, ou de pseudo-critica literaria, a defecar materia não digerida, ou digerida por outrem, e a encher de baldões os mais respeitaveis vultos das nossas letras.

Com efeito, o cabotinismo, a petulancia, a insipiecia, a rapina literaria, e os insulto contra os depositarios da nossa

cultura, contra os nomes mais representativos dos nossos valores, eram as cores da sua bandeira. Como é natural, há sempre nos centros mais ilustrados certo numero de rapazolas, e até de adultos impotentes, que, na aancia de appa-recerem, de verem seus nomes citados como significação de alguma coisa, qualquer que seja essa coisa, procuram o grupelho que lhes possa fazer á mediocridade dos nomes a zumbaia de que os intellectuaes conscientes se pejariam. Desses mesmos, porém, raros são os que, nas suas primeiras etapas, não constituiram, em relação aos nossos maiores, o papel de moscas perseguidoras... Deixaram-n'os, um dia, por falta de alimento á sua vaidade. Tentaram, em tal periodo, todos os generos serios da literatura; e, porque os não houvessem favorecido nem as massas, nem os deuses, lembraram-se da blague, e da descompostura contra os que, sem nenhuma intenção de mal, já haviam triumphado, e continuavam ou continuam a triumphar.

Muita coisa gaiata e triste se pôde, então, observar: a petulancia ignara a medir e a pesar merecimentos; nomes até hoje desconhecidos das rodas literarias e do publico arrolados como grandes cultores da palavra escripta; timoneiros da intelligencia, da cultura, da graça e do gosto reduzidos a meros emporcalhadores da literatura universal; estreantes mais ou menos esperançados e esperançosos, que na vespera entoavam hymnos ao equilibrio mental dos nossos homens de letras, a classificar de genios os "clowns" da nova especie; escrevinhadores retardarios, mascarados em quarta-feira de cinzas, romanticos chapados, que da mofada escola não conseguiram nunca partir o cordão umbelical, pavonearem-se de sequazes do futurismo, e em cujo mister só deram e continuam a dar mostras impressas da mais sediça, da mais rançosa poesia; criticos, acorbardados uns, ignorantes outros, na suposição infantil de que a força intellectual da mocidade paulista estivesse desgraçadamente com aquelle dispautorio da "batata assada ao forno", a baterem as palmas a esses "dominós", desenxabidos do "carnaval futurista..."

Como vêem, muita coisa gaiata e mui-

ta coisa triste!

Mas, chegou o momento dos moços de São Paulo, dos mais sabedores e dos de maior talento, tratarem, não do "futurismo", tolice que já não preoccupa ninguem, mas das obrinhas desses que vivem diariamente, num cio insaciavel, a atirar doestos ás figuras mais proeminentes do nosso microcosmo literario.

Não é por bajulaçao que o vão fazer; não é por impotencia intellectual, como "os assadores de batata", que elles vão esgrimir a penna; não é por despeito, nem á cata de quem os elogie, que vão agora terçar as armas: é, simplesmente, por que se não pense lá fóra que a capacidade intellectiva dos nossos moços se resume na sua criação e no destempero literario, a que meia duzia de individuos, ou sadamente ridiculos, em vão forcejam por nos habituar.

Era já tempo, não de se discutir o tal pendor de arte nova, coisa que nunca existiu em São Paulo, nem mesmo por inteligente e espirituosa macaqueação; mas, sim, de se analysarem os trabalhinhos chloroticos, enfezados, sem aquelle vislumbre sequer de originalidade, que é a tortura caracteristica de todo artista, desde o começo do mundo; livros, muito ao contrario, plasmados em alheias e conhecidas obras. Era tempo já de se perguntar aos criticos-fedelhos que é o que já produziram até hoje, que bagagem é a sua nos dominios da espiritualidade, que mostra já deram do seu saber, ou das suas possibilidades criadoras, para, da noite para o dia, se empoleirarem como uns garnizés risíveis, na tentativa unica, como signal de vida, de enxovalhar num marouço de asneiras, a expressão mais legitima da nossa cultura e da nossa raça. Era tempo.

Desse trabalho vão incumbir-se agora outros moços, ciosos de bom nome intellectual de São Paulo. Não imitarão, no insulto, os de que vão examinar os "feitos". A discussão, pela imprensa, será na esphera exclusiva das letras; o que não importa, todavia, dizer que estejam elles no bom humor de supportar quanto, do opposto campo, porventura escape da boa ethica jornalistica. Mas, como quer que venha a ser, pela imprensa, nem sequer gesticularão...

E' um movimento digno e opportuno. Por isso mesmo, a pleiade brilhante está de molde a receber parabens.

Por emquanto, é só.

Os ventos estão resolutamente semeados. A tempestade ha-de florescer a seara....

Aristeo Seixas.

(“Folha da Noite”, S. Paulo).

SARAH BERNHARDT

(1886)

“Em Sarah Bernhardt a vida da mulher travou um duelo de celebridade com a carreira da artista. Nos seus mais esplendidos triumphos ella não terá tido muitas vezes sinão a sensação do vacuo. Realizando na celebridade o tipo de Don Juan no amor, ella sonhou todas as glórias, conquistou-as todas, mas sómente para sentir sempre a deceção da posse depois da loucura do desejo. O conjunto da sua existência formaria um “pendant” feminino á vida de Nero, como a fantasiou Renan, mas de um Nero, com o genio de mais e o crime de menos, obrigado a ganhar, pelo seu talento, os meios de realizar a idéa neroniana. Para que tal existência guardasse no quinto acto proporção com as emoções das outras scenas, ella deveria, como Theodora, encontrar um Justiniano e dar leis a um Imperio.

Nós, porém, nada temos com esse drama do seculo XIX, intitulado “Sarah Bernhardt”, que se ha de representar perante as platéas de seculo XX, como hoje se representa o “Kean”. A viagem ao redor da America, que a grande actriz agora vae emprehender, que se deve prolongar por mais de um anno, ha de ser para ella um longo intervallo de calma e de repouso em sua vida intima, da qual se pôde dizer que a cabeça esteve sempre em febre, e o coração sempre em delirio. Nada, com efeito, pôde dispor tanto á volta gradual á serenidade, — que deve ser para ella uma recordação longinqua da infancia, — como a longa ausencia de Pariz, a peregrinação americana, durante a qual o Velho Mundo vae suppor-a uma desterrada da civilisação entre os indios, uma Mlle.

Clairon em vesperas de tornar-se uma Atala.

Sarah Bernhardt na sua carreira dramatica, — em qual as scenas intimas de sua vida são como que intervallos representados perante o mesmo publico que a aplaude, — terá gastado mais força nervosa do que talvez fosse preciso a Bonaparte para tornar-se Napoleão.

Esse desperdiçar continuo e incessante da sorte, esse atirar ao fundo do abysmo, sem uma lembrança sequer, emoções de que se fariam milhares de existências felizes, envolve um gasto immenso da propria pessoa. Semelhante carreira daria vertigem mesmo aos homens que conquistaram o mundo. Pôde-se dizer que ella não tem em Paris uma hora de vida privada, e que antes de aparecer em scena, a noite, a actriz já se extenuou de dia nos dramas reaes que viveu. Agora, porém, essa dualidade de representação vae cessar por algum tempo, e o publico será beneficiado, tanto como ella, pela economia de forças a que a viagem a ha de obrigar. Paris está a poucas horas de comunicação comosco pelo telegrapho, e os Correios são muito frequentes. Mas o telegrapho não transmite a vibração da vida parisiense, e as malas, por mais carregadas que venham, têm intervallos certos. Tudo conspira para fechar a eminente artista nas quatro paredes do seu contrato. O que todos devemos esperar é que ella não ache insupportavel a sua prisão dourada deste lado do Oceano.

Um critico francez lembrou-lhe que ella partia para paizes “de pouca arte e literatura”, onde a platéa aprecia o genio conforme o preço das cadeiras, e conjurou-a, em outras palavras, a que ao voltar a Paris não deixasse nada de si entre esses barbaros. Os adoradores do genio francez admiram-no bastante para perdoar essa fraqueza de alguns escriptores de acreditarem que Paris é toda a matéria pensante do mundo. Não é pouco ter recebido em partilha o dom que teve a França de embellezar tudo o que toca. Não é indispensavel á sua gloria a crença do que só ella estima devidamente os seus proprios talentos. As nações, como os individuos, só são amaveis quando sabem fazer-se perdoar a sua superioridade, e fazer a França menos amavel é

diminuiu-a. No Brasil a grande artista não encontrará por certo os criticos das suas "premières", mas encontrará ainda a especie de publico que faz os grandes actores: o publico que os comprehende. Durante a sua viagem ella verá nas platéas de Buenos Aires mais riqueza, nas de Santiago mais aristocracia, nas de Havana mais imitação parisiense; em parte alguma, porém, encontrará, ao lado de um auditorio tão apaixonado pelo theatro, uma minoria que tenha tanto do genio francez. Ella pôde assim estrear-se, certa de que neste paiz está ainda em territorio intellectual de sua patria. Em nenhum outro ella verificará melhor a exactidão do verso que tantas vezes ouviu em scena: — "Tout homme a deux pays: le sien et puis la France".

Como eu disse em começo, ella chega precedida de uma fama que não é outra cousa senão a gloria do nosso seculo. No livro de sua vida não ha nome illustre no theatro contemporaneo que não tenha escripto uma pagina de ouro. Em Paris, Londres, S. Petersburgo, New York, todas as grandes capitais procuraram vencer uma a outra na admiração que lhe mostravam. Ella tem sido a interprete, a collaboradora, a creadora, ás vezes, das maiores obras dramaticas do nosso tempo. A pleiade dos novos dramaturgos francezes, cujas peças, reproduzidas, plagiadas, refundidas, imitadas, alimentam a literatura theatral dos dous mundos, está para ella na posição de subditos literarios. Só um nome elevou-se acima do seu: o de Victor Hugo, a quem Dofia Sol fez esquecer em uma hora um exilio de vinte annos... Mas ao lado mesmo desse nome, o della não pareceu pequeno, porque eram ambos nomes unicos. Essa é distinctamente a especie de gloria que ella possue: a de ser unica, assim como Hugo, Lesseps, Renan. Tudo o que a admiração dos maiores espiritos, a adulação dos mais altos personagens, o delirio das platéas, a gloria de Paris pôde dar a uma artista, lhe foi prodigalizado. Como Rachel, ella elevou-se a uma posição solitaria. Como a Ristori, recebeu as chaves de ouro da sua lingua. O manto da poesia caiu-lhe sobre os hombros e foram os seus labios que recolheram a

alma de Musset. Da fama ella passará para as artes, e pelas artes para a tradição.

Com uma vida tão intensa que é um feixe de vidas distinctas, ella pôde se ter cansado da admiração do mundo, mas a admiração é o elemento dessas naturezas. Dentro delle podem sentir o tédio da existencia: fôra nem siquer respirar. No Brasil, como em toda a parte, Sarah Bernhardt encontrará a monotonia da sua celebridade. A natureza mudou; ao sol amortecido do norte sucede o sol ardente dos tropicos, mas o meridiano da gloria está sempre sobre a sua cabeça, a estrada que ella pisa é a mesma no Rio de Janeiro que em Moscow. E' a estrada triumphal que as realezas artisticas do nosso seculo encontram em qualquer paiz onde a fantasia as leve, bordada da eterna multidão humana, que parece outra, mas é sempre a mesma.

Nós, entretanto, a acclamaremos duas vezes: porque ella nos vem como Sarah Bernhardt, e nos vem como a França. Pela primeira vez em nossa historia, temos a honra de receber em nosso paiz a gloria franceza. A actriz que continua a tradição de Mlle. Lecouvreur, de Mlle. Clairon e de Mlle. Rachel, é no mais elevado caracter a embaixadora do espirito francez. Ella representa o ponto culminante do theatro da nação que, unica em nossos dias, tem um theatro, e que foi a unica a ter no theatro uma tradição, uma escola, uma educação. Como na arte de escrever, assim tambem na arte de representar, só a França attingiu essa perfeição nas medidas sonoras e visuaes da expressão, a que se pôde chamar o estylo. Sarah Bernhardt nos traz assim uma fórmula desconhecida do bello, a fórmula de todas a mais precaria, como traz uma lingua que ainda não foi ouvida em nosso scenario.

As bellas artes, no pensar de muitos, não chegam até ao palco; entretanto, que é mais artista do que o actor? A materia plastica a que ella imprime a sua concepção, o seu sentimento creador, não é menos digno do que o marmore, por ser o conjunto das expressões humanas. Elle transforma-se cada minuto em uma obra d'arte, como o escultor transforma

o marmore. Quanto ao proprio texto do drama, esse não é mais do que o cinzel com que elle trabalha a sua materia prima, que é elle mesmo. Shakespeare escreveu um só "Hamlet", mas quantos não têm sahido, conforme o sentimento e as idéas de cada época, do genio creador dor seus interpretes? E' essa a arte de que Sarah Bernhardt nos vem apresentar o mais perfeito modelo: e temos para com ella uma divida de gratidão, por assim nos deixar ver o original das grandes creações francezas de que só tinhamos visto cópias pallidas. Neste momento, o primeiro dos theatros francezes não é a Casa de Moliére, é o theatro S. Pedro de Alcantara.

A' eminent actriz que nos dá a occasião unica de escrever essa phrase não hão de faltar provas da admiração que os brasileiros sentem por ella e por seu paiz. Os theatros em que ella representar hão de ser tão pequenos em toda a America para os que anceiam por ouvil-a, como ainda ha pouco o eram os theatros de Londres. Nem acredite ella que o desejo de vel-a nos dramas emocionantes dos ultimos annos seja maior do que o de escutar a musica indefinivel da sua voz nos versos de Racine e de Hugo. Não nos faça ver incompleto o seu genio artistico. Não sacrifique á paixão a poesia, e deixe de vez em quando a musa acalmar as platéas que a tragica tiver assombrado e a mulher trouxer revoltas.

Quanto a nós, tambem temos o que lhe dar em troca das nossas emoções; temos que lhe offerecer, a ella, que nos traz uma nova fórmula de arte, o que para uma natureza como a sua, tantas vezes artistica, ha de ser tambem uma revelação: o deslumbrante espectaculo que presentiu ao approximar-se de nossas montanhas, a magnificencia do incomparavel scenario que a cerca por todos os lados. Em sua curta visita é de esperar que ella leve da nossa natureza, como nos ha de deixar do genio da França, uma impressão unica. Neste momento só temos a dizer-lhe que ella não se enganará medindo o logar que vae ocupar entre nós pelo vazio que deixou em Paris. O que a França tem de grande nas artes e nas letras está com os olhos voltados para a portadora de suas credenciaes artisticas.

Os nossos plausos desde hoje dirão ao mundo como foi recebida por nós a emissaria da grande nação, de cuja gloria fomos sempre um satellite distante".

Joaquim Nabuco.

(1) A' chegada de Sarah Bernhardt ao Rio de Janeiro em 1886; artigo publicado no "O Paiz".

("Jornal do Brasil", Rio).

AS DUAS VALORIZAÇÕES

A transplantação da seringa das florestas amazonicas para as possessões inglesas no Oriente e o seu enorme desenvolvimento dentro de um periodo relativamente curto, é um dos factos mais assombrosos da historia das industrias, revelando mais uma vez o quanto valem a tenacidade e genio pratico e emprehendededor do povo que tentou e levou a cabo esse notável commettimento. Desvanecidos os ingleses com o triumpho, a seringa começou a ser uma obsecção, um fetiche, a atrahir captaes e a dar origem á organização de numerosas emprezas de tal modo que, dentro em breve, a producção asiatica superou a amazonica, calculando-se, agora mesmo, a colheita das plantações do Oriente em mais de 35.000 toneladas.

O Brasil que tinha o monopolio da industria, vencido pela concurrencia brutal de producção tamanha, cruzou os braços diante da crise, depois de ter traçado um plano magnifico para a defesa do norte, abandonado logo em principio de execução, enquanto a Amazonia se arrastava, durante annos e annos na penosa posição de quem, só vivendo da exploração de determinada industria, perde, de momento, todas as vantagens que ella lhe proporcionava. O mal, todavia, que feriu a Amazonia, a superprodução em face do consumo que, apesar de crescer muito, não cresceu na mesma proporção, afectou, como era fatal, os paizes que a tinham originado, e, embora disponham de braços a preço infimo e explorem seringaes dispostos á facil colheita pelo alinhado das arvores, os plantadores do Oriente começaram também a experimentar os effeitos da crise que se generalizou.

Dispondo, porém, de uma producção avaliada em 270.000 toneladas, não sendo superior a 60.000 a dos dominios da Hollanda, computada a do Brasil em 25.000, contam os inglezes com mais de dous terços da producção do mundo, borracha bem preparada e de excellente aspecto, e estão assim habilitados a influir poderosamente nos mercados de consumo, pelo decrescimo da producção, restringindo as colheitas, pelo menos durante certo tempo, enquanto os demais concorrentes, como a Amazonia, não aumentam as suas, o que naturalmente se dará havendo preços compensadores.

A situação dos plantadores de borracha do Oriente em face dos mercados de consumo é a mesma dos nossos plantadores de café; ali elles produzem mais de dous terços da borracha que se colhe em todo o mundo; aqui nós apanhamos café em quantidade que representa igualmente dous terços das safras de todos os demais paizes productores. E' dessa superioridade ante os demais concorrentes que os inglezes se aproveitam para melhorar os preços infimos por que se cava, ultimamente, a borracha, mantendo-a em posição que permitta pôr termo aos prejuizos que já pesavam sobre muitas companhias, que exploram as grandes plantações.

O plano, agora aprovado, é mais ou menos o que tinha sido proposto em 1921 pela "Rubber Growrs Association" e, embora de iniciativa particular, obteve o apoio do governo inglez e está sendo por elle prestigiado. Como consequencia desse plano já se notou pronunciado movimento de alta nas cotações do producto, o que faz em susto a industria manufactureira nos Estados Unidos, que teme se elevem muito os preços da borracha importada nos mercados americanos, pois, não produzindo esse artigo, o importa da Inglaterra e do Brasil; do nosso paiz são os Estados Unidos os maiores importadores. Das 17.070 toneladas que exportamos em 1921, 10.125 couberam aos mercados da America do Norte.

Consiste o plano em não permitir que se exporte, durante o anno, dos dominios inglezes, mais de 60 0|0 da producção total mediante o imposto de um penny por libra, taxa minima. Se qualquer productor

quierer exportar 65 0|0 em vez de 60 0|0, os direitos de exportação serão arbitrados em: 4 pence por libra sobre a exportação, mesmo a prévia; e mais 1 penny por libra de direitos de exportação, para cada 5 0|0 alem dos 65 0|0 até o maximo de 1 shiling sobre cada uma para a exportação de 100 0|0. Se o preço da borracha subir no mercado de Londres a um shilling e tres pence e se mantiver na média desse preço, durante tres meses consecutivos, será permitida a exportação de 66 0|0 a taxa minima de um penny por libra. Se a media das cotações em Londres for elevada e mantida em um shilling e seis pence, por igual periodo, o limite da exportação será automaticamente elevado a 70 0|0, mediante a taxa minima de direitos de exportação.

Comparando-se este plano de verdadeira e habil valorização com o que o Brasil tem oficialmente posto em pratica, verifica-se desde logo a diferença que vae de um a outro. No caso da borracha são os plantadores que se reunem e concordam no processo que o Governo patrocina, decretando as medidas relativas ao imposto, que é a arma unica de que se lança mão para o bom exito das combinações. Valoriza-se o producto, ou melhor, consegüe-se mantel-o em cotações razoavelmente compensadoras, limitandose a producção pelo freio que se impõe á exportação; não podendo exportar mais de 60 0|0 da sua producção, porque só assim pagarão imposto modico, as companhias restringem as suas colheitas.

O excesso da producção, que não fôr exportado, se houver, e não é provavel que haja, desde que as companhias restringem as suas colheitas, não pôde originar o accumulo de grandes *stocks* a pesarem sobre a futura safra, sendo que aquelle mesmo excesso, no caso de se verificar, poderá ser exportado, dada a elevação dos preços da borracha, em Londres, durante tres meses seguidos. A intervenção do Governo é discreta em todo o curso do plano, não se pedindo que desça aos mercados para comprar e vender, nem empate grossos capitais nessas operações. O bom resultado depende, em grande parte, dos proprios interessados e estes, convencidos de que a causa da baixa das cotações é a superprodução, serão os

primeiros a concorrer para restringir-a.

Os plantadores ingleses têm, de facto, restringido a producção e esse decrescimento cada vez mais se accentua com as novas medidas postas em prática; limitada a exportação de 60 o/o da borracha produzida em 1923, limite que está garantido pela taxa pesadissima que terão de pagar os que tentarem ultrapassá-lo, aquele resultado está fatalmente assegurado. Essa restrição, todavia, não irá além de um justo termo, ou melhor, o decrescimento da producção não irá a tal ponto que occasione exagero dos preços, como se está temendo nos Estados Unidos, porque isso mesmo foi previsto nas diferentes modalidades do plano; quando as cotações, em Londres, se mantiverem, durante tres meses, numa media de um shilling e tres pence por libra, pôde crescer a exportação; subindo ainda mais as cotações, esse facto determina ainda maiores saídas do producto.

Ha, portanto, no manter-se limitada a exportação o maximo de 60 o/o da producção e no elevar-se esse limite até o total de toda a colheita do anno corrente, segundo o plano que analysamos, uma acção, automatica, determinada por factores precisamente determinados, conhecidos e seguros é ahi que está a sabedoria e acerto do convenio que, sem demandar sacrifícios do Governo e a sua intervenção directa nos mercados de compra e venda, já produz os mais beneficos resultados em prol da producção do Oriente.

A valorização do café foi vasada em outros moldes, obedece á outra orientação e vive exclusivamente amparada pelo elemento official. O Governo contrae vultuoso emprestimo no exterior, compra e vende café, mas compra caro para não exportar e compra mais do que vende, o que origina o accumulo de grandes stocks; comprando muito, anima os mercados internos e faz, cada vez mais, subir as cotações que já se elevam a 32\$000 a arroba, transformados, assim, os grãos de café em grãos de ouro. Essa elevação de preços a tão alto nível acorçoa os plantadores que vêm na acção do Governo, não um conselho a restringirem as plantações e colheitas, mas ao contrario, um estímulo a desenvolver-as e augmentá-las.

Nas possessões inglezas paralysam as plantações da borracha e as colheitas diminuem; no Brasil, fundam-se em toda a parte novas plantações, restauram-se as antigas e a preocupação unica de todos é embarcar café para o Rio e para Santos, onde, acabado o cobre do emprestimo contrahido para a valorização, ainda se apella para as emissões do Banco do Brasil, até que o governo comprehenda os perigos a que o arrasta esse plano de acumular stocks de que não pôde lançar mão sem abalar pelos fundamentos esse verdadeiro castello de cartas.

Pelo plano da valorização da borracha do Oriente não se interrompem as correntes normaes de exportação, que ficam apenas contidas num limite que se eleva conforme as condições dos mercados, e a subida dos preços, occasionada por essa medida, não representa, nem pôde representar, augmentos exagerados, porque a exportação cresce tambem se se elevam os preços na praça de Londres. No Brasil, diminuimos consideravelmente e sem medida prevista as exportações do café para os mercados de consumo, onde vamos sendo substituidos pelos nossos concorrentes; accumulamos no paiz stocks vultuosos, adquiridos com o dinheiro do Thesouro e, por esse processo que não dá direito a alviçaras pela intervenção, fazemos subir internamente os preços desse producto a extremos que nos espantam.

Comparados os dous planos não é difícil concluir pela excellencia do plano indígena, pelo menos... enquanto o Brazil é thesoureiro.

Affonso Costa.

(“Jornal do Brasil,” Rio).

HOSPITAES

Muita gente pensa, ainda hoje, que os hospitaes nasceram da caridade. Puro engano. Elles são filhos justamente da falta de caridade. Surgiram com o egoísmo moderno. Em quanto houve caridade os doentes foram tratados em casa. Em cada casa havia uma enfermaria, a “valetudinaria”, onde eram tratadas as pessoas de serviço.

Comprehende-se que nesses tempos os hospitaes eram inuteis. E ainda mais in-

uteis o seriam nos primeiros tempos da fé christã: bellos tempos! Quando os homens, de facto, se julgavam irmãos! Em caso de doença a assistencia fraternal surgia espontanea de todos os lados. Chegava a haver verdadeiros concursos de carinho. Cada qual queria exceder o outro em dedicação e sacrificio. Este mundo era um valle de lagrimas e os homens na terra estavam de passagem!

Os hospitaes são pois o producto de duas decadencias: da Fé e da Familia — das grandes familias.

* * *

Os hospitaes começaram a aparecer no fim do VI seculo. Com 500 annos de vida a "nova Fé" tinha se tornado velha. Os homens, em tantos annos, já se haviam cançado dos seus "irmãos em Christo". E os pobres viajantes ao chegarem a uma cidade não tinham mais a acolhida fraternal em casa, a hospedagem. Iam para a hospedaria publica, a "xenodochia", que foi a verdadeira mãe dos actuaes hospitaes.

Esses estabelecimentos no inicio não albergavam senão viajantes, e só accidentalmente recebiam doentes. Doentes em transito.

Mas a existencia de um tecto mercenario suggeriu aos homens a idéa infame de expulsarem os doentes de casa e tornarem-se, por pouco dinheiro "humanitarios e "bemfeiteiros", construindo e mantendo hospitaes. Era mais commodo pagar do que aturar doentes em casa!

Eis de que feios paes nasceu a Beneficencia! e a Beneficencia, filha do Egoismo e da Vaidade, tornou-se por sua vez, mãe da Esmola — o maior estímulo de degradação social!

A sociedade moderna não deve mais admitir a esmola. O povo deve ter direito á assistencia. Deve ter á hospitalização por direito e não por esmola! Mas prosigamos.

Nos primeiros tempos a Humanidade ainda não era tão ruim. Ainda tolerava os gritos e as lamentações dos doentes patricios. A repugnancia era só para com os forasteiros.

Com o andar do tempo, porém, a alma humana foi peiorando cada vez mais, e

as "Xenodochias" augmentaram extraordinariamente, ao passo que nas casas de familia diminuiram, na mesma proporção, as generosas "Valetudinarias"!

Chegou o dia em que nenhum servicial, nenhum empregado era tratado mais na casa onde trabalhava. Nesse dia apareceu o hospital. A "Xenodochia", muito cheia, desdobrou-se em "Hospedaria" e "Hospital".

Como se vê, não só o Hospital, mas tambem o Hotel, seu irmão, é producto da degeneração da alma humana. Tectos publicos, ambos foram feitos para servirem de para-raios aos tectos particulares, para livral-os de aborrecimentos.

Infelizmente a marcha para o abysmo da Alma não parou. Hontem se mandavam para o Hospital os trabalhadores. Hoje, ainda é peor: já são os proprios parentes, os entes mais queridos, que se mandam para... a "Casa de Saude"!

Portanto, "Xenodochia", "Hotel", "Hospital" e "Casa de Saude" são os nomes das diversas estações do Egoismo.

Dirão que são os medicos que mandam os doentes para a Casa de Saude. E' pueril... Se os medicos mandam é porque elles existem. E se existem é porque são necessarias... Quando não se querem os doentes em casa para algum outro logar devem ir!

* * *

Attribue-se a construcção do primeiro hospital a uma dama romana, Fabiola. Depois outras damas estabelecidas na Palestina, imitando-lhe o nobre exemplo, abriram outros estabelecimentos similares, confiando a sua direcção a S. Jeronymo. A primeira grande cidade que teve hospitaes-modelos foi Constantinopla.

De onde se conclue que, como a Civilização e as Religiões, o Egoismo tambem veiu do Oriente. Para que a velha Byzanzio fosse a primeira cidade a possuir hospitaes modelares, devia albergar entre seus muros muita gente que estava afflita, á espera da creaçao desses "pios" estabelecimentos para jogar lá dentro todos os doentes que tinha em casa e cujos lamentos havia muito que a incommodavam, a ponto de uma parte telos já atirado á rua, mesmo antes da creaçao dos hospitaes. E' o que diz S. Jeronymo, tes-

temunha de valor, pois foi o director, pôde-se dizer, das primeiras casas de caridade que recolhiam doentes. "Nesse tempo os enfermos já estavam estendidos na praça publica — á chuva e ao vento."

Roma só teve hospitaes muito mais tarde. No seculo VIII tinha, apenas, cinco desses estabelecimentos.

A França teve o seu primeiro hospital no anno de 542. E não foi em Paris, como se pôde imaginar. Foi em Lyon. E o que é mais admiravel, é que ainda hoje existe. E' o "Hotel Dieu" (muitas vezes reformado) daquella cidade.

Tendo tido, conforme acabamos de ver, uma origem tão má, os hospitaes tiveram uma vida tambem má. Foram sempre, victimas do mal hereditario: o egoismo.

A generosidade de uns os dotava de riqueza, ao passo que a velhacaria de outros os roubava de tudo, deixando-os na miseria. Foi sempre assim.

Houve concilios que destinavam á manutenção dos Hospitaes um quarto das rendas da Egreja. E chegou mesmo a mais. Houve "ordenações" que mandavam dar a essas instituições de caridade até os dois terços da renda da Egreja! Que bom!

Mas tanto as conclusões dos Concilios como as "ordenações" — nunca foram cumpridas!

Outros "avançavam" no dinheiro destinado aos hospitaes.

Felizmente, porém, tambem para elles é verdadeiro o dictado: "Sem nada, — nada se faz". E os hospitaes só começaram a prosperar quando elles tambem começaram a fazer alguma coisa e a terem um papel menos passivo na sociedade. Foi quando a medicina já adulta, comprehendeu que precisava do hospital para seus trabalhos.

Chegamos assim ao hospital moderno, ás grandes instalações, aos "Hospitaes-modelo". De modo que os doentes recolhidos nesses estabelecimentos desfructam uma estadia em locaes hygienicos e bem apparelhados, para assim melhor servirem aos interesses da Medicina (que nem sempre são os delles) e não porque a Humanidade de hoje os ame mais do que a de hontem.

Não se lembram da carta que o illustre professor de cirurgia da Faculdade de

Medicina, dr. Paulino, mandou de Caxambú, afim de rectificar uma noticia de jornal a respeito da Santa Casa? — "Eu não falei mal da Santa Casa, como hospital. Disse que não prestava como serviço de clinica da Faculdade. Mas que como *Hospital de Misericordia* (Misericordia! — o grypho é nosso) elle podia continuar a prestar os seus bons serviços."

Essas poucas palavras, para quem sabe ler, são a synthese de quanto se tem dito e escripto sobre reclamações hospitalares. Essas palavras e, todo o resumo historico que acabamos de fazer, só apontam aos operarios um caminho: a renuncia ao Hospital de favor.

A hospitalização gratuita é esmola. A esmola é uma degradação social que os tempos não comportam mais. As reivindicações proletarias não a devem admittir. Quem trabalha deve ter assistencia medica por direito e não por esmola. Uma estatistica, bem feita, demonstraria que 80 % dos internados na Santa Casa são gente que trabalha.

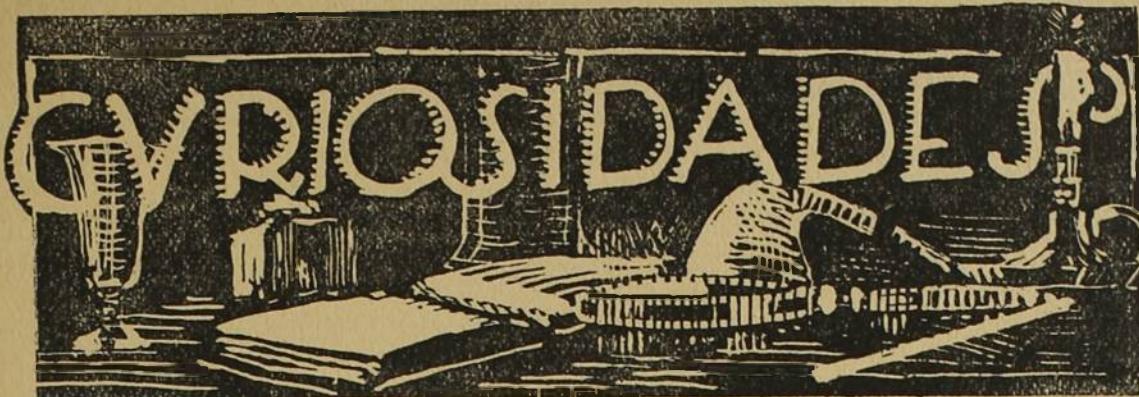
Nos paizes onde as organizações das classes trabalhadoras estão mais adeantadas, já estão apparecendo os hospitaes mantidos pelas agremiações operarias: os hospitaes de classe. E era isso que havia nos seculos XII, XIII e que a politica dos principes acabou, porque não lhes convinha a associação de classes: enfraquecia-lhes o poder.

Mas hoje podem reapparecer, tranquilamente, o "Hospital dos Tecelões", o "Hospital dos Sapateiros", o "Hospital dos Alfaiates", etc., por que os principes de hoje, coitados! não lhes fazem mais guerra...

Tendo hospitaes proprios 80 % da clientela dos hospitaes de hoje, só a 20 % devia providenciar a Municipalidade. Um dia, porém, esse resto tambem havia de desapparecer. De onde saem esses 20 %? E' um invalido do trabalho que vive de esmola, é um filho de sapateiro, que nasceu cégo, etc. Devem ter direito á assistencia da classe a que pertencem. Como se vê, a vida moderna não admite mendigos!

Dr. Nicolao Ciancio.

("Correio da Manhã", Rio).



UMA COMPANHIA POR DEZ DOLLARS

(Da Associated Press — New York)

Está apparecendo actualmente nos jornaes desta cidade o seguinte annuncio:

"Se sois forasteiro e quereis gosar uma bôa companhia e passar uma tempora a agradavel, poderemos apresentar vos a uma joven intelligente e bonita, bem educada e de agradavel aspecto pessoal. Indicae o typo e a edade que preferis. Sómente serão attendidos os homens bem educados e de bôa moral. Preço, dez dollars".

Não se trata, como poderia pensar um leitor mal intencionado, nem de uma exploração nem de um negocio immoral. O que ha é unicamente um novo genero de transacção typicamente americana, destinada a alliviar a solidão dos forasteiros que não tenham relações em Nova York, mediante — desde logo — uma pequena contribuição, que será aproveitada em beneficio da belevola acompanhante e do, neste caso limpo e moral, intermediario.

Se o leitor, por exemplo, se sentisse solitario uma noite em Nova York e desejasse estar em companhia de alguma joven de bôa apparencia, a quem ver e com quem falar — não, tocar! — po-

deria approximar-se da séde do Serviço Social, que tal é o nome da philantropica instituição, e "pedir" uma rapariga. No escriptorio, uma secretaria attenciosa lhe perguntará qual o typo de sua preferencia: loura? morena? joven? madura? — e dez minutos depois, mediante o pagamento adeantado dos dez dollars, lhe entregará o exemplar pedido para seu uso durante tantas horas. Ao terminar o prazo combinado, a moça deverá ser "restituida" ao escriptorio(nada de acompanhamentos até em casa), e "restituida" sã e salva...

Não creia o leitor que as que se prestam a esse negocio sejam vulgares, de condição social inferior ou de mäos instinctos. Ao contrario, para serem tomadas ao serviço da instituição, necessitam apresentar quatro recommendações, duas sociaes e duas commerciaes, atestando a sua bôa conducta. Além disto, deverão assignar um contracto pelo qual se compromettem a conduzir-se moralmente, a não tomar bebedas alcoolicas com os visitantes a quem tenham de acompanhar, a não permitir que estes a acompanhem ás suas casas e a informar de qualquer descortezia de que sejam objecto. Como resultado dessas medidas de previsão, o escriptorio está em condições de oferecer ao publico o trato social de um grande numero de raparigas decentes e interessantes, de todos os typos e eda-

des. Ha na lista do Serviço Social duas de quarenta annos, para aquelles varões que procurem o repouso e a cordura mental que começa a dominar as mulheres nessa edade. Ha tambem na lista muitas senhoras casadas, inscriptas com o consentimento dos respectivos maridos.

Insistimos em dizer que não se trata de nada immoral, o que, aliás, a policia não permittiria, desde logo, e do mesmo modo insistimos tambem em que, para o criterio americano, a idéa é practica, natural e até philanthropica. Trata-se apenas de uma applicação do valor monetario áquellas fórmas do trato humano que o "ridiculo" preconceito ou a "archaica" tradição (adjectivemos forte...) limitavam a certas relações de conhecimento social, da amizade e do amor. Pouco a pouco, tudo vai sendo possivel adquirir-se por dinheiro, e estamos a caminho de adoptar o dollar como o commun dominador humano. Por que não se poderia comprar a companhia por um preço razoavel? — pergunta-se a si proprio um americano. E talvez não tenha mais illusões sobre a diferença entre a companhia espiritual, que se costumava chamar comprehensão, e simplesmente a companhia de uma pessoa que soe estar ao lado de uma pessoa. A primeira é illusoria; sómente a segunda é possivel e real. Por que não aceitar o facto franca e decididamente? Por que não lhe dar um preço?

"Vende-se a companhia por dez dollars". Não é isto admiravel, simples e practico? Se não fosse tão caro para os jornalistas...

PHOTOGRAPHIA RADIO- TELEPHONICA

Sons estranhos, mas regulares, que se repetiam todos os dias durante o mez passado, intrigavam fortemente o pessoal das estações radio-telegraphicas de Washington, até que ha poucos dias foi descoberto o mysterio, quando se soube que a Estação Naval Aerea S O F, em

Anacostia, estava fazendo curiosas experiencias, mandando para o laboratorio do Sr. C. Francis Connicut photographias radio-telegraphicas.

Retratos do presidente Harding, do secretario da marinha, Sr. Derby, e de innumerias senhoras, assim como mensagens impressas têm sido enviados pelo ar atravez do apparelho Jenkins.

O methodo é relativamente facil e brevemente, segundo as experiencias estão provando, dará resultados praticos. A transmissão de photographias, desenhos a preto e branco, caricaturas ou escriptos poderão ser feitos d'aqui a pouco pelo radio e pelos fios telegraphicos.

O Departamento Naval está ajudando o sr. Jenkins nas primeiras experiencias praticas dos seus methodos permittindo-lhe usar a alta potencia do seu radio-telephone. Até agora photographias e desenhos têm sido transmittidos através das cidades em uma distancia de cinco milhas, mas demonstrações feitas de Washington para cidades mais distantes terão logar brevemente, segundo os planos do Sr. Jenkins.

O apparelho de Jenkins tem a propriedade de dividir a imagem do negativo photographic, sendo ella enviada por meio de linhas horizontaes muito unidas.

Estas linhas são convertidas em variações de intensidade electrica diversas, por um processo analogo, em certos pontos, ao do transmissor telephonico que converte o som em impulso electrico. Essas variações representando o photographo, são enviadas como uma conversa ou discurso pelo radio-telephone e ao serem recebidas são transformadas novamente em ligeiras variações, que se transformam por sua vez, linha por linha, na photographia desejada.

A novidade que apresenta o apparelho Jenkins são umas lentes circulares cortadas em uma faceta de pequenos prismas, que transmittem a photographia em raios luminosos de maior ou menor intensidade, que ao serem interceptados, imprimem com a mesma intensidade com que receberam da fonte

geradora onde está collocado o objecto a ser photographado para a transmissão a distancia.

O apparelho transmissor consiste em um projector stereoptico commum e um disco prismatico. Estes imprimem a photographia ponto por ponto sobre uma substancia que tem o poder de transformar as variações de luz em variações de electricidade. Essa corrente é ampliada e transformada e depois enviada.

No apparelho receptor, as correntes fazem mover um pequeno espelho; a amplitude desses movimentos é controlada pela propria corrente, conforme ella representa um logar claro ou preto da photographia transmittida. Um raio de luz, quebrado pela sombra de um cabello, é reflectido por este espelho, de maneira a passar por uma fenda e ser impressa sobre a chapa photographica pelos discos prismaticos. Quando preto é enviado a sombra reflectida do cabello exclue completamente a luz da placa, mas quando uma parte clara da photographia é remettida, o espelho vibra e deixa passar a luz necessaria para a reprodução da cópia do original enviado.

O Sr. Jenkins proclama que o seu metodo é o primeiro que satisfaz todos as condições tanto no sombreado como nos detalhes; as photographias recebidas pela radio-telephonia são quasi perfeitas e até artisticas.

OS "CAVALHEIROS DO IMPERIO INVISIVEL"

Quem não se terá interrogado sobre essa estranha e mysteriosa associação, cuja vitalidade de vez em quando se manifesta lynchando ou queimando alguns pretos? E' uma associação cercada da aureola do mysterio, da mesma forma que a maçonaria e o carbonarismo, que nasceu nos Estados Unidos em 1870, em seguida ao triumpho de Lincoln libertando a população de cór do jugo da escravidão. No seu começo era mais uma associação de caracter pilherico que outra coisa. Aproveitando a ignorancia e a humildade do negro, os seus filiados imponham a este o respeito ao branco,

usando grotescos e extravagantes disfarces. O uniforme regulamentar, porém, foi sempre o mesmo: uma tunica branca, de capucho com dois pequenos buracos á altura dos olhos para que, de um modo uniforme, se pudessem ver os irmãos da "Santa Inquisição" ou da "Boa Morte".

As partidas por elles pregadas, de um modo geral, eram inoffensivas. Por exemplo: com uma mascara de papelão, como a dos carnaavalescos, superposta, apresentava-se um dos seus membros a um preto rebelde. Tirava então essa mascara, offerecendo-a com estas palavras:

— Entrego-lh'a porque desde que morri no campo de batalha não funcionava bem...

De outras vezes, com a mesma caricata mascara, batiam á porta de uma choupana em busca de um balde d'agua que sorviam de um só trago, deixando o negro alarmado. Essa agua, é claro, não ia para o estomago. Caia em uma bolsa de couro occulta sob a tunica.

Mas hoje em dia a *Ku-Klux-Klan* é uma associação terrível pelas vinganças que leva a cabo. Constituiu-se em uma especie de policia e de juiz social, cujas sentenças são inappellaveis. Nas suas fileiras militam millionarios, reis da industria, juizes, altos prelados, politicos, representantes, emfim, de todos os ramos da actividade, sendo o seu fim apparente sustentar, a todo transe, a luta com a gente de cór, erguendo-se uma barreira intransponivel entre o negro e o branco, finalidade que desde muito tempo vem sendo buscada pelos norte-americanos.

Procuram, assim, impedir a influencia do negro, cujo nível intellectual e moral se elevou consideravelmente desde os tempos em que Stone escreveu a *Ca-bana do tio Tom* e Washington Bookart lançou solidos alicerces para a sua educação. A respeitável associação, com o concurso de tão prestigiosos elementos, conseguiu o seu lugar na sociedade, tendo a sustentado sobretudo o segredo de juramentos, despidos de todo o sentimento humanitario.

De como procede essa seita para conseguir os seus fins dá uma idéa approximada a seguinte relação de victimas suas:

B. J. Hobbs, branco, advogado de Houston, raspado e obrigado a abandonar a cidade, por aceitar clientes negros;

R. H. Lenert Brenham, branco, medico do Texas, submetido a chicotadas por tratar de pretos e falar o alemão;

James Collins, negro, absolvido pelo jury da accusação de castigar mulheres brancas, chicoteado e ferreteado a fogo na testa;

E. H. Peters, branco, negociante, por vender mercadorias a pretos, chicoteado e obrigado a pagar uma multa de duzentos dollars;

Rodolf Williams, branco, conductor de vehiculos, chicoteado e amarrado a uma arvore, onde permaneceu dois dias sem sentidos. Foi suppliciado desta forma por ter conduzido um preto no seu vehiculo;

Henry Waertner, commerciante, foi submetido ao que elles chamam a "pena dos espinhos", que consiste em fazer a infeliz victima caminhar sobre um estrado de aço com pontas de pregos de cinco centimetros. Foi-lhe applicado este castigo apenas por supeitas de ter realizado negocios em que intervieram pretos;

Jack Halt, branco, empregado de Banco; teve a mão esquerda amputada por usar no dedo um anel comprado a um preto;

Patrick Svitov, branco, pedreiro; teve os cabellos e os bigodes raspados, pois a *Ku-Klux-Klan* apurou que elle mantinha relações amorosas com uma preta;

Charles Booker, branco, cavallariço; espancado a pão e marcado a fogo na fronte direita por ter vendido fumo a dois homens de cór;

Bir Tom, preto, agricultor, teve um dos olhos vasado por ter pedido em casamento uma mulher branca.

A lista de factos desta natureza é interminavel e deixa em nível inferior as atrocidades cometidas na Edade-Média. Os supplicios a que esta seita submette as suas victimas escapam á imaginação, desconhecendo-se muitas das victimas que escondem os castigos por que passaram receiendo a vingança, fatalmente mais deshumana.

A *Ku-Klux-Klan* defende-se declarando-se inocente e sustentando ser-lhe impossivel evitar que criminosos vistam a

tunica da associação para com mais segurança praticarem os seus crimes. A sua missão, diz, é apenas velar pela hygiene social, evitar o contrabando de bebedas alcoolicas e impedir o alastramento do bolchevismo... Sem embargo, os factos registrados diariamente não deixam margem a duvidas.

Actualmente dirige a macabra associação o coronel Simmons, um antigo sacerdote presbiteriano e professor de historia da Universidade de Atlanta — um fanatico intrasigente, que durante quinze annos poz a sua ferrea vontade (não confundir com a energia) e actividade ao serviço da resurreição desta seita.

Obedece a associação ao mando do Grande Mago, o Mago Imperial, chefe supremo dos "Cavalheiros do Imperio Invisivel". Para ser membro della é preciso ter nascido em terra norte-americana, que sejam americanos os ascendentes imediatamente anteriores, não ter vinculos, nem mesmo de pura amizade, com instituições politicas, seitas, individuos ou governos estrangeiros.

Cada estado é um Reino, denominando-se Grande Dragão o seu chefe; um departamento é um Dominio, governando-o um Grande Titan; um territorio grande é uma provicia, tendo por chefe o Grande Gigante, e um territorio pequeno um Campo ou Caverna, sob o poder de um Grande Cyclope.

O Grande Mago, não residindo em Nova York, traslada-se para essa grande cidade, afim de dirigir dali a associação espalhada por toda a vasta immensidão do territorio norte-americano. A sua proclamação não deixa de ser interessante. Eis-a:

"Cuidado! Cuidado, povos da terra! Só existe uma e unica *Ku-Klux-Klan* e esta esmagará, como a uma serpente venenosa, qualquer outra associação que adopte um nome parecido. Fiquem prevenidos! Cuidado!"

Se é uma verdade que a competição é a alma do commercio, não será estranho que surjam outros grandes magos e tenhamos a multiplicação de *Ku-Klux* para desassocoego dos pretos, ou que estes organizem uma associação nos mesmos moldes com legitimos fins de represalia".

(*"Correio da Manhã"*)

O CASO DE TAMAKI MIURA

Como a gentil "prima donna" japoneza, madame Miura, de fama mundial, despertou as iras do seu illustre e honrado esposo, conseguindo satisfazer seu capricho, é uma historia que poderia servir a qualquer autor de argumentos para fazer uma verdadeira pelicula, pois tem todos os elementos necessarios a provocar o efecto de um film pouco comum.

Contra a vontade do marido e das proprias autoridades japonezas, rompendo com todos os preconceitos da raça, madame foi a Nova York em companhia de seu indispensavel e joven pianista italiano, seguindo dahi numa tornée pelo mundo em fóra, a cantar com a sua esquisita voz a genial criação de "Butterfly" o que lhe valeu universaes aplausos, em que se contam os do Rio de Janeiro que a ouviu no Municipal, ha uns dois annos.

Terminada a tournée, voltou para o Japão e participou ao marido que estava disposta a uma outra. Elle negou-lhe licença, e madame Miura, a gentil japonezinha, acostumada como todas as grandes artistas a não ser contrariada na mais pequenina coisa, indagou do marido os motivos da recusa.

— E' que estás esquecendo o teu paiz e o teu marido como se vinculo algum tivesse a prender-te a elles. Demais, não me parece muito proprio que te exhibas por todo o mundo com esse italiano...

— E' um absurdo! protestou ella, porque Franchetti é meu director, meu acompanhante e meu empresario. Agora, então, tenho até todo interesse em conserval-o commigo, pois está escrevendo uma opera de que eu serei protagonista.

A resposta não produziu efecto nas determinações do dr. Miura que, além do prestigio de que, como medico, gosa em Tokio, é pessoa socialmente relacionadissima. Tratava, portanto, de evitar um escandalo que pudesse tornar tristemente celebre o seu lar. Entretanto, constatava com surpresa que a esposa, a despeito da sua proibição, continuava nos preparativos da tournée. Correu, por isso, á Repartição de Passaportes, para declarar que

não auctorizava a saida de sua esposa do paiz. Perguntaram-lhe os motivos e elle respondeu que o inconveniente da viagem era a camaradagem da esposa com Franchetti.

Os empregados dos passaportes recusaram humilhar a celebre cantora, e não accederam ao pedido do medico, que apellou para a Justiça afim de obter uma ordem contra a esposa, de prisão, até, se não pudesse ser por menos. O juiz quiz tambem, como é natural, saber do que se tratava, e depois de interessante audiencia declarou que não encontrava nas leis do paiz nenhuma disposição que auctorizasse sentença que pudesse satisfazer os desejos do conhecidissimo dr. Miura.

Este, porém, não esmoreceu. Abandonando seus clientes para tratar apenas do seu caso pessoal, foi ao extremo, convocou um conselho de familia a que compareceu o pae da artista. Ouvido o casal, o velho sentenciou:

— Se ella tem de ir para cumprir contractos assignados e "o maestro italiano", como ella lhe chama, tem de ir tambem, que vão. Podemos, porém, mandar com ella uma dama de companhia para fazer guardar as devidas distancias.

— Acceito! exclamou o dr. Miura.

— Acceito! repetiu a cantora, cheia de apparente submissão.

No momento da partida, porém, o dr. Miura, quando o vapor levantou ferros, teve, sem saber por quê, o presentimento de que perdia para sempre a esposa e de Nova York, mais tarde, recebeu a noticia de que a dama de companhia viúva bem a actriz durante a viagem, mas, na grande cidade, um patrício tocoulhe as cordas do amor... e a aia casára.

Ficou, assim, com esse enlace, em plena liberdade a famosa interprete de "Madame Butterfly", para entender-se com o italiano Franchetti que ella conservará com os titulos que nomeou ao marido em Tokio e possivelmente algum mais de que então se não lembrára...

A PRINCEZA YOLANDA

Ricardo — coração de leão — costumava dizer que o coração das mulheres

era mysterioso, o das princezas ainda mais mysterioso.

Affigurava-se-lhe demasiada disciplina sentimental o instincto aristocratico que dictava as escolhas nupciaes.

E' por isso que os irmãos Griffini, sabios na arte de construir bondosas lendas, pensaram até certo ponto com razão, que a hierarchia sacrificava atrocmente o pequenino coração das fidalgas. E, para suavizar esse doloroso sacrificio, architectavam elles piedosas historias destinadas a commover a infancia de todos os tempos. Nessas historias de reinos longinquos e quasi imponderaveis, as princezas tinham, em geral, parte eminentemente sympathica.

Desprezavam os amores poderosos dos gentishomens das cortes, a riqueza dos invenciveis senhores feudaes, o luxo de reluzentes monarchas, a ostentação de venerados rajahs. E quasi sempre iam ficando pallidas. Iam ficando como essas flores isoladas que não sentem a caricia das abelhas, até que a flauta de um poeta lyrico ou a avena de um zagal lhes tirasse o amargo desencanto.

Então voltavam á alegria que lhes tinha fugido um dia...

Confesso que sempre amei essas ingenuas e maravilhosas narrativas. Aprecieias na infancia com o mesmo carinho com que agora assisto ao exemplo de clara poesia, que nos vem da Italia, coroada e risonha, atravez das proximas nupcias da Princeza Yolanda, filha de Victor Manuel III, com um joven official da cavallaria do Reino.

As cortes européas nos tem dado, nos ultimos tempos, factos de uma bella e democratica transigencia. Ainda não ha muito, das salas veneraveis e ricas do Palacio de Buckinghan sabia para as ogivas solemnes da Abbadia de Westminster, o prestito nupcial que acompanhava o noivado de uma loira dynmasta da Britannia com um grisalho baronete, em cujo sangue havia apenas uma vaga tintura daquelle azul purissimo que é, no caso, o indice dos aristocratas genuinos.

Por muito feliz deu-se, aliás, a filha de Jorge V.

A figura do noivo, cujo retrato, diga-se a verdade, não era lá para encantar o coração de uma aldeã, quanto mais o

de uma princeza, foi glosada, foi coberta de pequeninos e acidos remoques, mas nem assim desmereceu da sympathia com que o amor da real senhora o attrahira e a enlevara.

Hoje, no severo castello em que se reuniram os dous personagens da nobreza, devem os Viscondes de Lascellas evocar até, nas horas em que a nevoa convida á evocação e á poesia, a historia daquelle mendiga que se verificou era nada mais nada menos do que uma rainha authentica, por ser o seu corpo tão sensivel, que sentira, atravez de tres colchões, um imperceptivel grão de ervilha que ficara esquecido no leito.

Recusando a mediação solicita das chancellarias, que com um grande desvelo pela sua fortuna cuidavam de associá-la á fortuna de um principe das casas reinantes da Inglaterra e Belgica, a filha de Victor Manuel, a candida Alteza Yolanda, realizou agora, atravez de uma louvavel attitude sentimental, aquillo que nos acostumaram todos a ler nos contos de fadas.

Os principes vão sendo agora uma causa commun.

O advento de novos regimens de governo vae banindo pouco a pouco essa classe de tão fulgorantes tradições na historia da humanidade, e os vae substituindo por fidalgos meramente adventicios, cuja corôa pôde soffrer a oscillação cambial do petroleo, do ferro e do carvão, e cujo sceptro não é mais do que um thermometro a registrar as alternativas da Bolsa. Ainda assim os principes authenticos não desmerecerão. Elles causam sempre uma fina e grata emoção, quando aparecem aos nossos olhos, mesmo á distancia, nas fitas do cinema.

Yolanda, a graciosa princezinha da Italia, deve ser elegantemente romantica e caprichosamente democratica.

Quantas outras não amariam, até mesmo sem coração, o herdeiro do throno belga, throno dignificado pela sabedoria de Leopoldo e valorisado por Alberto, o soberano de tão saudaveis recordações na historia indigena dos banhos de mar em Copacabana e dos pratos brasileiros nos convescotes do Corcovado!...

Quantas outras não invejariam nas salas decorativas em que os espelhos fina-

mente emoldurados, reflectiam, por tantos annos a ephemera vaidade da Rainha Victoria, assistindo as geadas e brumas atravez das vidraças do grande castello de grades doiradas!...

A filha de Victor Manuel tudo recusou. Preferiu simplesmente continuar a viver sob o harmonioso céo do paiz natal, vendo as mesmas paysagens, sentindo os mesmos effeitos de luz mediterranea, tão expressivos nos reflexos da agua intranquila dos rios...

Ella não procurou um daquelles melancolicos pastores de que fallam as rondas simplorias dos troveiros e as canções dos menestreis enamorados. O seu ideal parou nas rutilas dragonas de um militar sem nobreza de linhagem nem escudos e sinetas nos cartões de visitas.

Não a seduziram os galões da farda irreprehensivel, tão caracteristicos nos herdeiros da corôa ingleza.

As suas nupcias com um capitão de cavallaria, anunciadas para breve, exprimem uma doce vontade que se realiza.

Vivendo num palacio de reis, ella preferiria ficar como subdita e habitar o castello de um cortezão.

Misterioso coração de princeza!

A linhagem, para ella, é uma causa vã.

Deante das ambições da vida, ella quer apenas um pouco de amor...

OSWALDO ORICO.

QUAL A MULHER DE ESPADUAS MAIS BELLAS?

A grave e sisuda Inglaterra perdeu agora, pela primeira vez, a sua tradicional equanimidade.

De um extremo a outro, a nação de Jorge V encontra-se deveras perturbada com o problema das espaduas — espaduas femininas, já se vê...

Tal commoção, que tão profundamente tem abalado os alicerces da severidade britanica, teve origem numas palavras de Maurice Descartes, famoso artista parisiense.

E' o caso que, estando certa occasião, no theatro Picadilly, Descartes quiz vi-

sitar, em seu camarim, a elegante actriz Kyrle Bellew. Entre outras phrases de galanteria, inspiradas pela figura da actriz ingleza, disse Descartes:

— Miss Bellew é a mulher mais formosa da Grã-Bretanha, porque possue as espaduas mais lindas da nebulosa Albion.

Ao tornar-se publico o juizo favoravel do artista francez sobre as espaduas de miss Bellew, como as mais perfeitas entre todas as espaduas nacionaes inglezas, em todo o paiz surgiram as opiniões mais controvertidas sobre esse assumpto.

Cada pintor, por exemplo, teria o seu modelo favorito. Cada escultor teria já a sua eleita. E não houve um só caso em que as opiniões, de pintor e de escultor, estivessem de acordo.

Mas houve mais. Afóra esses especialistas em bellezas femininas, diversos directores de fitas cinematographicas, professores de dansas, etc., prescindindo das "partes" interessadas directamente no assumpto, apresentaram suas candidatas, afim de discutir o typo da nova Venus, nome dado a miss Bellew, com os louros que lhe emprestou o atticismo de Descartes.

Entretanto, todos os que desejavam esclarecer essa questão desacordavam em que fossem as espaduas de miss Bellew as mais formosas da Inglaterra. A quintessencia da perfeição estaria noutra...

Miss Bellew, que na vida privada é apenas mrs. Arthur Bouchier, occupa logar proeminente entre as bellezas contemporaneas.

Seu nome theatral é o do fallecido Kyrle Bellew, parente seu, creador dos papeis de "Raffles" e de "Amateur Cracksman". A ultima obra em que tomou parte, "Duelo de amor", serviu a miss Bellew para mostrar ao publico, maravilhado durante noites seguidas, os encantos de suas formas divinas.

Foi numa dessas occasões que a viu Descartes, dando a conhecer que "as espaduas de miss Bellew eram as mais formosas da Inglaterra".

— Qual! Qual! — disse em tom de protesto um distincto artista. Isso é falar por falar. Viu, porventura, o sr. Descartes os hombros de Lucy Lorraine?

Assim, desde logo, a idéa que se teve

foi de que Lucy Lorraine seria talvez o modelo mais admirado de toda Londres, e, entre os seus muitos encantos, destacavam-se as suas espaduas, como as mais perfeitas. São espaduas do tipo finamente curvo, característico da mulher francesa, em oposição ao modelo da mulher italiana, ou o grego-classico, cujas espaduas são tão amplas quanto as cadeiras.

Os americanos, como sucede quasi sempre, não vacillaram em apresentar suas candidatas ao concurso das "espaduas mais bellas".

Foi escolhida uma linda joven de Chicago, Dorothy Dickson, que havia triunfado nos theatros londrinos, no papel de "Sally".

Mais espertos, os americanos lançaram aos quatro ventos que as espaduas de Dorothy eram as mais lindas não só da Inglaterra, mas tambem de todo o mundo.

Immediatamente, Londres inteira se abalou para ir ao theatro onde Dorothy trabalhava, afim de verificar o objecto de tantos elogios.

Por sua vez, a França não podia, de forma alguma, permittir que sómente a Inglaterra e os Estados Unidos disputassem o concurso.

Assim, Paris apresentou sua candidata. Tal escolha recaiu sobre Polaire, a celebre bailarina da "Ville Lumière", que se encontrava em Londres, numa companhia de revistas.

Disse ella, então:

— Eu poderei ser mas é a mulher mais mal parecida no mundo...

Um dos seus admiradores logo acrescentou que não haveria quem lhe ganhasse na graça de seus movimentos.

Os franceses unanimemente manifestaram desejos de comparar praticamente as espaduas de Polaire com as de Dorothy Dickson, de Bellew, da actriz viennense Deibler, poetizada pela critica em razão dos seus hombros magnificos e de qualquer outra beleza de fama internacional.

Com tudo, não se havia calado ainda a sensaçao produzida pela apparição, no scenario da controversia, das espaduas triumphantes de Polaire, quando o publico foi convidado a tomar em consideração as espaduas de Maria Castellani, de

Milão, dansarina num dos clubs elegantes da capital britannica.

E o certamen está animadissimo.

Os ingleses, ante a reiterada apresentação de formidaveis concorrentes, estão vendo vacilar as suas illusões acerca de Kyrie Bellew.

O certamen vae adquirindo caracteres transcendentes.

O torneio das "espaduas perfeitas" verifica-se nos "studios" dos artistas. Ali, acódem os apaixonados pela beleza feminina, para julgal-as com seus proprios olhos.

E' esse o verdadeiro campo de batalha da singular contendia onde comparecerão, em muda e ardorosa luta, as espaduas de Bellew, filha da estoica Inglaterra, com as de Dorothy, filha da livre America; Polaire, representante da França heroica; Deibler, filha de um grão senhor austro-hungaro e Maria Castellani, vivida encarnação da ardorosa Italia.

Os artistas e as "bellezas" que participam de tal competencia consideram o assumpto com a mesma seriedade e o mesmo interesse com que o governo de Sua Majestade Britannica estudaria um dos arduos problemas que agitam a nação ingleza.

(*"Correio da Manhã"*, Rio)

A RESTAURAÇÃO DAS FLORESTAS NOS ESTADOS UNIDOS

A replantação de um milhão de arvores, neste paiz, no anno que acaba de entrar, é o programma da sociedade cujo titulo encima estas linhas. (1) A' frente della acha-se Mr. Charles Lathrop Pack, presidente ha muitos annos da "American Forestry Association".

A associação convida todos os habitantes deste paiz a plantar, ao menos, uma arvore por anno, nos seus terrenos urbanos, suburbanos e rurais, offerecendo como premio de emulação o titulo de socio benemerito da mesma associação, sem o dispêndio de um real.

O Sr. Pack está muito desvanecido com o passo que deu, visto achar-se na posse de qualquer pessoa auxiliar-o, sem o me-

(1) — "American Tree Association".

nor esforço, tudo dependendo de um pouco de boa vontade.

Já recebeu elle o apoio unanime de todos os negociantes de madeira, que, até aqui, só cuidavam em devastar suas florestas, fazendo de suas terras, outr'ora fertéis, hoje completamente estereis.

O Sr. Pack tomou esta deliberação porque verificou, aliás, com muito criterio que os technicos em materia nunca chegavam a um acordo quanto ao meio pratico de desenvolver essa industria, de tanto proveito á communidade em geral. Só de Louisville, cidade importante do Estado de Kentucky, já recebeu elle 3.000 nomes das pessoas mais respeitaveis daquella cidade, hypothecando o seu apoio em favor de tão grandioso emprehendimento. Ainda mais, animar as cidades vizinhas a imitá-las.

Eis uma idéa facil de ser aceita em todo o Brasil que, em pouco menos de seis annos converteu suas grandes florestas em saoezaes, deixando suas terras completamente esterilizadas pela diminuição das chuvas. Basta que cinco milhões de pessoas, nos diversos Estados da Federação, plantem, por anno, uma simples arvore para que no fim de algum tempo esteja restabelecida a formula regular de nossas estações. Porque regularizar as chuvas é facilitar a entrada de metal sonante no paiz. Manná que nos cae gratis do firmamento.

Cumpre, agora, a todos os governos estadaes, a exemplo do Estado de São Paulo, crear hortos botanicos dentro de suas respectivas circumscripções, para a distribuição de mudas e sementes quando lhes forem requisitadas pelos interessados. Para isso não ha necessidade de medida alguma legislativa, cada um, no seu canto, cumprindo o seu dever de bom cidadão, e no seu proprio interesse.

Devemos convergir todos os nossos esforços na replantação de madeiras do paiz e daquellas que, como o eucalyptus, se acham já acclimatadas no paiz. Enriqueçamos nossos campos, hoje esterilizados, com perobas, caviunas, cedros, cabriuvas, etc., ainda que levem annos para sua formação. E assim nos exprimindo, somos sugestionados pelo sabio octogenario Dr. Luiz Pereira Barreto, o maior propagandista do reflorestamento do nosso paiz.

Dirão aquelles que só se lembram do dia de hoje, e não do de amanhã: Para

que plantar arvores seculares, quaes as lembradas acima, que não aproveitarão á actual geração? E a resposta que o leitor pôde dar-lhe é que elles, como nós, não passamos de meteoros fugaces, de meiros incidentes na vida, que o nosso Brasil é tudo.

Que seria de nós se taes idéas egoisticas prevalecessem no espirito de nossos avós? Que não fizeram elles pela integração territorial de nossa grande Patria, que hoje occupa duas quintas partes da America meridional, com uma população de 30 milhões de habitantes, completamente homogenea pelo idioma e raça? Assim, pois, pelo mesmo principio, devemos fazer o mesmo em beneficio da geração vindoura.

Os homens que se desvelam pelo futuro de seus filhos jámais ficam no olvido. Não falando da nossa historia colonial, ha, porventura, quem não se lembre com gratidão, não citando nomes, de todos que, abnegadamente, contribuiram para a grandeza e honra de nossa Patria?

Assim, pois, cuidemos, d'aqui em diante, do reflorestamento de nosso paiz, com o mesmo interesse com que cultivamos o café e outros generos de grande exportação. Um terreno reflorestado é um activo que ganha de valor todos os dias. Sempre haverá procura para madeiras de toda a qualidade. Terão sempre preço e valor relativo. Imitem, portanto, todos os Estados irmãos, o de São Paulo.

A Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes não esperou a aprovação do Código Florestal para iniciar as suas lindas plantações de eucalyptus á beira de sua linha. Habilmente, apenas, aproveitou-se dos favores de uma lei concedendo premio ás emprezas que fizessem plantações de madeiras em beneficio publico. E ao viajarmos pela Linha Sorocabana, no Estado de São Paulo, tivemos o prazer de ver tambem lindos campos cobertos de pinheiros e eucalyptus, ha bem pouco tempo safaros e imprestáveis, verdadeiro esconderijo de cobras e de insectos os mais venenosos.

Para mostrar ao leitor que em São Paulo o fazendeiro está tomando a serio o reflorestamento da terra, ouvimos de um delles a seguinte observação:

— Quando não estou muito apertado.

no serviço, planto uma arvore, aqui, ali, para, no fim de algum tempo, meus filhos terem dormentes em penca para a venda ás estradas de ferro.

Estradas de ferro estão sendo construídas todos os dias e ninguem pôde afirmar que se tenha encontrado, até aqui, uma base firme para o movimento flexível de um trem de ferro como o dormente de madeira. Fala, portanto, com muita visão esse caipira com quem, por acaso, nos encontrámos lá pelos lados de Bacaetava e Boituva, na mesma Estrada Sorocabana. Derrubar uma arvore e não substituila, no momento, por outra é o maior dos crimes. E' querer impedir a reprodução. E se ella pudesse falar...

Nova York, janeiro de 1923.

(“O Paiz”, Rio).

José Custodio Alves de Lima.

FESTAS SACRILEGAS NOS TEMPLOS RUSSOS

O dia 7 de janeiro, o Natal russo, segundo o velho calendario e a data escondida pelos jovens communistas russos para as grotescas demonstrações anti-religiosas em todo o paiz, está destinado a entrar para os almanaks da Russia como um feriado permanente com a denominação de “Dia da deposição dos deuses”. Além da grande procissão dos estudantes communistas, este anno, notícias das províncias deixam perceber que praticamente em todas as cidades e aldeias da Russia a massa de jovens ateus realizou festas sacrilegas dentro dos templos ou demonstrações populares anti-christãs nas ruas. Todavia, seus esforços parece que tiveram muito pouco resultado sobre a maioria da população, que considera essa reprodução da “Carmignole” da revolução francesa uma creançada de estudantes.

O governo que, de diversas maneiras, exerceu a maior opressão contra as igrejas desde o inicio da revolução bolchevista, até ao presente momento não deu um passo no sentido de ordenar o fechamento dos templos. Entretanto, ao que se diz, as pequenas capellas espalhadas nas ruas de Moscou e deante das quaes os fieis se haviam habituado a curvar-se e benzer-

se ao passar, vão ser agora fechadas por ordem das autoridades.

Os operarios da cidade de Briansk já aprovaram um projecto de expulsão e deportação de todo o clero local e a imprensa official, principalmente os pequenos jornaes, impressos para circular entre os operarios, contêm agora diariamente os mais terríveis ataques contra as religiões em geral. Um desses orgãos começou a fazer justamente agora tremenda campanha contra o baptismo, insistindo no protesto contra a pratica que determina a immersão de corpinhos frageis na agua fria, que elles consideram grandemente prejudicial á saude infantil.

Antes do regimen comunista, cada anno, em janeiro, era costume abrir cruzes no gelo dos principaes rios, em todas as grandes cidades, e, então varias pessoas eram ahi baptizadas em agua frigidissima. Um pequenissimo grupo de crentes seguiu esta pratica ainda este anno, não tendo havido, porém, nenhuma intervenção da parte dos anti-religiosos.

Grande parte dos jovens communistas que dirigiam a campanha contra a religião, declararam que são ateus sinceros, embora muitos delles tenham parentes entre os camponezes que se persignam deante de qualquer imagem e que, mesmo agora, consideram seus filhos anti-christãos, destinados ao inferno e á condenação se se não baptizarem.

A proposito dessa terrível campanha anti-religiosa, conta-se, porém, um episodio interessante, ocorrido em Moscou. Um desses jovens estudantes, tendo zombado de Deus na vespera, dirigiu-se na manhã immediata a uma das egrejas da capital da Sovietia, afim de se confessar perante Deus e pedir absolvição do seu feio pecado... Isto feito, o “anti-religioso” aceitou commovido a penitencia que lhe foi dada.

(“Correio da Manhã”).

A CULTURA PHYSICA DOS POVOS

Vivemos em um paiz cujos governos manifestam um desconcertante desinteresse pelos sports, possivelmente ignorantes do que elles representam como factor da grandeza dos povos. Quantos e quantos não desalentam as mais representativas

autoridades dos nossos meios sportivos, quando, por força das circumstancias, são obrigados a se defrontar com os homens de governo para tratarem de assumptos de que, muitas vezes, depende o bom nome da nossa cultura physica, chamada a desempenhar extra-fronteira missões que, como entendem homens publicos de espirito mais pratico que os nossos, constituem um dos melhores entendimentos internacionaes.

Entretanto, ao passo que isso ocorre aqui, os povos do longinquo oriente têm uma visão ampla do que os sports representam na vida de uma nacionalidade. Elles têm sempre deante dos olhos a observação tantas vezes repetida de que Waterloo foi ganho nos campos athleticos de Eton e comprehendem perfeitamente o papel preponderante que os torneios sportivos representam nos negocios internacionaes. Japonezes, chinezes e philippinos vêem nelles os meios praticos de aprenderem a se conhecer e a se respeitar uns aos outros. Têm havido muitas assembléas diplomaticas internacionaes — de Versalhes a Lausanne por exemplo — de resultados menos positivos que os jogos olympicos que periodicamente se realizam no Oriente asiatico. O marquez de Okuma, que baixou ao tumulo aureolado pela gloria de haver sido o maior homem publico do seu paiz, interessava-se viva e sinceramente pelos sports, tendo sido presidente honorario da principal associação sportiva do seu paiz. Inaugurando, ha annos, os jogos olympicos levados a effeito em Tokio, dirigiu calorosa saudação aos athletas ali reunidos sob uma mesma e grande bandeira de concordia, exprimindo a sua enorme satisfação por haver encontrado o "melhor meio de unir os jovens de todo Oriente, facilitando-lhes a occasião mais propicia para que se conhecessem e se comprehendessem".

Yan Shi Kai, quando presidente-dictador da China republicana, não só instituiu como principal premio uma admiravel reprodução do Arco das Dez Viuvas de Pekim, como auxiliou financeiramente os jogos internacionaes realizados em Shanghai, ao tempo do seu governo, e deu uma audiencia aos athletas. O dictador dirigiu-lhes a palavra, mostrando-se encantado em telos como hospedes.

O Sião, Java, a Malasia decidiram seguir o exemplo da China, auxiliando oficialmente os seus athletas e mandando representantes aos torneios inter-estaduas.

O governo das Philippinas foi mais longe que todos. Instituiu um Departamento de Educação Physica, reconhecendo deste modo oficialmente a importancia do problema.

A historia deste movimento sportivo nas Philippinas é interessante. Começou entre os jovens que se empregavam em varios ramos de actividade em Baguio, a capital de verão das Philippinas. Durante os mezes estivais os funcionários do governo norte-americano trasladavam-se para alli. Entre esses empregados havia uns quinhentos naturaes que faziam essa viagem contrariados. Não lhes importava o calor, mas desgostava-os profundamente deixar a alegria de Manilha pelo monotono Baguio, todos os verões. Em 1910, o governador, general Forbes, solicitou os serviços do sr. Elwood Brown, um dos secretarios da Associação Christã de Moços, que acabava de chegar as ilhas para organizar exercícios athleticos, e mandou-o para a cidade de verão, fim de procurar amenizar as horas de tédio dos funcionários publicos indigenas. Eram todos jovens elegantes, que haviam copiado dos hespanhóes a maneira de vestir-se, mas não tinham transcorrido muitas semanas quando se teve de baixar uma ordem energicas prohibindo-os de se apresentarem nas repartições com os trajes usados nos campos sportivos. A experiencia do governador foi coroada de um exito surprehendente muito antes da metade do verão, e quando a legião de empregados regressou a Manilha foi logo fundada a Inter-Bureau Athletic Association, que prosperou rapidamente. Os empregados do International Revenue Office, por exemplo, são os que agora sustentam o campeonato de "wolley-ball" nas ilhas, e milhares de individuos praticam não só esse jogo, como todos os demais praticados no Occidente, tendo sido a primeira pelota levada para Manilha na bagagem de Elwood Brown. Hoje o sport faz parte da educação nas Philippinas. Uma janella aberta durante a noite no quarto de um indigena é o signal mais seguro de que ali vive um athleta. O philippino da actualidade tem

medo do ar viciado, havendo perdido os fantasmas nocturnos que os seus antepassados acreditavam que entravam de noite pelas janellas abertas...

A propósito desse incremento sportivo no Oriente, escreveu Tomas Gregory as seguintes palavras:

"Não se devem esquecer os governos de que o corpo humano é a base de todo o edifício económico e social. O desenvolvimento phisico deve ser em qualquer parte considerado um assumpto de importância nacional. O plano de cultura phisica posto em prática nas Philipinas deve ser encarado com atenção e imitado por outras nações. O longinquo Oriente avança rapidamente, progredindo em tudo o que se refere ao melhor desenvolvimento phisico do povo. As nações do Occidente têm pouco que aprender do Oriente neste ponto só com contemplar os athletas orientaes'.

("Correio da Manhã", Rio)

AS ILLUSOES DEMOCRATICAS

A democracia que se crê de origem nacional tira sua força de elementos effectivos e misticos independentes da razão.

A palavra democracia corresponde nas classes populares e entre os letrados, a idéas muito diferentes.

Dominada pela necessidade de igualdade, a democracia popular repelle a fraternidade entre as classes e não manifesta nenhuma preocupação da liberdade.

A democracia dos intelectuaes, ao contrario, é avida de liberdade e muito pouco de igualdade.

O verdadeiro democrata é um sér collectivo tendo apenas a individualidade do seu grupo.

Ao contrario das idéas democraticas a psychologia ensina que a entidade colle-

ctiva, chamada povo, é muito inferior ao homem isolado.

O odio do despotismo e o amor da liberdade foram sempre proclamados entre os povos que supportaram muito bem o despotismo e muito mal a liberdade.

Os principios democraticos fazem parte dessas idéas, de bom grado imposto aos outros, mas raramente aceitos para si.

Quando mais as leis proclamam a igualdade, mais se desenvolve a necessidade dos signaes exteriores da desigualdade.

A sede de igualdade muitas vezes não passa de uma forma confessavel do desejo de ter inferiores e não superiores.

A noção artificial de igualdade fez nascer o odio de todas as superioridades que constituem a grandeza de um paiz.

As democracias conseguirão substituir as guerras intermitentes entre povos, por luctas continuas entre classes.

A natureza não conhece a igualdade. Ela só realizou seus progressos por meio de desigualdades crescentes.

Longe de tender á igualdade dos homens, a civilisação os diferencia cada vez mais.

Attribuindo-lhe poderes imaginarios a democracia acabou por fazer da sciencia um falso deus.

A democratica necessidade de aparecer é a mais onerosa e a menos aproveitavel das necessidades.

*

As ambições successivas da classe operaria relembram as da nobreza e do clero, contra os quaes os antigos reis tiveram tanto que lutar.

Gustavo Le Bon.

(Dos "Aphorismes du temps présent")

TUBERCULOSE E PIORRHEA HA

1.500 ANNOS

O costume dos antigos egipcios, de embalsamar os mortos, aliado ao clima, secco e calido, daquelle região, ha permitido que os medicos, por exame comparativo das condições das mumias encontradas e as manifestações pathologicas de hoje, possam estudar a historia medica retrospectiva da região nilotica.

E' verdadeiramente notável o estado de conservação de algumas mumias procedentes do Alto Egypto, pertencentes ao quinto ou sexto seculo da Era Christã, ou seja com 1.500 annos de antiguidade, que não haviam sido submettidas a nenhum processo de mumificação, salvo o de recobrillas com cal e enterra-las em ataúdes de madeira nas seccas areias do deserto.

Como não se lhes haja extrahido as visceras, nem tenham sido injectadas com qualquer substancia balsamica, dá-se o caso sorprehendente de ser possível submeter a analyse microscopica córtes de orgãos que dão com perfeita limpeza a sua estructura e peculiaridades celulares. O dr. Ruffer pôde comprovar a existencia da tuberculose entre os "coptos", o que abona a idéa de que esta enfermidade ha sido em todos os tempos e climas um açoite da humanidade, pois tanto é encontrada entre os restos do Egypto mediterraneo como entre os da Nubia tropical.

Tambem se ha podido comprovar, graças á hyperthophia dos baços, que a malaria fazia suas victimas como agora.

A piorréia dentaria é tão velha como o homem. Suas manifestações se comprovam desde os primeiros craneos prehistóricos, e pelo mau estado dentario dos craneos encontrados cabe deduzir que entre os "coptos" nada se praticava sobre arte dentaria.

Este deplorável estado da bocca se supõe ser devido ao regimen de vida. Alguns povos mantêm a integridade dentaria graças a uma alimentação de substancias seccas ou fibrosas que desempenham a função da escova. Mas entre os "coptos", que só se alimentavam de substancias brandas e cozidas, e, portanto, de facilita mastigação, a carie dentaria era a consequencia natural do seu descuido nas praticas hygienicas da bocca.

NOTAS SCIENTIFICAS

Phenomenos Psychicos. — O dr. Charles Richet, professor na Universidade de Paris, publicou recentemente um interessante e valioso livro sobre phenomenos psychicos.

O scientista francez opina pela aceitação de grande numero dos chamados phenomenos espiritas. Julga-os reaes.

Ha dez annos havia sómente duas atitudes em face desses phenomenos: a dos scepticos e a dos crentes. Os scientistas, na sua propria maioria, assumiam a primeira attitude. Eram os scepticos. Negavam todos os phenomenos dessa natureza, atribuindo-os a fraudes e illusões. Não ha taes phenomenos, diziam elles.

Alguns scientistas, porém, alistavam-se entre os crentes. Não sómente acreditavam na realidade dos phenomenos psychicos, como os explicavam pela theoria da existencia de espiritos.

Isso ha dez annos. Actualmente devemos levar em consideração um terceiro grupo que se vem formando nesta ultima década. O grupo dos scientistas, nem radicalmente scepticos, nem cegamente crentes. Estes homens admitem que, afóra a fraude e a illusão, existem reaes phenomenos psychicos. Comtudo, dizem elles, esses phenomenos são devidos, não á acção de espiritos, mas a forças naturaes ainda desconhecidas pela sciencia. A este grupo pertence Richet.

As tres attitudes — a do sceptico, a do crente e a do terceiro grupo — resultariam no seguinte se applicadas, por exemplo, ao maravilhoso invento do telephone sem fio.

Imaginemos tres individuos perdidos, ha

muitos annos, em uma ilha deserta, e trazidos agora á civilização.

O primeiro desses homens, ao conhecer um telephone sem fio, diria ilogicamente: "Isto é um absurdo. Deve haver alguma fraude nisto. Não creio que se possa transmittir assim a voz humana".

"Isto é maravilhoso", diria o segundo homem, "e deve ser obra de espiritos. Ahi está mais uma prova de que elles realmente existem".

E o terceiro individuo diria então: "eu não acredito que isto seja feito por espiritos, mas de facto a voz é transmittida, e talvez o seja por alguma força por mim ignorada. Vou estudar o assumpto".

Os phenomenos psychicos examinados pelo dr. Richet em seu livro são, ao menos por ouvir dizer, conhecidos todos.

Eis-los:

1.º — Apparições, isto é, espectros, falias e o singular phemoneno de ectoplasma.

2.º — Movimento dos objectos.

3.º — Telepathia e clarividencia. A obtenção de informações sem o uso dos cinco sentidos. O clarividente descreve coisas que se encontram a grandes distâncias.

Os casos mais admiraveis de telepathia são aquelles em que uma pessoa sente a subita impressão de um accidente ou perigo por que está passando outra pessoa ausente.

4.º — Premunição e previsão.

5.º — Escripta automatica.

De tudo isto, que é que o dr. Richet aceita como verdade?

Relativamente pouco. Mas este pouco já é, por si mesmo, muito, pois comprehende certos phenomenos geralmente tidos como extraordinarios.

Elle aceita, por exemplo, a premunição.

Acceita o que denominamos movimento de objectos, a que chama telekinesia. Acceita o ectoplasma. Da premunição diz elle: "Uma conclusão se impõe ao nosso raciocinio em face do que observámos: a premunição é um facto demonstrado. Um estranho facto, paradoxal e apparentemente absurdo, mas que somos forçados a admittir".

Do movimento de objectos diz elle: "Existem provas de telekinesia que a meu ver são sufficientes e até mesmo superabundantes".

Referindo-se ao ectoplasma diz: "Os factos de ectoplasma parece-me tão rigorosamente demonstrados como os de telekinesia, embora sejam mais maravilhosos".

A sciencia, diz o dr. Richet, é forçada a reconhecer esses phenomenos.

Com isso quererá elle dizer que, admittindo-os, deverá aceitar as causas a elles atribuidas por muitos? Não. Elle os attribue a causas naturaes, embora ainda desconhecidas. Força é reconhecer que, quanto mais avançam os pertinazes sapadores da sciencia, mais se reduz o outr'ora nebuloso campo dos mysterios e das lendas. Esperemos.

Oswaldo Serpa.

("Correio da Manhã", Rio).



DEBATES E PESQUIZAS

TRABALHO INTELLECTUAL

Crise de que soffre. Como remedial-a

A Sociedade das Nações empenha-se em promover a approximação dos povos, tanto pelo espirito quanto pelos interesses politicos e materiaes. Naquelle sentido, instituiu uma *comissão internacional de cooperação intellectual*, que, pela primeira vez, se reuniu em Genebra, em Setembro do anno passado. Compareceram altas personagens scientificas e universitarias dos principaes paizes, presididas pelo illustre philosopho Dr. Bergson.

Representou dignamente o Brasil o dr. Aloysio de Castro, Director da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

No intuito de facilitar as pesquizes dos homens de sciencia e dos eruditos, crear uma ou muitas bibliothecas internacionaes, completadas pela instituição de um deposito legal, isto é, a obrigaçao de depositar um exemplar ou varios exemplares de tudo quanto appareça em materia de livros e de periodicos, justa ao meio de usal-os, mediante bibliographia apropriada; fundar uma caixa internacional de crédito e mutuo para pesquizes scientificas, instituir uma convenção interna-

cional para garantia da propriedade intellectual, afim de obter partilha equitativa entre o inventor propriamente dito e o sabio que fez a descoberta theorica de que a invenção não é mais do que a applicação pratica, não tendo tido até agora a sciencia e os sabios os beneficios materiaes das descobertas geralmente, entretanto, derivadas da mesma sciencia; estabelecer relações regulares entre as Universidades, mediante a troca de professores e de estudantes e a criação de cursos, conducentes a que as diversas nações melhor se conheçam e se interpenetrem, — tal foi o programma adoptado.

O sr. Bergson chamou especialmente a attenção do Conselho para a actual situação dos trabalhadores intellectuaes.

Assignalou o facto afflictivo de que o trabalho intellectual soffreu sensivel depreciação apôs a guerra.

Em consequencia das circumstancias economicas e do geral transtorno, caminha-se para um estado de cousas em que as carreiras intellectuaes propriamente ditas, correm o risco de ser desertadas, desde que o trabalho intellectual, mesmo dificil, é muitas vezes menos retribuido do que o trabalho manual, simplissimo e que nenhuma aprendizagem exigiu.

No intuito de achar medicamentos para isso, instituiu-se um inquerito, porque sómente bem conhecendo a natureza e a extensão do mal e pondo-se sob os olhos do publico a verdadeira situação, se verificará o que ha a fazer ou tentar.

Nesse inquerito, devem tomar parte a imprensa, o publico, e, principalmente, os interessados. Alguns jornaes já têm accentuado a penuria da alludida situação em que uma cozinheira, ou um criado, auferé mais proventos no exercicio do seu officio, do que os membros de muitas profissões liberaes.

Entre os salarios de uns e os honorarios de outros, notam-se consideraveis e penosas desigualdades.

Vae nisso o jogo cruel, mas inevitável, da offerta e da procura.

O que, em ultima analyse, consola é que os grandes intellectuaes, os tocados na fronte pela scentelha divina, da qual receberam o fogo sagrado, abrem sempre caminho: sigam os mediocres outras carreiras.

A sociedade hodierna, atulhada em demasia, soffre de excesso de produção, em certos dominios.

Ha mais pintores, mais advogados, mais medicos, mais publicistas do que o consumo reclama.

Nesse excedente, formou-se um grupo de desclassificados, um proletariado intellectual, de que Jules Vallé estudou a psychologia no — *Bacharel* —, prefacio do *Insurrecto*.

Mas não é no seio do numero que se recruta a élite e não seria deplorável que talentos ainda desconhecidos e inexplorados. — o valor e o exito não sendo inseparaveis, se achem peiados, desviados para outras profissões, onde menos aptos se mostram?

O sr. Paul Bourget, nos seus ultimos — *Ensaios* — preconisa, entre outros remedios, a instituição de um *Credito literario*.

Poder-se-á, porém, saber de antemão o que um escriptor será capaz de produzir?

Durante muito tempo, o trabalho manual foi desprezado, ou quando menos, insuficientemente honrado.

Ao envez disso, hoje os socialistas cometem a mesma injustiça relativamente

ao trabalho intellectual, cuja pretensa superioridade denunciam com um preconceito.

Karl Marx attribue unicamente aos trabalhadores da industria a missão de dirigir usinas, de enriquecer a sociedade inteira e regenerar o mundo.

Proudhon affirmava a superioridade do homem de acção sobre o homem de pensamento, embora reconhecesse que a obra da civilização é a obra das intelligencias de élite, dos inventores, não raro anonymos, em todos os generos.

Votada ao trabalho material, a multidão não faz mais do que imitar e repetir.

Sem ella, nada se poderia executar; mas, desprovido do espirito que concebe, o homem não ultrapassaria o instincto do animal, em busca de alimento.

Uma só cabeça faz mover milhares de braços.

A Revolução russa, realizada em nome dos operarios, e, ou que apregoava, no proposito exclusivo delles, dá brilhante confirmação do perigo que taes sophisms de ruina e morte fazem um povo correr.

Sem duvida, nas circumstancias presentes, seria vantajoso ensinar a cada criança alguma arte util e prática, bem como recommendar a todos quantos a vocação leva ás letras, ou á philosophia, pouco fructuosas, de ordinario, a escolha simultanea de outra profissão.

Que os poetas tenham a prudencia de juntar varios instrumentos á sua lyra. Aos menos dotados, cumpre aconselhar a ductilidade americana, consistente em mudar de profissão quando a que se exerce não rende.

Creou-se uma força nova na extrema complicação da dívida contemporanea, — a associação, cujo poderio e cujo alcance ninguem desconhece. Nesse grande movimento organizador que resuscitou as antigas corporações, adaptando-as ás concepções novas dos direitos do individuo e do papel do Estado, sómente tomaram parte o homem do trabalho manual, o negociante, o camponez, o industrial.

Por que excluir o trabalhador intellectual que não é um empreiteiro, nem capitalista, nem manufactor?

Em recente livro sobre o syndicalismo intellectual, examina sob todos os aspectos o problema o sr. Jules Sageret, embora o

intellectualismo que se exerce em direcções tão variadas, tão contraditorias, em grados tão diversos, pareça repugnar por natureza a qualquer registro.

A divisão do trabalho, sem cessar acrescida depois da introdução do machinismo, tornou bem mais frequente do que outr'ora a separação entre o cérebro que concebe e combina e a mão que executa.

Negou-se a existência das classes abolidas, ao ponto de vista jurídico, pela Revolução, mas não cessaram elas de existir sob a forma de grupos, hoje legalmente reconhecidos, ligados por certa conformidade de interesses, ocupações, costumes, hábitos.

Em vão, tentaram os bolchevistas extinguir as classes na sua República de productores.

Esbarraram na oposição entre camponeses e operários.

A classe dos intellectuaes existe de facto, afirma o sr. Sageret.

Solidariedade necessária liga todas as actividades de inteligência humana.

As ciências, as artes, as philosophias, as religiões correspondem a exigências superiores, são menos imperiosas, no conjunto, quanto menos generalizadas, do que as da vida natural.

Nada, pois, é mais justificado do que a cooperação consciente da intitulada *Confederação Geral do Trabalho Intellectual*, destinada a completar-se mediante accordos internacionaes, e mais levada à conciliação e à harmonia do que à luta de classes, cooperação tendente ao levantamento dos chamados — escravos das letras, servos da pena, galés do pensamento.

Antecipando, o sr. Sageret já vê na *Confederação Geral do Trabalho Intellectual*, ao lado da *Confederação Geral do Trabalho*, dos syndicatos agrícolas, dos syndicatos patronaes, dos syndicatos dos economisadores, etc., uma especie de conselho nacional, de Senado profissional, esclarecendo, quando, fiscalisando o Estado e as forças occultas que o dominam, com maior independencia do que a imprensa e o Parlamento.

A verdade é que a *Confederação Geral do Trabalho Intellectual*, fundada em 1920 já reuniu cento e vinte mil membros e tem promovido a defesa dos direitos dos escriptores, a redacção de contractos, typos,

a colaboração nas reformas do ensino, a formação de agrupamentos parlamentares, afim de fazer prevalecerem as suas idéas.

Conclue assim o eminent critic sr. Jean Bourdeau um estudo sobre o assumpto, estudo de que o presente artigo é mero resumo, com esta observação:

Não ha sistema, nem progresso de organização, cuja logica e engenho possam suprir o valor pessoal dos adherentes e dos directores.

E' nesse sentido que convém desejar á *Confederação Geral do Trabalho Intellectual* bom exito e prosperidade.

(“Jornal do Brasil”).

Affonso Celso.

SAL, BRONCHITE E ASTHMA

Se os que têm bronchite chronica, quizerem saber se é grave ou não, basta comerem um pouco mais salgado. Se o catarrho aumentar muito, o caso é mais grave. Já ha esclerose pulmonar. Se aumentar pouco, o caso é benigno.

Eis uma prova que todos podem fazer.

A descoberta da grande influencia do sal sobre as glandulas mucosas do pulmão acaba de ser feita por Besançon, Jong e Jacquelin, que encontraram na autopsia “uma extraordinaria hyperthrophia” dessas glandulas em individuos submettidos, para experiencias, a regimen salgado. Note-se: A morte sobreviu por outros motivos. Não pela experiência do sal.

Até agora era crença geral que o sal pudesse produzir só edema do pulmão. Era um engano. Está provado hoje que o sal pode produzir phenomenos pulmonares varios e de gravidade diversa: Hydrorrhéa (escarro aquoso) bronchial, catarrho pituitoso, e, até, verdadeiras secreções purulentas! Para que isso aconteça, porém, é preciso que o apparelho respiratorio se ache modificado por sofrimentos anteriores.

Os ultimos estudos sobre este assumpto foram feitos em 35 doentes: 16 com accidentes cardio-renaes evidentes, e 19 que pareciam ter só bronchite chronica.

Dadas as relações que ligam o rim ao coração e este ao pulmão, não é de admirar a grande proporção de doentes que venha sofrer também do coração e do rim na bronchite chronica, mesmo quando outras causas não houver. Esses doentes, entrando para o hospital e submetidos a dieta rigorosa, sem sal, melhoravam rapidamente. Eram portadores de affecções broncho-pulmonares agudas, ligadas, porém, a bronchites chronicas. Depois de oito ou dez dias, quando os symptomas ficavam estacionarios, então se lhes começava a dar sal, e via-se o volume do escarro aumentar extraordinariamente, duplicando-se em uns e tripliando-se em outros! E continham mais pus. O sal havia "mexido" com a bronchite chronica!

Ora, esta noção é importantissima no ponto de vista do tratamento.

Com efeito, durante as experiencias dos primeiros 16 doentes, isto é, daquelles que, além da bronchite chronica, tinham também lesões cardiorenaes, — os ataques de asthma, a falta de ar, o estado do pulso, do coração, do figado, o aumento da expectoração e os accesos nocturnos foram tão fortes que foi preciso, em muitos delles, suspender as experiencias.

Os estertores da bronchite e os estertores finos da base do pulmão aumentaram. Mas mesmo naquelles casos em que não parecia ter havido aumento de estertores, houve aumento de albumina no escarro, que significava o exagero do edema do alveolo pulmonar. Em alguns casos houve tal abundancia de expectoração, que foram classificados de verdadeiras hydrorrhagias! Em alguns casos houve grande aumento de pús.

Em linhas geraes, pôde-se dizer que, apesar da nephrite existente nesses 16 doentes, elles reagiram ao sal muito mais pelo pulmão do que pelo rim!

Como isso é extraordinario, tendo em vista a pratica diaria que mandava, até agora, em caso de nephrite, ter em relação ao sal, tanto cuidado com o rim e nenhum cuidado com o pulmão!

Aquelles, desses portadores de bronchite chronica, que já tinham tido crises de asthma, durante a prova do sal, tiveram dyspnéa paroxistica.

Em alguns casos dessas bronchites chronicas, a quantidade do escarro dobrou, logo, a partir do segundo dia, e mesmo desde o primeiro, a tosse tornou-se mais frequente e mais penosa. Os escarros tornaram-se mais viscosos e mais ricos em mucus.

Supprimindo, de novo, o sal todos esses phenomenos desapareceram, voltando tudo ao estado anterior.

Depois foram feitas experiencias sobre 19 doentes que se poderiam chamar portadores de bronchites puras. Isto é, não sofriam dos rins e do coração como o grupo das experiencias citadas. Todos elles tinham bronchite chronica, com esclerose pulmonar e muitos sofriam de asthma.

Um tratamento salgado provocou edema que se manifestou por um aumento de 2 a 3 kilos de peso.

Essa experiencia provou que 13 desses 19 que pareciam não sofrer do rim, eram tão sensiveis ao sal que alguns ficaram inchados!

Mas não foi esse o maior mal. Os maiores sofrimentos se manifestaram do lado do pulmão com dyspnéas terríveis! Essas crises eram, de preferencia á noite. A expectoração aumentou extraordinariamente.

Considerando esses dous grupos de pacientes, os autores pensam que, quando ha insufficiencia cardiaca, — na prova do sal, ella é responsavel pelo aumento da albumina no escarro; é que a insufficiencia renal, á eliminação dos chloretos, é mais responsavel pelas modificações respiratorias.

Em resumo:

A ingestão de sal produz perturbações pulmonares importantes, não só nos que soffrem do coração e do rim, mas também nos asthmaticos, nos portadores de bronchite chronica, com coração e rim normal ou apparentemente normal.

Dr. Nicolau Ciancio.
("Jornal do Brasil").

FUTURISMO

Não sou dos que desejam que a arte estacione nos velhos tempos e nos motivos mil vezes repetidos. Nunca liguei

ás normas, aos preceitos, ás regras, ás leis, em que certos artistas, besuntados de classicismo, querem encaixar a livre expansão da vida em busca da Belleza.

Sempre pensei que a melhor forma é a que mais perfeitamente traduz as intimas emoções e que cada artista deve ter os seus proprios meios de expressão, a sua forma original e os seus ryhtmos ineditos.

Cada artista deveria ser uma escola, unica, inconfundivel, inimitavel. Então seria, verdadeiramente, a arte, um contínuo vir-a-ser, e seria cada artista um revelador a lançar para o futuro uma expressão nova de belleza, um modo novo de sentir, de pensar e de querer. Seria uma escalada eterna atravez de spectaculos e mundos irrevelados, e se tornaria a arte, uma renovação perpetua de valores.

Isto eu entendo por futurismo: a marcha ascencional para o Infinito, em busca de estranhas harmonias, de universos desconhecidos, de sonhos e miragens nunca percebidos.

Mas o que vae por ahi sob o rotulo de futurismo, penumbrismo e outros disparatados "ismos", é apenas a repetição dos antigos e gastos themes, das aborrecidas futilidades, muito melhor tratadas pelos "passadistas".

Que nos trouxe de novo Marinetti e os seus sequazes?

Barulho desordenado e nada mais. Mudaram a forma, tornando-a tumultuaria; desconjuntaram os versos, viraram tudo de pernas para o ar; gritaram, uivaram, blasphemaram e pularam ao som das vrias e da pancadaria, mas que estradas inexploradas abriram para os atormentados bandeirantes do Sonho, que novos e miraculosos mundos descobriram, que immensidades do espirito devassaram, que abyssos profundos penetraram da nossa mysteriosa psyche?

Algum raio de vida maior talvez brilhou no atordoante dynamismo da desengonçada arte futurista?

Palavras soltas, dynamismo, simultaneidade, colorido metaphysico, chimismos lyricos e mil outras innovações revolucionarias, as applaudiria se fossem expressões de uma nova sensibilidade, se mostrassem aos meu olhos cansados pela

repetição das mesmas e enfadonhas visões da vida moderna um inedito spectaculo; se abrissem para todos os meus sentidos os portaes de ouro para imperios do Sonho nunca vislumbrados. Mas nada de novo diz a arte futurista, senão que é preciso deturpar tudo, derrubar tudo: queimar museus e as bibliothecas, renovar, renovar, renovar!...

Mas para que? Para ir aonde? Para dizer as mesmas tolices, as mesmas bobagens que já disseram os romanticos em versos melosos, que já exaltaram os parnasianos em versos inexpressivos e cantaram os symbolistas em nebulosidades incomprehensiveis. Barulho os parnasianos já o fizeram; periodos ou versos indecifraveis já os escreveram todos os symbolistas sem talento. De fanfarronadas e fogos de artificio, pinotes e cambalhotas o parnasianismo está cheio, estão cheias todas as escolas.

O que é preciso é renovar a sensibilidade, o pensamento, toda a vida interior e isto ainda não foi tentado nem pelo futurismo, nem pelo penumbrismo.

Penso que uma renovação da arte deveria ser tentada para que se produzisse obras menos ephemeras e menos inuteis. A Arte dos nossos dias, a futurista, como a que os pseudos innovadores chamam de passadista, exalta unicamente o que é futile, mediocre, ephemero como os innumeros livros que os prelos arrotam diariamente. As grandes realidades do espirito, os problemas atormentadores que surgem das nossas relações com o Universo, os mysterios apavorantes em que tacteamos, tudo enfim que se eleva acima da vida insipida de cada dia, tudo que mergulha o pensamento num sentido mais alto da existencia e tem verdadeiro valor para a evolução espiritual da humanidade, é desprezado, é banido dessa cousa ignobil que chamam arte moderna.

Banido porque? Unicamente por insuficiencia mental.

Novellas, romances, versos, ensaios, musicas, quadros, tudo o que se produz actualmente, em sua maioria, reflecte apenas a mediocridade de uma epoca futile, superficial, dispersiva e sem consciencia da alta finalidade do espirito.

Qual é a obra da actualidade, com rotulo futurista ou penumbrista, cubista ou dadaista que tenha trazido alguma cousa de realmente novo, para sacudir a nossa sensibilidade e dilatar ou aprofundar a nossa vida interior?

Quem nos mostrou horizontes mais amplos e mais illuminados que esses que vislumbraram Emerson, Maeterlinck, Carlyle, Rodó, Poe, Schuré, Ruskin, Amado Nervo, Tagore, Walt Wittmam, Romain Roland, D'Annunzio e cem outros passadistas, que os senhores futuristas conhecem apenas de nome?

Eu desejaria que me dissessem o que de velho, de encanecido ha nesses sublimes passadistas que os futuristas tenham superado.

Em sensibilidade, na literatura luso-brasileira, quem dos novos foi além de Anthero, Cruz e Souza, Cesario Verde e o proprio atormentado Antonio Nobre?

Talvez esse caixeiro viajante da literatura luza que é o sr. Antonio Ferro pode ser comparado a Anthero?

Existem alguns que tentam uma renovação esthetica, porque ha em toda a parte uma onda de vida nova a circular, mas esses poucos que tentam uma reacção idealista, verdadeiramente idealista, futurista, no verdadeiro sentido que essa palavra tem, são repelidos para a obscuridade, não são comprehendidos ou finge-se não comprehendel-os.

A arte contemporanea, salvo raras excepções, tornou-se uma kodac para registrar em tons berrantes e absurdos as mil e uma estupidas futilidades diarias. Sempre os mesmo themas, as mesmas bobices, o mesmo romantismo doentio, as mesmas nevroses, as mesmas degenerescencias, o mesmo naturalismo, o mesmo satanismo que vêm desde Poe, Baudelaire, Nietzsche, Leopardi, Anthero, Zoja e outros que ninguem mais lê.

Temos necessidade, sim, de uma arte nova para exprimirmos, não as sensações que nos causam os vendedores de batatas assadas no Braz, as melindrosas e os almofadinhas da Avenida Rio Branco, a busina irritante dos automoveis, a gargalhada dos clowns, o barulho infernal das officinas ou a podriqueira das tascas e dos bordeis, mas a que traduz melhor e mais profundamente esse

lado desconhecido da alma humana que tenta a escalada do infinito, que busca o mysterio das cousas ignoradas, aspira a cimos inexplorados, anceia por mais vastas espheras do ser, e sente, apezar da vertigem da vida moderna, uma estranha attracção para a Unidade do Todo, para as ignotas regiões do silencio, onde o espirito se liberta de toda a tristeza e de toda a contingencia que o prendem á terra.

A vida mundana nos empolga, nos afasta da nossa rota de almas e ergue uma altissima muralha, entre o nosso Eu e o Universo.

Julgamo-nos originaes e não somos mais que emparedados; emparedados dentro da nossa illusão e da nossa contingencia.

Arte é um vislumbre do Além das nossas sensações, do que está fóra do carcere em que estamos emparedados. O mundanismo: eis o carcere.

Eu sonho uma arte que nos faça transpor a muralha artificial que creamos e julgamos ser o nosso mundo. Derrubar, derrubar essa parede, apavorante, a elevar-se brutalmente entre nós e o infinito, eis a aspiração do artista, mas destruir esses vislumbres de eternidade que exaltaram artistas do passado é, simplesmente, loucura. Destruir a parede e por-mo-nos deante do insondavel mysterio do Ser, para devassal-o e confundirno-nos com a vibração dos mundos e dos sóes, é isto romper com o passado, fazer arte e olhar para o Infinito.

Só olhando para o Infinito, no sentido de descobrir mundos de sensações novas, é que podemos formar em nós uma nova consciencia da Belleza, transcender todas as escolas e criar verdadeira arte futurista.

A originalidade não será então uma cousa rebuscada e artificial, mas um phemoneno expontaneo do nosso espirito creador, uma expressão peculiar do nosso modo unico de apreciar a Illusão universal.

Originalidade é livre expressão da vida interna, mas nós somos tudo, menos nós mesmos.

Pertencemos á sociedade, á época, aos costumes, ás ambições, aos criticos; pertencemos a mil illusões creadas pelos outros e por nós, mas a nós mesmos nunca

pertencemos. Cuidamos do que a critica ou o publico fará de nós e das nossas obras, mas não cuidamos do que as nossas forças interiores poderão fazer do nosso Eu nem em que plano dos destinos cosmicos nos podemos collocar com o nosso pensamento.

Abramos as portas para a grande Vida Cosmica, que a arte seja a luz a illuminar os caminhos da Eternidade e do Infinito, caminhos para ir além do nosso seculo, além da Sociedade, atraç, á esquerda e á direita de nós, formando altissimas e negras muralhas que nos encarceram.

Tenhamos a coragem de voltar-nos a nós mesmos e de nos pôr face a face com a Noite incommensuravel, para encapel-a de visões nascidas do nosso espirito deslumbrado.

Que seja o nosso Eu a nossa primeira creaçao esthetica e o Universo uma desvairadora phantasmagoria a nos exaltar, elevar e fundir com a Unidade inviolavel e infinita.

Alem da distancia, do nosso proprio eu finito, que seja cada mundo uma particula do nosso ser, e todos os seres se confundam em nós, e toda a vida seja a nossa vida e o Todo em nós vibrar e cante, se converta numa cavalgada de expressões estheticas, como se fosse a nossa consciencia o centro de onde jorram os mundos e onde o universo se torna consciente de si mesmo.

A Arte assim será toda a nossa vida e tudo, ao nosso contacto, se transformará em Belleza.

Angelo GUIDO.

(“A Tribuna”, Santos)

O NOSSO MILITARISMO E A AMÉRICA

Pequena concurrenceia teve o embarque da delegação que vai representar o Brasil na Conferencia de Santiago. A falta de ordem observada serviu para explicar o descaso popular pelo acontecimento. Os membros da delegação subiram separadamente, e cada qual, por sua vez, a escada do “Flandria”.

Mas não se disfarça tambem a indif-

ferença real da populaçao pela Embaixada e por tudo que diz respeito á Conferencia de Santiago, apezar do noticiario dos jornaes, que pagaram com generosidade o esquecimento com que foram tratados e fizeram grande reclamo de uma assembléa a que não se julgou necessário o comparecimento delles.

Essa indifferença do povo me faz apprehensivo, porque em um momento internacional delicado como o que vamos travessando, precisavamos de apresentar aos demais paizes do continente outra cohesão, feita de perfeita solidariedade e conhecimento do povo, que deveria estar informado de nossa posição e dos pontos de vista que vamos defender, se não em todos os pormenores, ao menos naquelle que pudesse concorrer para formar uma opinião publica favoravel. O prestigio das Embaixadas depende essencialmente da firmeza com que as prestigia o povo que elles nominalmente representam. E devíamos ter cuidado mais attentamente desse particular; o momento o reclamava.

Por mais relevo que houvessem tido as outras Conferencias pan-americanas, não supportam paralelo com a extraordinaria importancia da assembléa a reunir-se em Santiago. A clausula quinta de seu programma, relativa ao desarmamento, lhe deu outra significação e fez muito mais delicada a missão de nossa Embaixada. Já a escaramuça de Janeiro nos deve ter mostrado quantos embaraços e obstaculos nos esperam. Basta dizer que estamos com a causa antipathica: o mundo nos olha, neste momento, com o sobrecenho carregado. Quer parecer-me que não ha maior constrangimento do que agir em semelhante atmosphera. É evidente que não temos forças para modificar a situação, a menos que mudassemos de propositos e fallassemos aos outros povos a linguagem sinceramente pacifica que está de acordo com o sentimento do nosso povo.

Para a Europa, para os Estados Unidos, para as Republicas da America do Sul, somos um paiz militarista, imperialista, ambicioso. Enxergam-nos vestidos de couraças guerreiras, com os Vulcanos nacionaes curvados sobre as suas forjas, no preparto das armas temiveis.

Vêm-nos com as presas de lobo e por isso nos hostilisam, com uma antipathia sincera. O mundo combate espontaneamente os lobos, ou quem se metta em pelle de lobo. No incidente da Conferencia preliminar de Valparaizo a imprensa sul-americana unanime formou contra nós. Até o Uruguay, nosso amigo tradicional, entrou na corrente adversaria. A hostilidade contra o Brasil vinha espontânea e immediata. E o que mais nos deve doer, era que tinha cabimento e allegava motivos ponderosos.

Gosava o continente de tranquilidade, quando o Sr. Epitacio Pessôa iniciou o seu programma militarista. E' certo que o Chile se mantinha poderosamente armado, de acordo com as suas tradições, mas os problemas do Pacifico bastavam para lhe absorver toda a atenção. A Argentina, que em outros tempos tivera grande movimentação militarista, na presidencia do Sr. Irigoyen, desprezou os programmas armamentistas, preoccupada com outras questões, que tinham maior relevo para o seu Presidente. Em meio dessa atmosphera, a offensiva militarista do sr. Epitacio Pessôa ecoou como um brado de desafio. E procuramos realizar um poderoso programma de armamentos.

Vieram, então, os quartéis luxuosos, erguendo-se em vários Estados; houve o aumento, pelo menos no papel, dos effectivos do Exercito, contrahimos a missão militar francesa e fizemos um extenso programma de reformas; contratamos ainda a missão naval americana. O dinheiro não deu para mais; todavia, como um testemunho frisante de belicosidade, chegamos ao extremo de realizarmos as nossas manobras do Exercito na fronteira do sul. Tinha havido de permeio a campanha de Olavo Bilac, denominada patriótica.

Não poderíamos fazer tudo isso sem despertar inquietações. E é justo que as nossas vizinhas se surprehendam com esses preparativos e cuidem de sua defesa contra o que não pôde parecer senão um projecto de imperialismo.

"La Prensa", de Buenos Aires, fez, durante esse tempo, uma campanha memorável, pleiteando a reunião de uma Conferencia de desarmamento para des-

viar essas ameaças de guerra. Escriptos com moderação, os seus artigos impressionavam pela argumentação lógica e pela intelligencia com que combatiam esses preparativos guerreiros, num continente que todas as circumstancias parecem ter preparado para abrigo e residencia da humanidade pacifica. E em toda a imprensa sul-americana não foi outra a impressão havida de nossa política militarista.

Ella repercutiu muito mais longe. O Sr. Oliveira Lima recordava, ha dias, a opinião dos americanos, citando o artigo do Sr. Stephen Bonsal. Tenho aqui perito o numero de Setembro do anno passado do "Current History", onde se publicou o trabalho do Sr. Bonsal. Vejo que elle recorda toda a nossa política armamentista. Diz que o nosso Exercito elevou-se a 116.000 homens, numero superior ao total dos Exercitos sul-americanos, os quais, sommados, attingem só a 108.000 homens. Falla na campanha de Bilac e lhe attribue tal sucesso que "ás vezes, de acordo com os algarismos officiaes, havia mais de cem mil homens recebendo instrução militar como membros de sociedades de tiro, muito encorajadas e subvencionadas liberalmente pela ultima administração". O autor observa ainda a elevadíssima porcentagem que as despesas militares consomem nos orçamentos das Repúblicas sul-americanas.

Que resultado poderíamos esperar dessa orientação, senão o de inquietar os nossos vizinhos? O Sr. S. Bonsal o diz ainda: — "Disquieting were the consequences of these progressive steps toward general armament".

Todavia, não ficamos nisso. O abysmo armamentista nos empolgou. Em Genebra, perante a Liga das Nações, tomámos atitude hostil ao desarmamento e repudiamos as resoluções de Washington. Frisámos desde esse momento o nosso ponto de vista de possuirmos força de acordo com um criterio favorável á expansão militarista. Quando se redigiu o programma para a Conferencia de Santiago, insistimos no conceito; e quizemos ainda reunir o Chile e a Argentina para decidir o caso, comquanto esses dous países sustentassem theses diversas.

A imprensa continental nos foi adversa e algumas folhas prestigiosas nos combateram, agindo sinceramente, espicaçados pelo programma militarista do Sr. Epitacio Pessoa.

Não sabemos ainda da attitude que vae ser adoptada pelos nossos representantes. Tenhamos apenas uma certeza: se insistirmos no nosso ponto de vista, ficaremos isolados na Conferencia e veremos entre nós a hostilidade dos paizes do continente. Acredito que os Estados Unidos intercedam e obtenham uma formula conciliatoria e extremamente vaga, como se fez na reunião preliminar para a redacção do programma da Conferencia. Continuaremos, entretanto, na mesma posição, rodeados de todas as antipathias que nesta hora nos observam vigilantemente. Não soaria mal uma proposta dilatoria, pedindo conferencia especial, justificada pela magnitude do assunto. De qualquer modo, porém, cabemos afastar toda a idéa de attitude arrogante, ou ireductivel, uma vez que estamos evidentemente com a responsabi-

lidade da causa má ou, para dizer melhor, a da parte de provocador, que nos é attribuida pelo programma de militarização exagerada do paiz.

Sei com que intutitos o Sr. Epitacio armou o paiz, mas vejo que taes actos deviam naturalmente provocar as consequencias que tiveram, assustando as Republicas sul-americanas e pouco na ordem do dia a funesta corrida aos armamentos.

Acredito que os responsaveis pela nossa politica exterior aproveitarão a oportunidade actual para desfazer esse ambiente de antipathia e de prevenção. Somos uma Nação pacifica e todo o nosso interesse se combina com a causa da paz. Mas não bastam palavras para desnudiar os horizontes internacionaes e ou daremos actos decisivos para testemunho de nossa sinceridade, ou será melhor o silencio.

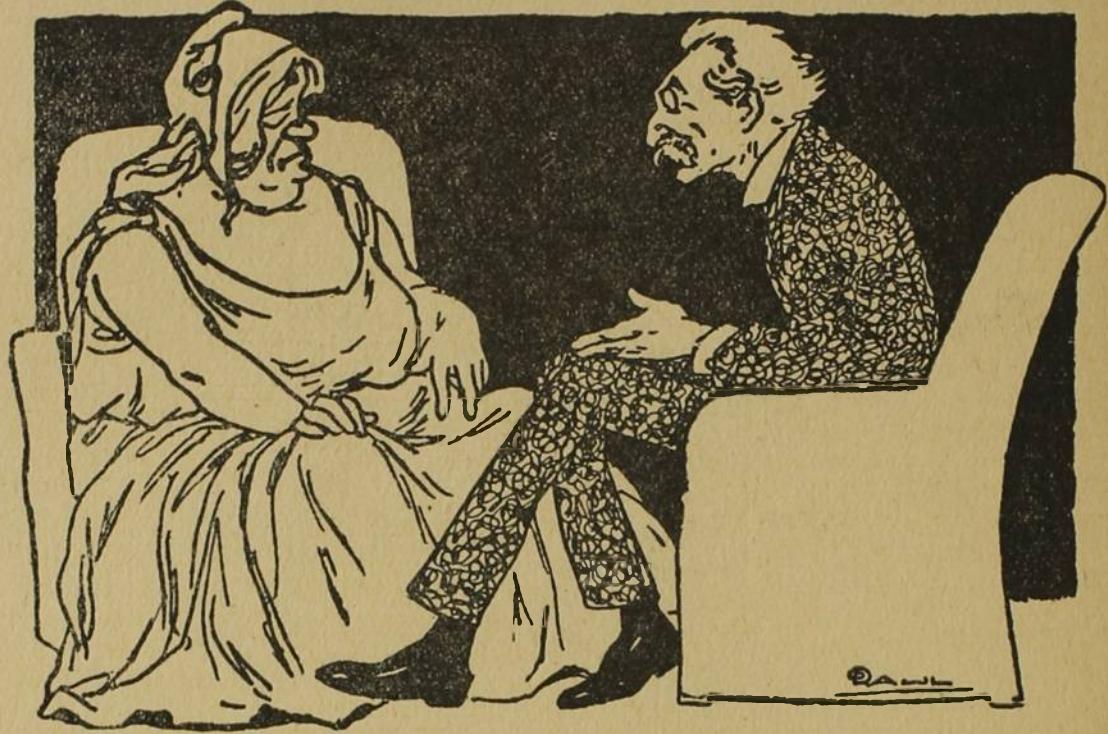
Barbosa Lima Sobrinho.

("Jornal do Brasil")



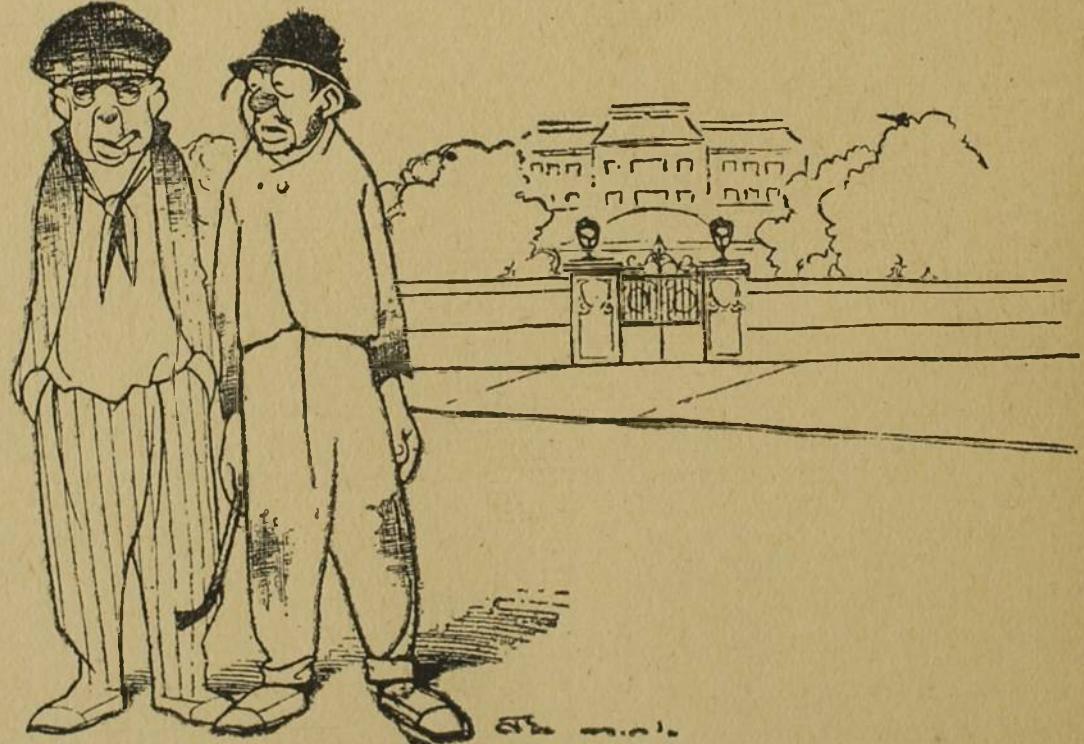
AS CARICATURAS DO MEZ

FALA O VELHO TRIBUNO



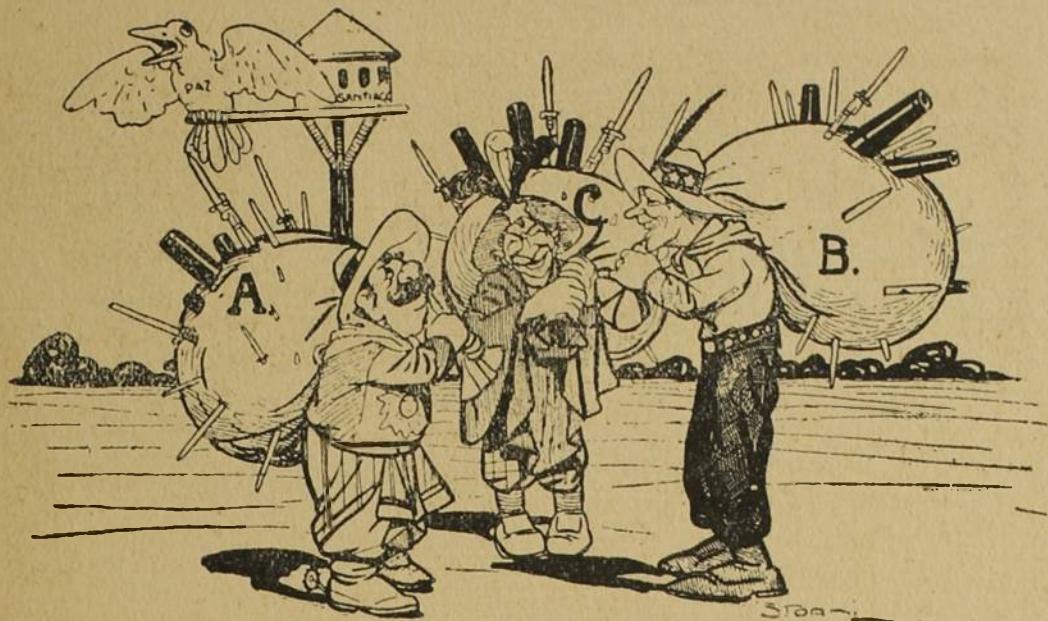
Lopes Trovão — E eras tão bella no tempo da monarchia!...
Raul — (D. QUIXOTE)

O «PARAIZO DOS LADRÕES»



— Nem um soldado, «Pé Leve»! Até é uma vergonha a gente roubar
numa terra destas!
Belmonte — (D. QUIXOTE)

O acordo da limitação de armamento no Brasil, Argentina
e Chile na conferencia de Santiago.

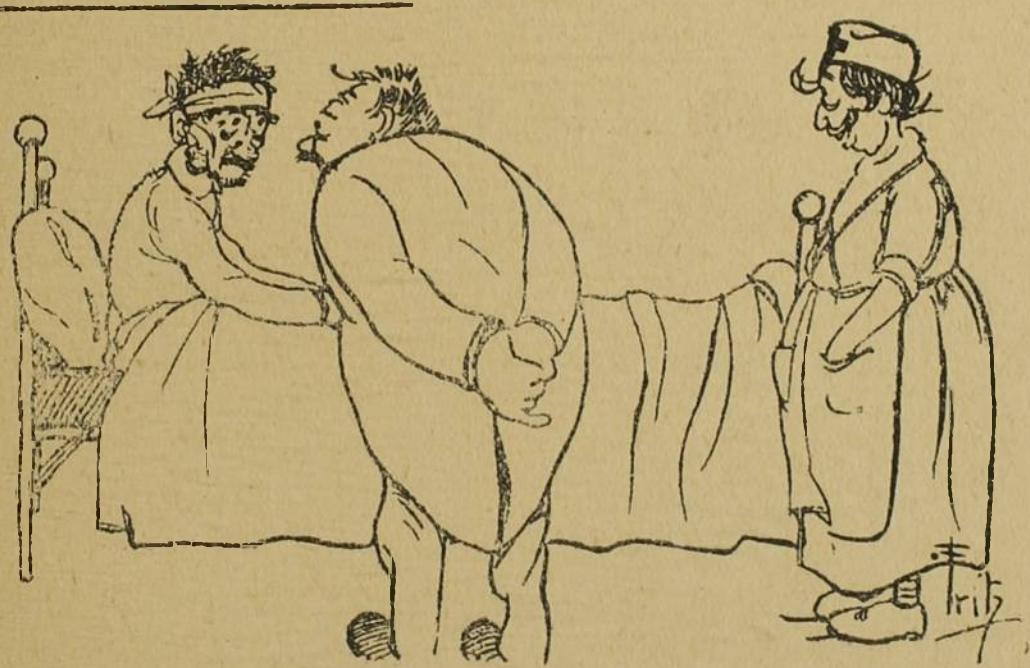


Quem fôr *troxa*, arrea a trouxa logo...

(D. QUIXOTE)

PHYLOSOPHIA MEDICA

(*Nos Hospitais*)

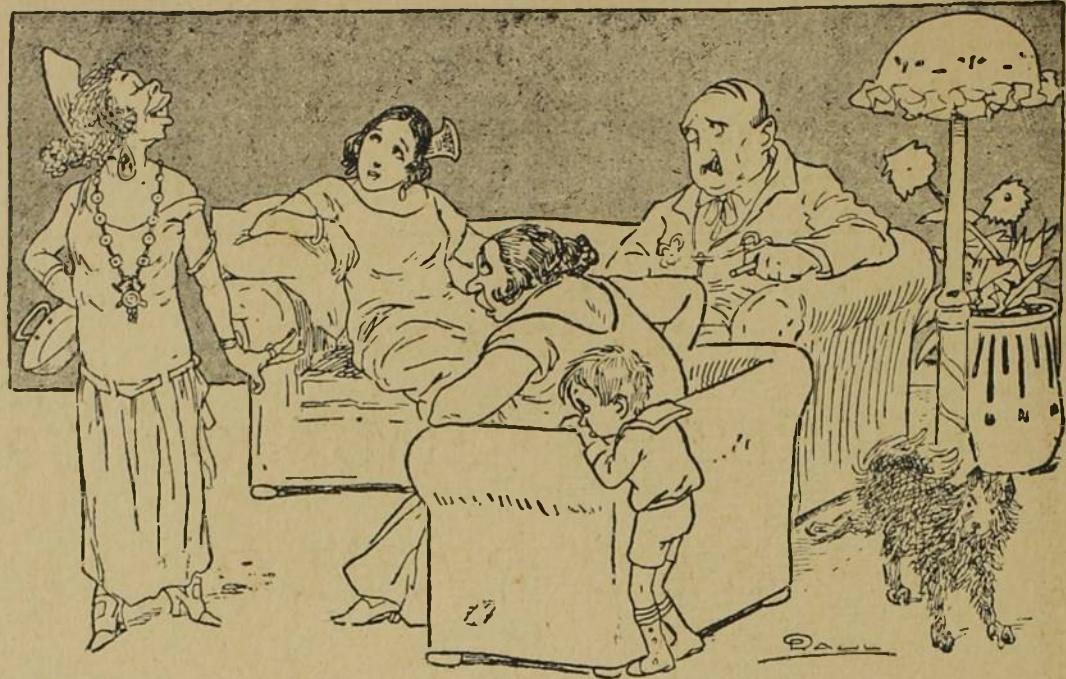


O doente — Eu morro, Dr.?

Doutor — Com certeza!... Mas, não vale a pena desesperar... A vida está tão cara!

(D. QUIXOTE)

A COSINHA «EM FREGE»



— Hoje, si quizé, é ajantarado... Sou premiera frigideira do *jazz-band* do Blóco das Tanajúras Malacafentas do Itapirú e tenho ensaio inté de menhã.

— Mas... você volta, Felismina ?

(D. QUIXOTE)

CONSOLO



— Que foi isso, Antonio ? partiste a cabeça !!

— E' verdade; em compensação a arvore tambem partiu o galho...

(D. QUIXOTE)

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
construcçao, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

COMPRE A TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e vitoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario : AGRIPPINO CRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORIA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Sexta-Feira, 13 de Abril

1 00:000 \$ 000

Por 8\$000

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas

O maior Successo Esportivo

“DICCIONARIO DO FUTEBOL”

Por GUY-GAY

diz “O ESTADO DE S. PAULO : “Cremos que não existe outro melhor trabalho no genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro indispensavel de todos os futebolistas”.

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua dos Gusmões, 70 — São Paulo

46308

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

—III—

MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2. ^a edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2. ^a edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1. ^a edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Hygiene e tratamento homeopathic das doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudos	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocuções	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos	4\$000
RAOUL POLLILLO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>O Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradução da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÉME — <i>Gritos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos homens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros, versos</i>	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Grupiaras, versos</i>	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjuncções</i> , edição escolar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco falecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO

DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais a vida e restabelecer o appetite e a função digestivo pelo uso da

GLYCOSURINA



herolco medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA
JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

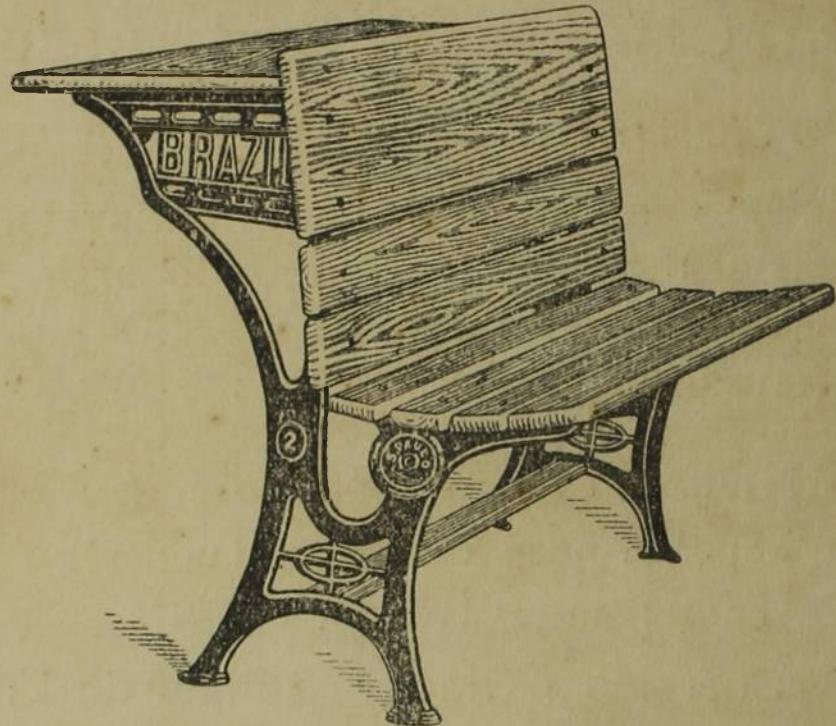
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —
J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216
SÃO PAULO